

*Amar-te-ei
por toda a
eternidade*



B. M. Oliveira



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

*À minha alma gêmea, que tenho certeza que me
acompanha em todas as minhas encarnações.*

PERIGOSAS ACHERON

*Agradeço a minha mãe por ter me ensinado o
amor mais puro;*

*Sou grata aos meus avós por ter me conduzido
nas linhas corretas para amar de forma genuína;*

*Agradeço imensamente ao meu irmão por ter
me mostrado o que era o amor fraterno;*

*E por fim, demonstro todo o meu amor a
Nicolas Brito, meu namorado, que me ensinou que
o amor ia além dos laços sanguíneos.*

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

I PARTE

I

II

III

IV

V

VI

VII

II PARTE

I

II

III

IV

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

V

VI

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

I PARTE

PERIGOSAS ACHERON

I

*“A futura Lady Wessex confiava sua
vida ao amado.”*

O Sol brilhava na Escócia iluminando os campos de trigo, aquele era um clima diferente do normal. Parecia que os deuses estavam a favor do casal, que naquele momento estavam iriam ao altar. Como de costume, quando fazia sol, a festa seria do lado de fora do castelo da família Wessex, descendentes da linhagem de mesmo nome.

O campo verde fazia contraste com a plantação de trigo ao fundo, e os convidados já estavam se encaminhando por entre as mesas, em direção à entrada da capela do castelo, onde ocorreria a cerimônia principal. Todos estavam ansiosos para aquela data, pois quem conhecia os noivos sabiam que mesmo o matrimônio sendo arranjado, eles se amavam de uma forma genuína.

Gregory Wessex e Isabelle Turner conheciam-

se desde pequenos, e sabiam que um dia iriam se casar. Por terem tido um contato logo cedo, tornaram-se amigos, e a amizade evoluiu para um amor avassalador. Ambos faziam tudo unidos, e tiveram também suas primeiras experiências juntos, a maioria delas escondidas de seus pais e da sociedade britânica, pois sabiam que se fossem descobertos seriam banidos da família. Entretanto, a única pessoa que desconfiava das peripécias dos jovens era Margareth, a mãe de Greg^[1], que por sua vez calou suas suspeitas, principalmente porque sabia que se os pais da moça descobrissem, o seu filho poderia perder a vida.

Hoje, com vinte e um anos Gregory e vinte Isabelle, seria o dia do casamento, o momento em que eles poderiam se unir oficialmente. Contudo, eles haviam consumado o futuro casamento aos dezenove anos, pois sentiam um desejo tremendo e uma confiança exacerbada um no outro. A futura Lady Wessex confiava sua vida ao amado, e ele seria incapaz de fazer algum mal a ela, tanto que o mesmo nunca olhou para nenhuma outra mulher fora sua futura esposa. Ele só tinha olhos para a jovem, e seria capaz de se matar caso fizesse-a

sofrer.

Em um dos quartos do castelo, Isabelle se organizava para poder descer as escadas e ir de encontro ao seu noivo. Ela tinha uma inquietação na perna, batendo o sapato de salto contra o chão. A jovem estava linda e finalmente tinha os cabelos presos em um coque alto, sinal de que seria uma mulher casada.

Seu corpo era magro e curvilíneo, o espartilho extremamente apertado fazia os seus seios pularem do vestido, aparecendo levemente o seu busto. O branco da peça que ela utilizava combinava com a sua pele alva, enquanto o véu fazia contraste com o cabelo extremamente negro, que quando solto batia na cintura. Os olhos da jovem pareciam duas esmeraldas de tão verdes, o que dava combinava com suas sobrancelhas finas e negras como os cabelos. Seu nariz era arrebitado e o seu rosto levemente triangular, dando um ar angelical misturado com arrogância.

Isabelle Turner era a noiva mais linda que alguém poderia observar, seu vestido ia até o chão,

tinha mangas cumpridas e o busto em formato de coração. Tinha algumas pedras na parte superior e na barra da saia, mostrando que vinha de uma família rica. A saia rodada combinava com o véu, que tinha em suas bordas um pouco de brilho, a jovem parecia uma santa, coisa que estava muito distante de ser.

Isabelle gostava dos padrões da sociedade londrina, seguia a risca tudo o que o padre falava e que seu pai ditava, entretanto quando chegava ao lado de Gregory tudo mudava. Ela deixava de ser a garota que era orgulho para os pais e transformava-se no que ela realmente era por essência, uma jovem arisca, arrogante, grossa, e que achava os padrões sociais uma bobagem. Juntos eles aprenderam a não se importar com o que os outros diziam, pois saíam das normas apenas por amor, e para ambos não havia nada de errado em amar.

Isabelle olha de relance para a jovem que terminava a sua maquiagem, tinha certeza que ficaria linda, pois Anne, a filha de sua babá, sabia como fazer seu rosto ficar ainda mais bonito. A jovem confiava o seu rosto a garota, pois tinha

certeza de que se a mesma errasse, seu pai deixá-la-ia arrancar a mão da jovem fora. Entretanto, a lady não costumava pensar em fazer mal a alguém, só aquela garota irritante, pois mesmo ela sendo uma excelente maquiadora, a jovem era apaixonada pelo seu futuro marido.

Isabelle sabia tudo o que se passava em sua casa, e certa vez seu noivo havia lhe dito que sua maquiadora, e antiga amiga, havia se declarado para ele, dizendo que faria tudo pelo mesmo e chamando-o para fugir. Ele, por sua vez, não aceitou nada, só tinha olhos para Belle^[2], sonhava com a sua esposa e acordava pensando nela, entretanto sabia que precisava contá-la a sobre o acontecimento, pois sua amada não poderia ser amiga de uma pessoa que queria o que lhe pertencia. Sabendo disso, hoje, a futura lady Wessex convidou a garota para o seu casamento, no intuito de mostrar que Gregory pertencia apenas a ela.

— Estás pronta, Lady Isabelle. — Anne diz com sua voz fina, fazendo com que a jovem se irritasse, porém fez de tudo para não perder a

classe, pois além de ser o dia do seu casamento, aquela garota era mais uma pessoa insignificante.

A lady olha de forma mortal para a sua interlocutora, denunciando que a mesma estava com raiva. Aquele era o olhar que a mesma sempre direcionava a Anne desde quando descobriu o que havia acontecido. A jovem engole em seco ao observar sua patroa, tinha medo de Isabelle, sabia que ela era capaz de tudo, e que o seu pai a autorizaria a fazer qualquer coisa.

Anne Smith se arrependia do dia em que se declarou para Gregory, além de receber um não acompanhado por uma grosseria de seu amado, perdeu para sempre a sua amiga, que, mesmo alimentando a esperança de conseguir o noivo de Belle para si, a lady era uma excelente pessoa e gostava de sua conversa. Hoje ela havia sido convidada para o casamento, não sentia mais o mesmo por Gregory e fez o seu melhor trabalho no rosto de sua patroa, não por medo e sim por amizade.

— Está bonito, senhorita Smith. — Isabelle fala

com a sua voz grave e melodiosa. — Entretanto a senhorita não fez mais que a sua obrigação.

— Estás certa, Lady Isabelle. — Ela responde soltando um suspiro exausto. — Eu fiz apenas o meu trabalho.

— Chame-me de Lady de Wessex. — Isabelle ordena de forma grossa, ainda olhando mortalmente para jovem, entretanto com um pequeno sorriso maligno no rosto. — Afinal, eu irei me casar hoje com Gregory Wessex.

— Como queiras, Lady Wessex. — Anne fala tentando conter uma lágrima devido à forma em que foi tratada.

Isabelle era considerada grossa por muitos, entretanto havia sido a educação que recebeu de seus pais. A jovem era acostumada a estar em uma posição acima, sempre foi tratada como uma rainha, mesmo sendo apenas filha de um marquês com títulos desde a época feudal. Era inteligentíssima, estando acima de muitos homens em questão de intelecto. Lia Lord Byron por

diversão e adorava as reuniões em clubes, onde a mesma ia com Gregory e ficava escondida atrás de uma porta para ninguém saber que uma mulher passou pelo local.

No clube ela aprendeu muito sobre espiritualidade, politica, armas e principalmente maçonaria. Ela estava ciente do tipo de clube que seu amado ia, e sabia também que eles tinham um pé na arte da maçonaria, entretanto ainda não poderia ser considerada uma loja maçônica, já que eram apenas amigos que tentavam discutir sobre temas proibidos. Ambos formavam um casal perfeito, ela extremamente curiosa, e ele disposto a saciar toda a sua curiosidade.

— Com licença, Isabelle. — A voz de sua sogra é ouvida, revelando uma mulher vestida de azul claro. — Gregory acaba de entrar no altar.

Margareth Wessex era uma mulher de aproximadamente quarenta anos. Havia se casado com Hugh Wessex muito jovem, sendo fadada a um casamento infeliz e sem amor. Seu esposo tinha uma lista incontável de amantes, e infelizmente ela

sabia de quase todas, tendo sido obrigada até mesmo a conviver com um filho bastardo que o mesmo tinha.

A mulher tinha cabelos loiros iguais aos do filho, entretanto algumas mechas de cabelo branco espalhavam-se pelos seus fios. Seu corpo era alto e magro, tendo uma pele parecida com porcelana. Margareth era considerada a condessa mais bonita de toda a Europa e muitos não sabiam o porquê de seu esposo ter necessidade de manter outras em sua cama.

— Já estou pronta. — Isabelle responde, levantando-se da cadeira e olhando de lado, mais precisamente na direção da sua mãe.

Melissa Turner, mãe de Isabelle, era uma mulher baixa e magra. Tinha os cabelos negros como os da filha e seus olhos eram azuis, mostrando a sua descendência italiana. Ela havia crescido em Londres, pois sua família mudou-se quando a mesma tinha apenas seis anos. Diferente do que pregava a sua linhagem, Lady Turner nunca era amorosa com a sua filha, geralmente era severa

a não dava carinho, pois viajava ao lado de seu esposo por todo o mundo, já que o mesmo precisava ver o andamento de suas indústrias de tecidos.

— Seu pai já deve estar na ponta da escada. — Melissa diz de forma fria, seguindo até a entrada da porta e fazendo um cumprimento discreto para a Condessa de Wessex.

Isabelle revira os olhos com o ato de sua mãe, não suportava ser tratada daquela forma. Sentia-se mal pelo pouco carinho que recebia, porém em sua vida a carência foi suprida por sua sogra, a quem secretamente ela chamava de mãe. Margareth era uma pessoa maravilhosa e ao saber que sua nora não recebia o carinho necessário, tratou de acolhê-la. Primeiro, odiava injustiças e tinha um instinto materno aflorado, segundo, porque ela era a amada de seu filho e faria de tudo para ver a felicidade de Gregory.

— Tu és a noiva mais linda que eu já vi, Isabelle. — A Condessa fala com um sorriso no rosto, ajeitando o véu da nora. — Creio que o

Gregory se emocionará ao vê-la.

— Aposto que a senhora foi muito mais bonita que eu. — Belle responde de coração, soltando um sorriso e contendo uma lágrima. — Eu nem acredito que esse dia chegou, mãe. Eu sonhei todos os dias com isso, lembro-me que há duas semanas eu vinha me acordando para pôr o vestido.

— Tens sorte, Isabelle. — Margareth diz com um sorriso no rosto. — Estás se casando por amor, coisa que muitos não conseguem.

— Eu sou grata ao meu pai e ao Hugh por terem conseguido juntar-me ao Greg. — Ela fala com um sorriso no rosto e um olhar apaixonado. — Sem ele eu não iria encontrar a verdadeira felicidade.

Ao falar aquilo, Margareth Wessex solta um sorriso, abraçando a jovem de maneira calorosa. Naquele século, principalmente naquele país, as pessoas não costumavam demonstrar sentimentos, entretanto a Condessa era diferente. Sempre sonhou em ter uma filha e adotou Belle como sua, por esse

PERIGOSAS NACIONAIS

motivo fazia de tudo para a mesma se sentir acolhida e ter o amor que não teve pela parte de seus pais. O abraço naquele momento foi contra os padrões estabelecidos pela sociedade, porém de extrema necessidade, sorte que ambas não se importavam com padrões sociais.

— Não chores, minha garota. — A mais velha pede, fitando os olhos esmeraldas da noiva. — Sua maquiagem irá borrar e seus olhos ficarão inchados. O Greg deseja ver-te linda.

— Tens razão, minha mãe. — Isabelle diz soltando um suspiro e fitando a sogra, que estava com um sorriso estampado no rosto. — Está parecendo que é a senhora quem irá se casar.

— Eu estou feliz por vós, Belle. — Ela responde, indo para as costas da jovem e ajeitando o véu, ao passo que Anne entregava um lindo buquê de rosas brancas e lírios para a noiva. — O Gregory te ama mais que qualquer coisa nesse mundo, ontem estávamos conversando sobre esse dia.

PERIGOSAS ACHERON

— Irei querer saber de tudo que vós falastes. — Belle comenta com um sorriso estampado no rosto, começando a andar em direção às escadas.

Em suas costas, Margareth segurava o véu. A Condessa não queria deixar uma empregada qualquer fazer aquele trabalho, ela considerava o casamento por amor um fato muito importante, por esse motivo o véu deveria ser segurado por alguém que a amasse, principalmente para dar sorte. Entretanto eles não precisavam de sorte, pois tinham o amor, aquele casal tinha a mais preciosa das joias ao seu lado, e a Condessa de Wessex sabia que ambos fariam bom uso daquilo.

Isabelle estava tão ansiosa que acreditou que o curto caminho até a escada era longo. A cada passo mais próximo do altar fazia o coração da jovem disparar. Sentia as suas pernas tremerem e seus pequenos pelos se arrepiarem, pois significava que daqui a alguns minutos ela seria a esposa de Gregory Wessex, e tinha plena certeza de que seria amada.

Ao finalmente chegar à base da escada, a jovem

PERIGOSAS NACIONAIS

apoia-se em seu pai, Henry Turner, um homem alto, sério e levemente gordo, que tinha os cabelos negros como a noite e os olhos verdes iguais aos da filha. Era extremamente fiel a esposa, e levava-a a todas as suas viagens, pois não admitia se afastar da mesma nem por uma noite, entretanto era um péssimo pai. Desde quando a sua filha era pequena não demonstrava carinho, e agora que a mesma estava grande só trocavam poucas palavras, as necessárias para manter algum tipo de convivência.

Isabelle preferia entrar com o seu sogro, por mais que ela soubesse das traições para com a sua sogra, ele ainda era um excelente pai. Deu carinho a Gregory e tinha uma extrema atenção para com a mesma, sem dúvidas alguma ela estava adentrando para uma família que iria suprir todas as suas necessidades de afeto.

— Estás linda, filha minha. — Henry diz com um sorriso no rosto, sentindo pela primeira vez a emoção de ver a sua filha se casando. — Seu noivo ficará encantado com ti, és a noiva mais linda de todo o mundo.

PERIGOSAS ACHERON

— Obrigada, meu pai. — Ela fala com um sorriso, possibilitando-se sentir pela primeira vez o afeto paternal.

Isabelle segura no braço de Henry, permitindo-se ser guiada até uma porta na lateral do salão, que dava para uma passagem até a capela. Eles vão conversando em voz baixa para aplacar a ansiedade da jovem, ao passo que sua mãe já havia entrado acompanhada de Hugh até o altar. Sua sogra segurava o véu, enquanto ambos iam andando até a entrada da pequena capela do castelo.

A capela da propriedade da família Wessex na Escócia era pequena, tinha a capacidade para quinhentas pessoas e suas paredes eram baixas. A ornamentação na parte interior era semelhante ao Rococó, entretanto tinha alguns vitrais em barroco. Tudo era lindo e luxuoso, o ambiente para o casamento dos dois nobres foi de uma excelentíssima escolha, pois demonstrava amor e paixão.

Assim que Isabelle vira o corredor adentra no início da capela, podendo visualizar tudo ao seu

redor. Entretanto o que lhe chamou a atenção foi o homem alto no final do largo caminho, o seu noivo estava em pé, com os olhos brilhando, todo vestido em um fraque negro típico de casamento. A jovem nunca tinha o visualizado tão lindo como naquele dia.

Gregory Wessex era magro, porém largo, tinha um metro e oitenta e sete de altura e era forte. Seus olhos eram de azuis intensos, combinando com os cabelos na tonalidade loura. O maxilar era quadrado e o nariz aquilino, seus lábios eram finos, quase não existentes. Seu corpo e rosto eram de um típico britânico, e seus cabelos na altura do queixo e caídos em uma franja natural denunciava que o mesmo aderira à moda entre os jovens londrinos.

Isabelle caminhava devagar ao lado de seu pai, aos poucos seu amado ficava mais próximo. Ela havia sonhado diversas vezes com aquele dia, mal acreditando que finalmente seria chamada de Lady Wessex. Exibiria para as suas amigas a imensa aliança em seu dedo, diria que finalmente estava casada com o seu amado e o chamaria de esposo. Ao pensar na mudança feliz em sua vida, pequenas

gotas d'água insistem em escapar de seu rosto, entretanto como uma lady a jovem se controla para não debruçar-se em lágrimas.

Gregory estava tão emocionado quanto ela, o rapaz de vinte e um anos piscava os olhos diversas vezes, mal acreditando que sua futura esposa vinha em sua direção. Ele amava aquela mulher, era a pessoa mais importante em sua vida e tinha certeza que daria a vida por ela, devido a esse motivo o rapaz emocionava-se a cada passo dado por Belle.

— Faça a minha filha feliz. — Henry diz, finalmente entregando Isabelle a Gregory. A moça tremia levemente, enquanto o seu noivo não tirava os olhos dela, ambos demasiadamente emocionados.

— Como ela nunca sonhou em ser. — Gregory responde com um sorriso, beijando a mão de sua lady e, até então, noiva.

O padre estava em pé, de frente para o casal, dando sinal de que iria iniciar a cerimônia. Os jovens assim que percebem que finalmente seria

dado início ao casamento, ajoelham-se de frente para o púlpito, prestando atenção nas palavras que ele dizia.

A família Wessex, por mais que presasse as tradições britânicas, não seguia a igreja anglicana, pois a consideravam profana devido a sua história. A rivalidade entre a fiel casa de Wessex e Tudor era conhecida, devido a esse motivo encontravam defeitos na igreja criada por Henrique VIII. Deste modo, o casamento entre Isabelle e Gregory foi celebrado nas tradições católicas, já que não teve nenhuma objeção dos marqueses de Turner.

Margareth e Hugh eram extremamente católicos, viajavam ao Vaticano todos os anos e levavam consigo o seu filho, entretanto Gregory tinha uma crença oposta a dos pais. O único filho da Condessa de Wessex seguia a risca o kardecismo, religião moderna fundada na França pelo filósofo Allan Kardec. Greg tinha um extremo apreço por tudo que não era palpável, e, encontrar uma religião cheia de mistérios fez com que o mesmo decidisse abandonar seus ensinamentos para viver uma doutrina nova.

O rapaz costumava levar Isabelle para algumas reuniões da Sociedade. A mais jovem tinha medo do que acontecia, e ao mesmo tempo desacreditava em tudo o que via, entretanto acompanhava o seu esposo por amor e vontade de segui-lo para onde fosse.

— Gregory Lamartine Wessex II. — O padre fala, fazendo com que Greg deixasse de fitar os olhos esmeraldas de sua amada. — Aceita Isabelle Belmonte Turner como sua legítima esposa, para amar e respeitá-la, na saúde e da doença, na tristeza e na pobreza, até que a morte os separe?

— Eu aceito. — Gregory responde, falando diretamente para Belle. O rapaz tinha um brilho diferenciado nos seus olhos azuis, significava que o mesmo estava emocionado com o casamento, em um estado próximo ao choro, ato que o mesmo dificilmente fazia.

— Isabelle Belmonte Turner. — O padre continua, olhando, agora, para a noiva. — Aceita Gregory Lamartine Wessex II como seu legítimo esposo, na saúde e na doença, na tristeza e na

pobreza até que a morte os separe?

— Sim! — Ela exclama feliz, buscando a mão de seu esposo para segurá-la.

— Troquem as alianças. — O padre fala, observando o rapaz procurar as alianças em seu bolso. Assim que está com elas em mãos, Gregory põe uma no dedo anelar esquerdo de Isabelle, e a moça repete o mesmo com a mão do amado. — Eu vos declaro, esposo e esposa. Aquilo que Deus uniu o homem jamais separará.

Dito aquelas palavras, os noivos se aproximam para o primeiro beijo como marido e mulher. Seus lábios se encontram rapidamente, em um selinho casto, mas cheio de sentimentos.

Gregory e Isabelle finalmente haviam se casado, o dia esperado por ambos desde pequenos havia chegado e aquele enlace significava que ambos seriam felizes durante um longo tempo, onde tudo seria perfeito e não haveria problemas.

II

“Tu és a minha vida, Isabelle.”

Gregory e Isabelle, agora Wessex, adentram no vagão do trem rumo ao país de Gales, onde passariam a lua de mel. Finalmente estavam casados, sentiam uma felicidade genuína, como se nada no mundo pudesse acabar com aquilo.

O casal procura suas respectivas poltronas e se acomodam, com um sorriso largo nos rostos. Belle deita a cabeça no ombro de seu amado, enquanto Greg abre um livro de Victor Hugo e começa a ler em voz alta, para que a sua esposa pudesse ouvir. Era hábito de ambos aproveitarem os momentos mais simples para interagirem de uma forma pouco convencional, a jovem amava quando seu esposo lia algo para si, e ele achava fantástico quando a mesma tocava alguma música no piano.

— Meu pai pediu para estarmos de volta em três dias. — Gregory comenta, interrompendo a leitura do seu autor favorito. — Ao que parece ele quer me ensinar melhor o controle das propriedades.

— Isso significa que ele confia em ti, Greg. — Isabelle fala, levantando a cabeça para fitar o rosto sério de seu noivo. — Creio que deverias dar um voto de confiança a ele, o mesmo tem apenas a ti como herdeiro.

Por mais que Hugh fosse um pai dedicado e amoroso, tinha algumas questões pendentes com o filho. O relacionamento de ambos começou a entrar em declínio no momento em Gregory descobriu as traições, entretanto o ponto chave para eles brigarem foi na escolha do curso do filho. O Conde de Wessex não queria deixar seu herdeiro cursar Direito em Oxford, gerando uma série de brigas na família, entretanto Margareth conseguiu convencer o esposo a deixar seu filho seguir o seu sonho.

— Ele tem ao Thomas, Isabelle. — Gregory fala revirando os olhos. — Sei que eu quem devo assumir, mas o Thomas parece responsável suficiente para dar prosseguimento aos cuidados das terras de nosso pai.

— Mas o Thomas não é legitimado. — Isabelle retruca, fitando os olhos azuis cristal de seu amado.

— Ele é apenas um filho bastardo, fruto de uma traição, o mesmo não deve ter direito a nada, Gregory.

— Falando assim pareces uma gananciosa. — Greg diz repreendendo a esposa com o olhar.

— Eu tenho que ter ganancia por mim e por ti.
— Isabelle fala em um suspiro, levanto uma das mãos à testa. — Querido, precisas entender que infelizmente a Inglaterra é movida a dinheiro.

— Eu sei disso, meu bem. — Gregory responde em um suspiro. — E eu tenho certeza de que ficarei com todas as terras de meu pai. Quando falo que o Thomas poderia administrar, penso nele apenas como um empregado que iria me auxiliar.

— Fico feliz que pense assim, Greg. — Belle fala, olhando para o lado e permitindo-se observar a linda paisagem dos campos de trigos, que estavam começando a mudar para uma vastidão verde.

— Mas sabe o que eu estou pensando agora? — O rapaz pergunta mordendo os lábios e olhando para a sua esposa, que responde com um aceno
PERIGOSAS ACHERON

negativo com a cabeça. — Em como tu és linda, e que eu mal vejo a hora de chegamos na propriedade dos seus pais, para podermos consumir o casamento.

— Casamento esse que já foi consumado há alguns anos. — A jovem responde com um sorriso no rosto, observando seu esposo revirar os olhos discretamente. — Mas sabe o que eu estava pensando?

— Diga-me. — Ele diz com um sorriso no rosto, observando o rosto contornado de sua esposa.

— Em como eu te amo, Gregory. — Ela fala, fazendo com que eu esposo solte um sorriso abestalhado. — És o amor de minha vida.

— E tu és a minha vida, Isabelle. — Greg fala com um sorriso amplo no rosto, fazendo com que uma pequena lágrima escapasse dos olhos esmeraldas de sua amada. — Por favor, não chore, meu bem.

— É a emoção, Querido. — Lady Wessex fala com um largo sorriso no rosto, segurando na mão

PERIGOSAS ACHERON

de seu amado.

A viagem correu rápida, o trem percorria as planícies com velocidade e todo o tempo os recém-casados conversavam sobre o cotidiano, fazendo planos para um futuro distante. Isabelle mal via a hora de finalmente ser uma matriarca, queria ter filhos o mais rápido, pois seu sonho era ser mãe e ao lado de Gregory ela tinha certeza que daria muito amor e carinho.

O casal, na frente de todos, seguiam as normas sociais. Evitavam contato físico e se limitavam a falar baixo, sobre futilidades, ambos eram nobres e sabia como se portar. Entretanto, quando estavam afastados de todos, eles se animavam para serem pessoas sem responsabilidades, permitiam-se tomar um bom vinho, falar alto, fumar e soltar gargalhadas. Eles combinavam em todos os aspectos, pois tinham visões de mundo parecidas e haviam recebido a mesma educação.

Gregory Wessex era um homem possessivo, ficava com raiva de quem se aproximasse de sua esposa e queria atenção exclusiva, entretanto aquilo

PERIGOSAS NACIONAIS

não era problema para Isabelle, que sempre o colocava em primeiro lugar. Desde moço o rapaz era estudioso, tinha o sonho de ser advogado, entretanto o seu pai havia imposto a condição de que o mesmo faria Direito, sendo que em troca administraria as propriedades da família sem pensar em advogar. O acordo foi cedido, em contra partida Greg acreditava que poderia seguir o seu sonho, pois o seu pai sempre foi muito ocupado e não tinha tempo para ver o que o mesmo estava fazendo.

O futuro Conde de Wessex tinha uma paciência muito grande, explicava os assuntos a Isabelle mais de uma vez, sempre de forma cautelosa. Quando descobriu o kardecismo decidiu que iria estudar mais assiduamente esses fenômenos sobrenaturais, e como havia acabado os seus estudos decidiu que aquele seria o momento ideal para embarcar em uma leitura por prazer. Gregory era o tipo de pessoa que sempre estava com um livro na mão, desde autores famosos a recém-lançados, fazia parte do círculo literário londrino e visitava constantemente o teatro, tudo ao lado de sua, naquela época, prometida.

PERIGOSAS ACHERON

Antes de se casar havia recebido diversas propostas de moças que insistiam em fugir com o mesmo, ou até mesmo ter apenas uma noite de amor. Seus amigos insistiam em dar-lhe uma despedida de solteiro com muita bebida e prostitutas, entretanto o mesmo insistia em recusar todas as propostas. Desde os sete anos o que lhe movia era seu amor por Isabelle, coisa que o mesmo vem praticando até hoje, era fiel e leal, venerava aquela mulher e tratava-a como uma santa. Entre eles não haviam diferenças, ele via Isabelle como a sua igual, eles eram semelhantes, almas gêmeas que se completavam.

Em meio aos seus estudos, Gregory descobriu a possibilidade de ter uma alma gêmea, que viria consigo durante todas as suas vidas, e o mesmo tinha certeza de que a sua era Isabelle. Deu sorte, pois foi prometido ao amor de sua vida, e hoje estavam casados, unidos, não havia nada que pudesse separá-los, ambos estariam juntos para todo o sempre.

— Gregory. — Isabelle o chama, fazendo com que o rapaz de cabelos loiros a olhe, desviando seus

olhos das páginas amareladas do livro. — Nós já estamos chegando em *Where the sun rises*.

Gregory olha para fora da janela, observando a paisagem do país de Gales, entre conversas e risos ele mal percebeu quando embarcaram no outro trem. Já estavam finalmente chegando onde iria isolar-se do mundo e poderem deixar suas essências transparecerem. Ambos eram como uma só pessoa, suas almas se completavam e o amor era maior que tudo, quem olhasse para o casal poderia ver como seus olhos brilhavam e capturar a sua interação.

Gregory e Isabelle eram os exemplos perfeitos de como uma pessoa pode ter nascido para outra, como elas vibravam em uma sintonia semelhante.

§§§

O castelo de “Where the sun rises” pertencia a família Turner há séculos, quem o construiu foi um rei da Romênia que tinha ido passar as férias no Reino Unido, e ao sair do local deixou sobre posse de um antecessor do Marquês.

O local tinha paredes altas e grossas, todo
PERIGOSAS ACHERON

feito de pedra, com duas torres e a entrada principal. Tanto a torre da direita quanto a da esquerda tinham dez metros de altura, enquanto a estrutura do meio, continha dois andares e alcançava sete metros. Ao todo o local era pequeno em comparação aos outros castelos, todavia dava uma ótima casa de veraneio, pronta para receber o mais novo casal que passava pela porta.

Gregory sorria ao observar os jardins, lembrava-se de quando era mais novo e foi visitar os Turner em suas férias de Eton College, ele e Isabelle haviam corrido por toda a propriedade, parando para descansar embaixo de uma macieira. A garota contava histórias inventadas sobre fadas, enquanto ele falava de como estava sendo enfadonho estudar em um internato.

— Lembro-me de quando víamos passar as férias aqui. — Gregory fala com um sorriso no rosto, olhando em volta e observando todos os detalhes da entrada.

A porta do castelo era de madeira, tendo três metros de altura e dois de largura. Suas

PERIGOSAS NACIONAIS

puxadeiras eram de ouro maciço com detalhes de cabeça de leão, símbolo da família Turner. Após o castelo ter sido doado a eles, os novos donos encarregaram-se de fazer uma reforma, deixando todos os detalhes do modo que eles desejavam.

— Nós costumávamos nos esconder de sua mãe em uma das passagens secretas. — Lady Wessex comenta, adentrando pela porta de madeira que foi aberta por um dos empregados. — Esse lugar me traz nostalgia.

— Lembro-me que o pior dia aqui foi quando meu pai trouxe o Thomas. — Gregory comenta soltando um suspiro forte, puxando o ar pelo nariz e soltando pela boca.

Isabelle sabia como Greg não se dava bem com o irmão, lembrava-se perfeitamente de todas as poucas vezes que viu seu prometido chorar. Na maioria delas era por causa de Thomas, que era mais velho, conseguindo tirar o garoto do sério, muitas vezes fazendo o mesmo duvidar se era mesmo o favorito de seu pai.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A Lady de Wessex lembrava que Thomas havia nutrido uma paixão por ela, e tinha consciência de que naquele dia os irmãos haviam brigado por sua pessoa. O mais velho tinha tentado beijá-la a força, quando a mesma tinha apenas doze anos de idade, a jovem lady gritou por toda a casa atraindo a atenção de todos, e quando seu prometido descobriu o acontecido fez questão de tirar satisfação. Desde muito jovem, e naquela época o mesmo tinha treze anos, Gregory quando com raiva demonstrava uma força exacerbada, e ele utilizou aquilo ao seu favor quando conseguiu quebrar o nariz do irmão.

Hugh tinha posto os dois de castigo, entretanto Isabelle fez questão de se vingar de Thomas de uma forma mais sutil. Quando os três se encontravam na biblioteca, a jovem foi até o seu prometido e o beijou, fazendo assim o primeiro beijo de ambos. Thomas vendo tudo havia saído correndo, pois era apaixonado pela garota, teve tanta raiva que decidiu se afastar da família, entretanto aquele sentimento de criança se transformou em ódio por Gregory.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu te amo, Isabelle. — Gregory fala beijando sua esposa. Ambos haviam chegado ao quarto, onde consumariam o seu casamento. — Mal conseguia esperar o momento em que finalmente estaríamos casados.

— És a pessoa que eu mais amo nesse mundo, Greg. — Isabelle diz com um sorriso no rosto, ao mesmo tempo em que botava uma mecha do cabelo de seu amado para trás da orelha.

Ambos começam a se beijar de forma calma, naquele beijo em específico eles demonstravam todo o amor que sentiam um pelo outro. Quando estavam juntos era como se o mundo parasse, existiam apenas eles em um só lugar, seus corpos imploravam por mais contato e eles cediam a toda a luxúria do momento, como um casal de jovens que haviam descoberto tudo juntos.

Gregory amava Isabelle, eles eram apaixonados, casados e sempre seriam amantes. As roupas de ambos já estavam no chão, seus corpos se encontravam naquela união de amor e de carinho, eles se amavam como se fosse à primeira

vez e também a última, com calma, sem pressa.

No futuro eles iriam conseguir inspirar muitos com a sua história de amor, entretanto, naquele momento o casal apenas se concentrava em viver o momento. Viver aquilo que a sociedade dizia que eles poderiam fazer apenas como marido e mulher.

III

“É culpado por tudo de ruim que acontecia em nossas vidas.”

1 ano depois

Gregory e Isabelle moravam no centro de Londres, em uma casa imensa próxima ao parlamento britânico. Poucos tinham o luxo que o casal adquiriu, um palacete no centro da capital era algo alcançável apenas pela família real, entretanto eles tinham dinheiro suficiente para se compararem com a nova dinastia da Inglaterra, mesmo sem os títulos necessários.

A rotina de ambos estava cada vez mais definida, mesmo muitas vezes eles mudando de planos ao decorrer do dia para poder alternar o cotidiano. Os lordes todas as manhãs andavam de carruagem em volta da cidade, ao chegar ele ia ao encontro de seu pai e ela ficava a ler um livro, quando seu esposo voltava almoçavam, ele se encontrava novamente com o seu pai enquanto a jovem estudava música ou arte, já à noite ambos iam para alguma reunião secreta.

Gregory Wessex quase não mudou em um ano, continuava com o mesmo rosto, porém hoje o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cabelo estava cortado um pouco mais baixo e havia adquirido mais corpo. Segundo Isabelle o mesmo ficava a cada dia que se passava mais elegante, hoje como homem casado, ele assumiu um traje mais sério, sempre de fraque e cartola, tendo o luxo de portar uma bengala com a ponta em prata maciça e cabeça de dragão, tendo como os olhos duas safiras.

Naquele exato momento o casal estava sentado em uma mesa jogando cartas, quem ganhava era Isabelle que já havia acumulado certa quantidade de moedas. A moça ria do esposo e a cada carta jogada uma aposta a mais era perdida por Gregory, o rapaz não gostava daquele jogo, preferia um mais demorado e difícil, porém a sua esposa vinha passando por problemas na saúde e por esse motivo decidiu que ela iria escolher os jogos.

— Lord Wessex. — O mordomo, Peter Hero, entra no salão, interrompendo o jogo e fitando o casal de forma espantada. — Sinto informa-lhe, mas os senhores terão que ir até a casa da Condessa de Wessex urgente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aconteceu algo com a minha mãe? — Greg pergunta levantando-se da mesa apressado e acendendo um cigarro, sinal de que o mesmo havia ficado nervoso.

— Por favor, Sr. Hero, não nos esconda nada. — Isabelle fala delicada, levantando-se também da mesa e ficando ao lado de seu esposo.

Com o passar dos meses, Lady Wessex aprendeu com sua sogra a ser mais amável, e saber a forma correta de tratar os empregados. Desde então, ela vem seguindo à risca os ensinamentos, se esforçando para contratar pessoalmente quem trabalharia com ela e decorar o nome de todos, bem como um pouco de suas vidas. Segundo Gregory ela estava trabalhando para se melhorar espiritualmente.

— Não é nada com sua mãe, meu Lord. — Peter responde soltando um imenso suspiro, pois sabia o que havia acontecido e tinha recebido ordens de não mencionar nada. — Mas é algo relacionado ao seu pai, não sei ao certo.

PERIGOSAS ACHERON

Ao ouvir que tinha relação com Hugh Wessex, o mais jovem revira os olhos e anda em direção a porta, sendo seguido por sua esposa, que percebia exatamente o que o mesmo estava sentindo naquele momento. Todas as vezes que tratava-se de seu pai, Greg era esquivo, frio e demonstrava não se importar, entretanto, essa era a realidade, ele simplesmente não gostava do pai.

— Preferia ficar jogando cartas, e só vou visitá-los, pois foi minha mãe quem chamou. — O lord comenta com a esposa, assim que estão do lado de fora da casa, esperando o cocheiro chegar com a carruagem.

— Talvez ele precise de sua ajuda, meu amor. — Isabelle fala com um sorriso grande no rosto. Ela tentava ao máximo fazer Greg se aproximar do pai, por esse motivo agia como se tudo estivesse bem e Hugh fosse um excelente homem.

— Não me importo. — Gregory diz dando de ombros e erguendo a postura. — Nesse último ano eu venho sendo o empregado de meu pai, não consigo fazer absolutamente nada e estou irritado.

Tu observas como venho ficando, eu estou cansado, não durmo direito e em todos os momentos de meu dia fico pensando em trabalho.

— Eu sei, Querido, mas tentes relaxar. — Isabelle fala para o esposo, fitando os olhos azuis que o mesmo portava e soltando um imenso sorriso.

ξξξ

O casal entra na propriedade Wessex, ambos estavam tensos ao ver a bandeira negra esteada, imaginaram que algum empregado tivesse morrido e Gregory rezava para que não fosse a sua babá, pois o mesmo ainda nutria um imenso carinho por ela.

— Finalmente chegaram. — Margareth diz tentando esboçar um sorriso, mas era perceptível que a mesma estava mal. — Sentem-se, por favor.

Gregory cumpre o que sua mãe disse, sentando-se no imenso sofá da sala. O ambiente não havia mudado em nada, a diferença era que suas flores costumeiras haviam sido substituídas por jarros vazios, combinando com a roupa extremamente

PERIGOSAS ACHERON

negra de sua mãe. O rapaz percebeu que algo estava errado, sua mãe tinha um semblante triste, parecia que seu mundo havia ruído, enquanto a casa estava parada, sem os empregados circulando, e para completar Hugh Wessex não estava gritando.

— Ele morreu, não foi? — Gregory pergunta, ao perceber finalmente o que todos aqueles indícios significavam. — O meu pai te deixou de vez.

Ao falar aquilo Margareth não controla suas lágrimas, que rolam pelos olhos e escorrem até o pescoço, dando pingos em seu decote. Mesmo triste ela era linda, seus cabelos loiros cacheados estavam caindo do penteado, enquanto os olhos tinham uma tonalidade escura devido à maquiagem que havia borrado. Ela era a visão de uma pessoa que perdeu um ente querido, entretanto não perdia a classe e chorava contidamente.

Gregory levanta-se do sofá, indo em direção à janela mais próxima e abrindo a cortina vinho que impedia o sol de adentrar no espaço. O rapaz não sabia exatamente o que pensar, por esse motivo ficou refletindo enquanto observava as carruagens

passarem pelas ruas movimentadas.

— Mãe. — Isabelle murmura, indo até sua sogra e sentando-se no chão, ao lado da senhora que estava em uma poltrona. — Eu andei aprendendo que a alma é imortal. — A jovem fala com um pequeno sorriso, segurando nas mãos magras da mais velha. — Ele fez a passagem dele, pois foi necessária. Creio que o mesmo esteja em um lugar melhor, olhando por nós. — As palavras saíam emboladas da boca de Belle, pois a garota estava com vontade de chorar. Apesar do que o sogro fazia, ela o admirava, alguém forte que venceu tudo, ela gostava dele e sabia que aquela havia sido uma perda muito difícil. — Sei que essas palavras não vão adiantar de nada, já que nem eu mesma estou acreditando nelas, mas vamos ter esperanças.

— Ele morreu quando estava voltando para casa. — Margareth comenta, tentando conter as lágrimas e falar. — Nós tivemos uma briga e ele se foi, se eu não tivesse sido tão rígida, talvez ele ainda estivesse conosco.

Ao falar aquelas palavras a senhora volta a chorar, além de triste pela morte do esposo, ela estava em prantos por sentir-se culpada. A realidade era que Hugh havia saído de casa devido a uma amante, e eles haviam discutido, pois Margareth já estava cansada e não queria aceitar mais uma. Entretanto, quando o mesmo se foi a mulher se desesperou e pediu para ele voltar, tendo seu pedido atendido de imediato pelo falecido.

— A culpa é dele que arrumou mais uma. — Gregory fala com raiva, pois se lembrava de estar em casa quando presenciou a briga de sua mãe com seu pai. — Ele é culpado por arrumar mais uma, e responsável por ter saído de casa, e de ter aceitado voltar como um covarde. O único culpado por sua morte é o próprio, mãe. Ele foi responsável por morrer, assim como é culpado por tudo de ruim que acontecia em nossas vidas.

Ao ouvir aquelas palavras duras, Margareth solta novamente suas lágrimas, pois não aguentava a forma que o filho falava consigo. Ele era pesado em suas colocações, e esboçava um extremo rancor, parecia que agradecia por seu pai ter morrido,

mesmo não sendo o que pensava. Mas o mesmo estava com raiva, e precisava descontar em palavras que guardou por décadas.

— Cuidado com o que fala, Gregory. — Isabelle fala levantando-se e indo até o esposo. — Seu pai não tem culpa de ter morrido, não fale com tanto rancor.

— Não é rancor Isabelle, é a verdade. — Gregory responde, fitando os olhos esmeraldas da esposa. — Tu não estavas aqui anteontem, não viste a forma que aquele miserável tratou a minha mãe, não percebeste como ela sofreu ao ouvir que existia uma mais jovem e mais bonita, de saber que o mesmo estava apaixonado por uma alpinista social. — Enquanto falava, os braços do rapaz se moviam, parecia que estava brigando, apontava para a porta e para a mãe, enquanto fazia gestos rápidos com as mãos. — Minha mãe sofreu em todos os anos de sua vida ao lado daquele homem, o que temos que fazer é agradecer pelo mesmo ter morrido.

Ao ouvir aquilo Margareth enxuga as lágrimas

e vai andando com raiva na direção do filho, o mesmo estava louco de dizer algo assim de seu pai. Por pior marido que fosse, Hugh era o progenitor do garoto, e o mesmo não tinha o direito de dizer que era melhor ter um pai morto, pois nenhum filho deveria dizer algo do gênero.

— Nunca mais fale algo assim, Gregory Wessex. —Margareth diz, levantando a mão e desferindo uma tapa na bochecha de seu único filho. — Seu pai pode ter sido ruim para mim, entretanto ele foi um excelente pai, não ouse repetir que o mesmo merecia ter morrido, pois ninguém merece morrer. — Ela fala com raiva, soltando um suspiro e olhando para Isabelle. — Amanhã será o enterro e a leitura do testamento, faça com que ele apareça no mínimo menos rancoroso.

— Pode deixar, mãe. — Isabelle diz em um suspiro. — Vai ficar tudo bem, imagino que perder alguém seja difícil, mas vai dar tudo certo.

— Vamos embora. — Gregory fala para Isabelle, puxando-a pelo braço e não dando espaço para a mesma falar com a sua mãe. — Não

deveríamos ter interrompido o nosso jogo de cartas para receber uma notícia tão insignificante.

Isabelle revira os olhos com paciência, acompanhando os passos rápidos do esposo até a porta. A mesma sabia que não adiantava discutir com ele, pois o rapaz estava convicto e irritado, entretanto ela tinha uma experiência que não condizia com a sua idade, e sabia que o mesmo iria mudar de opinião. Conhecia Gregory desde pequena, e sabia que ele primeiro entraria em um estado de fúria, pois aquele era o seu temperamento, para depois se deixar levar pela a dor da perda, que ela sabia que seria imensa.

§§§

— Descanse, Querido. — Isabelle fala ao preparar a cama para o rapaz. — Tu estás com raiva pela morte de seu pai, natural, já que foi algo que te pegou desprevenido. E vamos relevar aquelas palavras, aposto que não quis dizer aquilo.

— Eu quis sim. — Ele responde fazendo birra, em alguns momentos Gregory parecia uma criança,

e Isabelle se derretia quando o mesmo agia fazendo aquilo. Sempre sonhou em ser mãe, e via em seu esposo um bebê, que ao mesmo tempo em que precisava de cuidados era quem cuidava da mesma. — Só falei a verdade, Isabelle, não pense que eu me arrependo.

— Sei que não se arrepende, Gregory. — Isabelle fala soltando um suspiro profundo. — Tu nunca te arrependes de nada.

— Fico feliz que saiba disso, querida esposa. — Ele diz levemente irônico, fazendo com que a jovem revirasse os olhos.

Lady Isabelle Wessex já estava acostumada com a mudança de humor de seu marido. Gregory quando se irritava fechava-se em sua própria mente complexa e quem ousasse interrompê-lo terminava sendo alvo de suas ironias, que iam de mal a pior, dependendo a situação. Quando mais nova, Belle sofria com aquilo, sentia que seu futuro esposo não a merecia ou que não gostava da mesma, entretanto percebeu que aquele era o jeito dele lidar com problemas, e a partir daí decidiu não se incomodar.

Gregory começa a tirar a gravata de forma desajeitada, fazendo com Isabelle soltasse um sorriso e fosse até ele em silêncio. Daquela forma, sem trocarem uma palavra, a jovem ajudou seu esposo a se despir e logo em seguida o guiou até a imensa cama de penas de ganso.

— Descanse um pouco, mais tarde venho te acordar com o chá da tarde. — Isabelle fala, dando um beijo na testa do esposo e saindo do quarto, possibilitando pela primeira vez, desde a notícia, respirar.

Ela gostava de Hugh, havia crescido ao lado daquele homem e era grata pelo mesmo ter possibilitado o casamento dela com Gregory. O admirava como pai, percebia que mesmo quando queria que Greg assumisse as propriedades era apenas visando um bom futuro para o filho, mesmo querendo que o garoto abandonasse o sonho de ser advogado. A questão era que o finado sabia que seu legítimo não manteria os padrões de vida sendo um bacharel, ele precisaria de mais, ele teria que conhecer os negócios para manter tudo o que o mesmo estava acostumado.

Uma pequena lágrima solitária escorreu pela bochecha de Isabelle, pois a mesma havia se lembrado que foi Hugh que a havia ensinado a andar a cavalo, e não o seu pai. O homem de morte prematura havia sido mais seu pai que o seu sanguíneo, o mesmo sentava-se com ela e Gregory para ensiná-los a jogar cartas, tocar piano e um pouco de literatura. Sempre que tinha tempo, esse sendo dividido entre trabalho e amantes, estava com a família, nunca deixando de dar atenção ao filho.

— Sr. Hero. — Ela chama o mordomo, que estava passando pelo corredor. — Por favor, dei-me um papel e uma caneta.

O homem baixinho, de quarenta anos, assente, procurando em sua casaca um pedaço de papel com o brasão da família Wessex e uma caneta, logo em seguida entregando a jovem.

“Mãe. Gregory não falou de propósito. Ainda está em estado de choque.”

— Envie esse telegrama para a minha sogra, Sr.

PERIGOSAS NACIONAIS

Hero. — Isabelle fala soltando um suspiro e apoiando-se no móvel.

Uma vertigem passa pelo corpo da moça, fazendo a mesma ficar tonta e se desequilibrar levemente dos seus saltos. Aquelas sensações estavam ficando cada vez mais constantes, tontura, enjoo, queda na pressão. A princípio ela achou que fosse do espartilho, mas Lady Wessex já o havia folgado contra sua vontade e o mal estar não passou.

— A senhora precisa ir ao médico, Milady. — Peter Hero comenta, se aproximando da jovem e apoiando o pequeno braço dela em seu pescoço, com o intuito de leva-la até o divã da sala. — O Lord Wessex precisa saber também o que está acontecendo.

— De forma alguma, Peter. — Ela fala desesperada, fitando os olhos negros do empregado. — Se o Gregory souber ele vai fazer um escândalo, achar que estou morrendo e me levar a um médico. Eu estou bem, só são mal estares passageiros.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se a senhora tem tanta certeza, eu não sou ninguém para discutir. — O mordomo fala, fazendo uma reverência e se retirando da sala, de modo que a jovem pudesse ficar só com os seus pensamentos.

Isabelle fica sozinha pela primeira vez desse a notícia da morte, entretanto a mesma decide que não era correto ficar pensando no acontecido. As coisas passavam, se ele morreu era porque estava no destino, e com o tempo eles iriam conseguir se acostumar com a falta que Hugh fazia, inclusive Margareth, que provavelmente iria passar a morar com eles.

Para evitar estar pensando no passado e no futuro, Isabelle pega um livro, que estava em cima do sofá, para ler, voltando a se acomodar no divã. Ela adentra com força no universo literário de contos que nem percebe o tempo passar.

— Isabelle. — Ela escuta a voz baixa de seu esposo, que faz com que ela perceba que perdeu não só a hora de acordá-lo como também a hora do chá.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Gregory. — Ela fala se levantando e indo até ele assim que percebe que o mesmo estava com os ombros arriados e os olhos vermelhos.

Os cabelos loiros do rapaz caíam assanhados pela testa, enquanto o mesmo trajava apenas uma robe com sapatos de acordar. Ele estava com o semblante triste, parecia deprimido e sofredor.

— Ele morreu, Isabelle, o meu pai morreu. — Ele diz chorando, se jogando nos braços de sua esposa e permitindo que as lágrimas saíssem de forma natural. — Por pior que ele pudesse ser, ele era o meu pai, e ele foi bom para mim.

— Gregory, vai ficar tudo bem, meu amor. — Isabelle fala, acariciando os cabelos loiros e consolando os prantos de seu amado.

PERIGOSAS ACHERON

IV

“A coisa mais importante na vida de um homem deve ser a família, e eu levo isso para a minha vida.”

O dia havia amanhecido cinza na cidade londrina, e por mais que a chuva fosse comum na capital inglesa, Isabelle estava tentando associar o fato com a morte de seu sogro. Para ela, era como se o céu estivesse chorando pela perda do senhor de meia idade, que tanto a ajudou em problemas, a chuva derramava as lágrimas que ela segurou desde a notícia do falecimento de Hugh.

Lady Wessex tentava a todos os momentos controlar as pequenas gotas que insistiam em cair, só se permitindo chorar na hora do banho. A mais jovem sabia que teria de ser a base para a sua família naquele momento, pois Margareth estava em prantos e seu esposo pela primeira vez deixou cair a armadura de quem tinha tudo sob controle, restando a ela dar apoio aos membros de sua família mais afetados. Por sorte, hoje, os seus pais haviam voltando de Paris, especialmente para o enterro e assim poderiam controlar a situação ao lado dela, afinal, o Conde de Wessex era o melhor amigo de Henry Turner.

A porta da nova morada Wessex foi aberta, indicando que seu dono havia descido as escadas com a finalidade de sair da propriedade, o que fez Isabelle voltar a sua atenção para o mesmo. Por mais que estivesse triste, Gregory era lindo, seus cabelos loiros caíam por sua testa, a pele estava mais pálida que o normal e seu corpo largo estava coberto por um fraque negro. Entretanto, os olhos azuis pareciam mais opacos que o normal, eles estavam sem vida, sem ânimo, o que antes eram duas safiras brilhantes, agora estavam como as águas turvas de um rio.

— Estou pronto. — Gregory fala olhando para a esposa, que estava trajando um vestido negro coberto por renda da mesma cor. — Por favor, não saia de perto de mim, *My Lady*.

— Eu nunca sairei do seu lado, Greg. — Isabelle responde, segurando no braço estendido do esposo.

Gregory pega sua cartola negra e a bengala, saindo de casa ao lado de sua esposa. Ambos vão em direção a imensa carruagem, entrando no local e

PERIGOSAS NACIONAIS

acomodando-se, esperando o cocheiro começar a guiar o veículo até o principal cemitério da cidade, onde estava acabando o velório e começaria o enterro. Por escolha de Margareth, o corpo foi encaminhado direto para o cemitério, indo contra todas as tradições de velar o corpo na própria residência.

Ao chegarem ao cemitério, Gregory é o primeiro a sair, estendendo a mão para a esposa, que desce com uma classe fora do comum. Assim que as botas de salto e com cano curto tocam o solo negro do cemitério, Isabelle sente-se mal, o enjoo volta com força, entretanto a mesma o controla, pois estava ao lado de seu esposo e não queria que o mesmo ficasse preocupado consigo.

O casal segue a uma pequena saleta do cemitério, o local estava repleto de flores e com diversas pessoas. O caixão negro, com detalhes em ouro, estava no centro da sala, e ao lado dele encontrava-se uma mulher de cabelos dourados, sendo consolada por um casal, onde o homem estava com algumas lágrimas pequenas escorrendo pelo canto do olho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos até eles. — Gregory anuncia, guiando a sua esposa pela cintura. — Como estão? — O rapaz pergunta, olhando para os seus sogros e afagando o cabelo da mãe, que estava em prantos segurando a mão de Hugh.

— Estamos na medida do possível. — Henry responde, apertando a mão do genro e voltado a olhar para o corpo inerte do amigo.

Isabelle permite-se analisar o mais velho. Ele tinha os cabelos negros caídos no rosto, enquanto os seus olhos extremamente claros estavam fechados, impossibilitando de ver aquela semelhança natural com o céu cinza. O corpo estava coberto por um terno negro, e sua pele estava mais pálida, com o ar cadavérico, quatro algodões, um par no ouvido e outro nas narinas, impedia dos fluidos escorrerem. A jovem lady, que nunca havia ido a um velório, estava paralisada diante da imagem de seu sogro, ele estava diferente de quando em vida, com toda certeza ela desejaria lembrar-se do mesmo quando ainda tinha o brilhantismo da vitalidade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A pergunta correta é como tu estás se sentindo, querido. — Melissa Turner comenta, fitando os olhos azuis do genro. — Como estás diante da morte precoce de seu pai?

— No primeiro momento não recebi muito bem, entretanto agora estou me permitindo sofrer a dor. — Greg explica, soltando um imenso suspiro. — Mas dizem que com o tempo a dor passa, e eu não vou nem perceber. Ela irá diminuir, principalmente porque eu sei que ele estará em um lugar melhor que aqui na terra.

— Fico feliz que pense desta forma, Gregory. — O Marquês Turner comenta, tocando no ombro do mais jovem e soltando um suspiro. — Hugh vai nos fazer bastante falta, ele era alguém muito especial.

Isabelle solta um sorriso para a conversa de seu pai com seu esposo e se afasta um pouco, deixando sua mãe conversando com Margareth e os dois homens de sua vida conversarem tranquilos. A dor que Belle sentia era a cada momento substituído por pensamentos de que tudo iria terminar bem, de

PERIGOSAS ACHERON

que Hugh estava em um local melhor e que sua alma seria acolhida, entretanto a mesma sabia que aquilo não era suficiente para aplacar as saudades posteriores, tanto as dela quanto as de seu esposo.

— Vejo que veio para o velório de meu pai, pequena Isabelle. — Aquela voz arrastada fez a jovem congelar, infelizmente reconhecia aquele tom de ironia, o mesmo que muitas vezes Gregory utilizou e que foi herdado do falecido.

— Lógico que eu viria para o velório de meu sogro, Thomas. — Falou igualmente irônica, dando algumas piscadas nos olhos para evitar as lágrimas que estava guardando correrem na frente dele. — Eu sou Lady Wessex, esqueceu-se?

— Não me lembro de ter sido convidado para o casamento, irmã. — Ele fala com cuidado, utilizando a última palavra como se quisesse forçar uma aproximação que não tinha. Nem que ele fosse o melhor amigo do Gregory poderia chamá-la daquele modo, quanto mais alguém que o casal não gostava.

— Tu não eras bem-vindo. — Responde elegantemente, procurando outro lugar para ficar, tentando evitar qualquer tipo de confusão, afinal, se seu esposo a visse conversando com o Thomas iria querer arrumar uma briga, mesmo no velório do pai.

Isabelle segue pela sala do velório, que era em uma capela, cumprimentando algumas pessoas que ela julgava como insignificantes. Após fazer todo esse trabalho, a jovem decide ir para fora, encontrando um jardim florido, com um banco ao lado direito.

Era contraditória a imagem de rosas ao lado de um lugar tão mórbido que era o cemitério. As lápides eram quase todas de marfim, com inscrições bonitas em sua frente, rosas ao seu redor e passarinhos pousando nas árvores, entretanto todos sabiam que jazia corpos apodrecendo em baixo da terra, ou até mesmo ossos sem sentido.

Imaginava a dor que seu esposo estava sofrendo, ela chorava pela morte de Hugh, mas nada comparado ao que o herdeiro e a viúva

sentiam. Ao lembrar da reação de Margareth ao lado da quase insanidade de Gregory, suas lágrimas começam a correr desesperadamente. Primeiro uma solitária, depois outra e outra, até que a mesma começou a soluçar sem controle algum.

— Isabelle? — A voz que ela tanto ama fala, fazendo com que a lady secasse o rosto e piscasse algumas vezes, para disfarçar os olhos vermelhos.

— Gregory. — Ela diz com um sorriso forçado, entretanto o seu esposo vira o rosto delicado dela em sua direção, soltando um resmungo logo em seguida.

Lord Wessex, futuramente Conde de Wessex, sabia que Isabelle era sensível, e chorava pela morte de seu pai. Contudo, saber e ver eram algo completamente diferente, e agora o rapaz havia visto-a sofrer com o falecimento de uma pessoa importante na vida dela. Gregory tinha consciência que sua esposa admirava o seu pai, e saber que sua amada sofria, fazia toda a sua tristeza aumentar.

— Não chore, *my lady*. — Ele diz respirando

fundo, sentando-se ao seu lado e a abraçando, fazendo carinho em seus cabelos negros.

Gregory amava a sua esposa, sentia um amor maior que de homem e mulher, ele tinha a necessidade de zelar por ela, cuidar e não deixar que nada a acontecesse. Parecia que ela era a vida dele, e em nenhum momento desde que foram prometidos em casamentos sentiu necessidade de ter outros relacionamentos. Muitos homens mantinham prostitutas, entretanto ele abominava a traição, lembrava-se de uma vez em que brigou com o seu pai, pois o mesmo o levou em um prostíbulo, o jovem Wessex nunca ficou com tanta raiva do patriarca.

Agora, sua pequena garotinha estava chorando compulsoriamente, e ele não tinha estrutura alguma em ser forte, pois também sofria pelo mesmo mal. Seu pai morrera, e ele não poderia ser o porto seguro de sua esposa, por mais que quisesse naquele momento cuidar dela, como a mesma merecia.

— Eu sei que dói, minha vida. — Gregory

sussurra em seu ouvido, fazendo com que a mesma limpe suas lágrimas e tente voltar a sua pose de lady. — Mas, nós aprendemos que a alma é imortal, lembra-se? O luto é um sentimento egoísta, e infelizmente nós somos egoístas o suficiente e o alimentamos.

Isabelle não consegue responder absolutamente nada, fica olhando para o vácuo, observando um pássaro que pousou em uma lápide e o uivo do vento roncar contra os seus ouvidos. Gregory deixou escapar algumas lágrimas, abraçando a esposa com força, um apoiando ao outro silenciosamente, dividindo a dor da perda e o medo de perder mais um ente querido.

A jovem nunca imaginou que veria o seu esposo chorar, e quando viu a reação dele em casa ao descobrir que o seu pai estava morto, sentiu-se extremamente impotente. Viu o rapaz que antes era duro e não demonstrava muitas emoções sucumbir ao sofrimento, a dor da perda, que nunca era fácil.

Ficaram abraçados tempo suficiente, não perceberam a hora passar nem Margareth aparecer

para chamá-los. Quando vieram despertar do transe, observaram o caixão sair da pequena saleta, sinal que iria ser iniciado o enterro e Gregory deveria se preparar para fazer o discurso fúnebre.

— Com licença, meu tio. — Gregory pede, assumindo uma das pontas do caixão para levar o corpo de seu pai até o jazigo da família.

Isabelle se abraça com a sogra, segurando a mão de sua mãe e vão atrás do pequeno cortejo. As três mulheres de negro tinham um semblante triste, sendo que duas choravam, uma mais alto e outra mais baixo, tentando mostrar fortaleza. A que demonstrava mais o que sentia era Margareth, a viúva, já não mais condessa, estava sem ligar para as normas de etiqueta, em que dizia que mulheres de títulos não poderiam mostrar suas emoções. A Sra. Wessex estava enterrando um marido, e naquele momento mostrava exatamente o que sentia, a tristeza e dor de perder um ente querido.

O cortejo chega ao jazigo Wessex, onde os homens entregam o pesado caixão para um grupo de pessoas que iriam descê-lo com cordas. Os

convidados sentam-se nas cadeiras negras que ficam em frente ao local do enterro, enquanto os dois filhos de Hugh permanecem em pé, esperando para falarem. As três mulheres sentam-se junto de Henry, que havia ajudado a levar o caixão.

— Perdemos um grande homem. — O padre começa a falar, iniciando um sermão que falava sobre a morte em si. Como Isabelle esperava, era um cura católico, de uma hierarquia alta e que havia vindo direto do Vaticano para prestar as condolências.

Isabelle não consegue prestar atenção nas palavras do padre, o mesmo que celebrou seu casamento, assim como Gregory, que a todo o momento ficava olhando para o caixão de seu pai. Tentava imaginar como havia sido os últimos momentos de sua morte, via com clareza a carruagem vindo e batendo contra outra, virando logo em seguida e caindo em uma ribanceira. O corpo de seu pai com certeza havia ficado preso nos escombros, enquanto o mesmo tinha um corte na cabeça que escorria o sangue, devido à demora dos socorros, Hugh não conseguiu resistir, havia

quebrado muitos ossos e seu crânio se chocado contra uma pedra.

Seu filho, herdeiro, tinha certeza que foi uma morte sofrida, e naquele momento só orava para que a alma de seu pai se encontrasse em um bom lugar, de preferencia em campos amplos. Contudo, a doutrina da qual seguia o dizia que você pagava temporariamente pela vida que levava, de modo que com certeza ele se encontraria entre fumantes, bêbados e adúlteros. Por mais que ficasse triste em saber disso, tinha ciência que o homem só conseguiu aquilo que buscou, pois não teve uma vida moderada.

Isabelle estava vidrada no seu esposo, os olhos azuis turvos indicavam que o mesmo queria chorar novamente. Observa-o pegar um cigarro entre os dedos e acender, mostrando que estava nervoso, logo em seguida ele começa a batucar os dedos longos contra as pernas, e ela sabia com certeza que aquele ato indicava que seu amado estava entediado. Observar Gregory era algo que ela costumava fazer quando não queria pensar em algo, e naquele momento ela tentava se distanciar

das palavras decoradas do padre, bem como do enjoo que sentia. Não sabia o que estava havendo consigo, mas naquele dia já havia enjoado quatro vezes, tudo no intervalo de uma manhã.

— É muito fácil falar de Hugh Wessex. Meu pai foi um homem bom. — Isabelle e Gregory escutam, fazendo com que ambos saiam de seus pensamentos e observem o homem de cabelos negros no local que antes estava o padre. Devanearam tanto que perderam completamente o sermão, restando apenas a sessão de tortura que estavam fadados a passar com as palavras falsas de Thomas. Falsas sim, pois o mesmo não havia convivido com Hugh e nem havia recebido o afeto paterno, ele não tinha histórias para contar e nem emoções da qual se lembrasse. Ao menos se o casal estivesse juntos poderiam passar por aquilo rindo, mas estavam longe e sentindo a dor de perder alguém, que iria ter a imagem suja por um bastardo. — Um excelente marido, que amou a esposa com toda a sua sinceridade, tinha um coração tão grande que soube dividir sua atenção entre dois filhos. Perdemos uma pessoa, e diferente do que o nosso amigo padre falou, todos nós iremos sentir sua falta

eterna, eu irei sentir sua falta eterna. — Assim que lágrimas começam a escorrer de seus olhos cinzas, idênticos ao de Hugh, Gregory solta um bufado, pegando um pouco de oxigênio logo em seguida. Uma série de mentiras e falsidades. — Sei que Margareth sofrerá, tanto que eu me emociono com suas lágrimas. E meu irmão, meu bom e querido irmão está passando por um momento difícil. Lembro-me que meu pai me procurou, pedindo para eu não desampará-los, pois sabia que os mesmos não conseguiriam viver sem os luxos.

A última frase fez com que Isabelle olhasse para Gregory imediatamente, o seu esposo estava com as sobrancelhas arqueadas em sinal de confusão. Ele iria herdar tudo, não precisaria de amparo financeiro algum, provavelmente, o que Thomas disse foi apenas um blefe, para causar discórdia em meio a um velório.

Observando o irmão descer do pequeno púlpito improvisado, o herdeiro Wessex percebe que era a sua hora de falar sobre o seu pai, deste modo, o que o restou foi fazer o caminho inverso ao de Thomas, indo para o local que ele não

desejava estar.

Gregory pega uma lufada de ar, procurando coragem para iniciar o seu discurso, muitas pessoas, os mais sensíveis haviam se comovido com o discurso anterior, e o dele precisaria ser melhor. O loiro olha para o papel em sua mão, analisando sua letra e quando estava próximo a fazer sua leitura, decide que iria improvisar, guardando o papel no bolso de seu fraque e olhando para as pessoas à sua frente.

— Quando se ama alguém verdadeiramente é difícil falar de sua morte. — Ele inicia o discurso, sentindo pequenas lágrimas se formarem em sua linha d'água, ao mesmo tempo em que busca os olhos de sua esposa, para poder ter coragem de continuar. As íris verdes esmeralda sempre o acalmaram, era como se completasse o azul dos seus. — Não irei ser hipócrita de dizer que meu pai foi um homem bom, muito pelo contrário, ele foi mediano, não era ruim e também não era uma boa pessoa. Nunca foi altruísta, mas também doava para a caridade, traiu a esposa com inúmeras amantes, ia ao *club* para tomar Whisky e conversar sobre

PERIGOSAS NACIONAIS

política e polo, frequentava prostíbulos e apostava em pôquer, mas também ia uma vez no ano ao Vaticano, era uma pessoa extremamente religiosa e tradicional, se importava com o dinheiro, mas sabia dar atenção a família. Ele foi um homem como todos os outros de Londres, soube aproveitar a vida da pior forma possível, mas talvez no último momento de sua existência tenha se arrependido de tudo o que já fez. Lembro-me que um dia ele disse a mim: “a coisa mais importante na vida de um homem deve ser a família, e eu levo isso para a minha vida”. Quando eu o questionei porque ele não dava valor a nossa, o mesmo respondeu: “eu tenho amentes e prezo pelo dinheiro, mas eu sempre volto para vós, pois o primeiro é para alimentar o meu ego e o segundo é para ter a vida que nós merecemos. Seria egoísta de minha parte não ser altruísta comigo mesmo, e eu também não poderia fadá-los a uma vida sem os padrões necessários”. Não concordo com suas traições, mas eu, hoje, entendo que era o modo dele buscar a sua felicidade. Eu o amava, perder alguém nunca é fácil, hoje eu estou estudando sobre a imortalidade da alma, e por esse motivo acredito que ele pode sim voltar para nós, pode se comunicar e

PERIGOSAS ACHERON

independente de onde esteja, Hugh se arrependeu do que fez, pois a alma é boa por natureza. O que eu tenho para falar é que se meu pai estiver podendo me ouvir, saiba que eu te amo, e que sentirei a sua falta eternamente.

ξξξ

Gregory após fazer o discurso fúnebre ficou mais emotivo, suas lágrimas corriam pelos olhos e não tentou disfarçar. Sua mãe e Isabelle também haviam se emocionado bastante, permitindo-se até soluçar enquanto ouviam as palavras do herdeiro Wessex, todos elogiaram bastante a sua fala, como se tivesse sido feita para aplausos. O que foi feito para ser algo triste recebeu tanta repercussão que atraiu a inveja de Thomas.

Naquele momento Margareth, Isabelle, Thomas e Gregory, que estava fumando mais um cigarro, estavam reunidos na sala do advogado de Hugh, onde seria feita a leitura do testamento. O bastardo parecia confiante, pois olhava para todos com nojo e um sorriso de vitória brincava em seus lábios, essa atitude fez com que os outros ficassem

extremamente apreensivos.

— Eu realmente me encontrei com o nosso pai, Gregory. — Thomas fala ao se aproximar do irmão, fazendo com que Isabelle o olhe feio. — Ele veio me procurar um dia antes de sua morte e me disse que iria deixar todas as terras para mim, lide com isso irmão.

Gregory ignora completamente o que o irmão havia dito. Preferiu não gastar a sua saliva discutindo com Thomas, entretanto o medo pairava em seu coração. Será que mesmo depois de morto Hugh conseguiria aprontar mais uma surpresa para todos ficarem com raiva dele? Ou o bastardo estaria simplesmente espalhando um pouco mais do seu veneno? Aquelas perguntas invadiam a mente de herdeiro, fazendo o mesmo segurar com força a mão de sua esposa.

— Podemos começar com a leitura do testamento? — O advogado, Ryan, e amigo de Gregory questiona, fazendo com que todos respondam um “sim” em coro. — Eu, Hugh Wessex, deixo a Morada Wessex para a minha

esposa, Margareth Wessex. Os meus cavalos e a casa em Oxford para Thomas, bem como todos os meus troféus. Ao Gregory Wessex, meu herdeiro e amado filho, deixo todas as minhas outras propriedades pela Europa, assim como os títulos de nobreza e a cadeira no parlamento britânico.

Ao final da leitura do testamento dois sentimentos pairam sobre as pessoas naquela sala. O primeiro pertencia a família legítima de Hugh, onde o alívio estava estampados no rosto de ambos, e Thomas tinha raiva transbordando em seus olhos. O bastardo do finado Conde de Wessex tinha a mão em punho, em sinal de completa cólera, pois realmente acreditava que iria herdar todos os títulos e propriedades.

Após assinarem os papéis provando a entrega do testamento, Thomas sai do recinto com raiva, deixando para trás o atual Conde e Condessa de Wessex ao lado da matriarca da família. Isabelle e Gregory não entendiam exatamente o porquê do moreno ter ficado com tanta raiva, pois a lógica era que o legítimo herdasse tudo, entretanto duas daquelas pessoas na sala pareciam saber

exatamente o motivo do bastardo estar sofrendo de tanta cólera.

— Seu pai antes de sair de casa ameaçou deixar tudo com o Thomas, inverter os nomes do testamento e tirar o meu. — Margareth fala finalmente, após tomar uma xicara de chá, que Ryan cordialmente a ofereceu.

— Ele também falou com Thomas, entretanto não entendo como eu pude ficar com absolutamente tudo. — Gregory comenta, apagando seu cigarro e segurando a mão de sua esposa, que estava esboçando finalmente um sorriso.

— Ele disse que queria falar comigo pouco antes de morrer para fazer alterações no documento. — Ryan responde em um suspiro, sentando-se em sua poltrona e fitando o amigo. — Mas ele morreu pouco depois, não tivemos tempo de uma reunião, deste modo o testamento antigo estava em vigor.

— Ele queria me deixar sem nada? — Gregory pergunta, sentindo raiva subir em sua bile. Ele

havia chorado pela morte de um homem egoísta, que deixá-lo-ia desamparado.

— O que importa é que tudo deu certo. — Isabelle fala em um suspiro, tentando evitar que Gregory sentisse raiva de seu pai novamente. — Acho que já deu nossa hora, não?

A Condessa de Wessex se levanta da cadeira rapidamente, o que fez a sua vista ficar turva e uma tontura a atingir. Gregory se levanta de prontidão, segurando o ombro da esposa e observando com medo a mesma ficar pálida. Isabelle estava tonta, vendo a vista escurecer e antes que pudesse falar algo ou pedir ajuda, sente-se levada para uma escuridão, onde nenhum pensamento poderia adentrar em seu cérebro.

V

*“Em meio à morte podia surgir
vida.”*

O médico havia terminado de examinar Isabelle Wessex, a jovem estava deitada na cama, olhando para o movimento em seu quarto, sem saber exatamente o que havia causado aquilo. Lembrava-se de ter desmaiado, entretanto não sabia como havia parado na cama em sua casa, com cinco pessoas ao seu redor.

Seu pai e sua mãe estavam falando com o médico, enquanto Margareth acariciava os seus cabelos negros com delicadeza, como se a mesma fosse sua filha doente. Enquanto isso seu esposo andava de um lado para outro no quarto, balbuciando algumas palavras, seu aspecto era de preocupado, o que faz Belle sentir um aperto no peito.

Pela primeira vez ela viu o rosto pálido ficar ainda mais branco, as olheiras que havia adquirido devido a morte de seu pai estavam mais salientes, enquanto a roupa já estava desabotoada. A casaca do fraque encontrava-se jogada em uma cadeira,

PERIGOSAS ACHERON

enquanto sua camisa estava para fora da calça, o suspensório com um dos lados caindo e a gravata frouxa. Quem o olhasse agora não diria que era um Conde, e sim um simples operário que voltou de mais um dia de trabalho.

— Isabelle, querida. — A voz de sua sogra ecoa, fazendo com que ela fite a mulher de cabelos louros ao seu lado. — Que bom que acordou, o doutor acabou de nos deixar entrar.

Assim que Gregory escuta a voz de sua mãe, olha para a esposa e vem a passos rápidos, sentando-se na cama e puxando a jovem para um abraço forte, controlando-se para não soltar lágrimas. O rapaz de olhos azuis pressiona a cabeça de Isabelle contra o seu peitoral, dando alguns beijos em seus cabelos e acariciando a bochecha rosada que sua esposa portava.

Para o Conde de Wessex o desmaio de sua adorada esposa foi desesperador, ele acabara de perder o pai, e viu-se muito próximo a também ter que se despedir de sua amada. O médico ainda não havia contado a eles o que aconteceu para a jovem

desmaiar, entretanto, o rapaz pensava que poderia ser uma doença grave, e ter que enterrar precocemente mais uma pessoa.

— Minha vida, eu estava com tanto medo. — Gregory sussurra no ouvido de sua amada, fazendo com que a mesma solte um breve sorriso. — Pensei que não irias mais acordar.

— Como eu vim parar aqui? — Isabelle pergunta, fitando os olhos safira de seu esposo, que ainda tinha um semblante preocupado.

— O escritório do Ryan fica a uma rua daqui. — O conde responde, pondo uma mecha do cabelo da esposa para traz da orelha. — Chamamos o médico e te trouxemos de carruagem para casa, achamos que seria mais confortável.

— Muito obrigada, meu amor. — Ela agradece com a voz falha, devido à falta de água. — Poderia me dar um copo com água?

— Com certeza, querida. — Ele responde, levantando-se e caminhando até o criado-mudo, onde tinha uma jarra com água e um copo.

Após servir a esposa, ele volta a se sentar na cadeira, esperando o médico baixinho e gordinho acabar de falar com os pais de Isabelle, que pareciam mais aliviados e tinham um pequeno sorriso nos lábios.

— O que ela tem, Jacob? — Gregory pergunta sem cerimônias, levantando-se da cama e andando até o médico conhecido da família.

Jacob, médico formado na Alemanha, tinha na faixa dos cinquenta anos, seu rosto era redondo e a cabeça careca. Era baixinho e gordinho, como quase todo médico, e utilizava óculos meia lua, que o deixava com olhar severo. Quem não o conhecesse teria muito medo, entretanto o homem era conhecido da família de longas datas, tanto que tinha uma aproximação para ser chamado pelo primeiro nome, todavia não era íntimo o suficiente para utilizar apelidos.

— Vem sentindo enjoo ultimamente? — O médico pergunta para Isabelle, que assente rapidamente. — Tonturas? Náuseas? Enxaqueca?

Chegou a vomitar?

— Tudo isso. — Isabelle responde olhando para baixo, envergonhada por não ter contado antes ao seu esposo. — Já venho sentindo há umas semanas.

Isabelle percebe que estava apenas com o fino vestido que se botava por baixo, seu espartilho encontrava-se do outro lado da cama e suas botinhas negras jogadas em algum lugar do quarto. Quem a visse pensaria que ela estava muito doente, entretanto a mesma estava sentindo-se ótima, tanto que queria poder se vestir, pois estava com vergonha de todas aquelas pessoas a olhando.

— Parabéns para o casal. — Dr. Jacob Matt fala, fazendo com que Belle e Gregory se olhem com ternura. — A senhora está grávida, Isabelle.

Todos na sala ficam em êxtase com a notícia, pois em meio a uma perda houve a graça de ser concebida uma criança. Um pequeno ser que iria alegrar a todos, fazendo com que a viúva e o filho esquecessem mais a triste dor de não ter mais um

ente querido. Agora todos iriam se mobilizar para bajular Isabelle, e fazer de tudo para que a criança nascesse saudável.

— O que tem de ser feito a partir de agora é diminuir o aperto do espartilho. — O médico dá as indicações, fazendo com que Isabelle revire os olhos. Algo que ela mais gostava era da sensação do espartilho em seu corpo, e para ela quanto mais apertado melhor e mais bonito ficava. — Alimente-se bem e fique de repouso, evitando fortes emoções.

Após dar as instruções, o Dr. Matt sai do quarto, sendo acompanhado por Henry Turner, deixando para trás as três mulheres ao lado de Gregory, que estava ainda processando as informações recém-adquiridas.

A partir daquele dia tudo mudaria, um dia tão triste acabara de se tornar um dos mais felizes de sua vida. Descobriu que seria pai, por esse motivo teria que tomar um cuidado redobrado em sua esposa, além do amor de sua vida, ou como ele preferia dizer, ela era a sua vida, e agora carregava

dentro de si parte dele. O mesmo pensava que já poderia morrer, pois sua essência estaria no mundo, pronta para viver uma vida plena e feliz.

— Gregory, poderia nos dar licença? — Sua sogra pergunta, olhando para o rapaz que tinha um sorriso nos lábios. — Vá ficar um pouco com o Henry, teremos agora uma conversa de mulher.

— Tudo bem, Melissa. — Gregory fala levemente triste, recebendo em troca de sua esposa um sorriso fraco, que fez o mesmo ficar com o coração apertado.

Através dos olhos esmeraldas era possível perceber a tristeza de não estar próxima ao seu esposo, para compartilharem daquele momento. Gregory também desejava ficar ao lado dela, entretanto sabia que as mulheres mais experientes deveriam aconselhá-la, e só por aquele motivo que o mesmo saiu do quarto, deixando para trás Isabelle.

Assim que as senhoras perceberam que Gregory saiu do quarto, fechando a imensa porta dupla, se

permitiram soltar um largo sorriso para a mais nova. A mãe de Isabelle a abraça com força, demonstrando pela primeira vez o afeto que sentia pela filha, era como se ela estivesse tentando dizer que a entendia e estaria consigo para apoiar em toda a gravidez.

Margareth tinha o seu velho sorriso maternal no rosto, observando a demonstração de afeto de sua amiga para com sua nora. Ela estava extremamente feliz em observar aquilo, pois sabia o quanto a jovem sofria em não ter o apoio da genitora, e agora que Isabelle precisaria de bastante carinho, Melissa decidiu que seria a mãe que a filha merecia.

— Não se assuste com a notícia, minha querida.
— Melissa começa a falar, acariciando os fios negros de sua única filha. — A gravidez é uma dádiva, e também uma forma de segurar um casamento. Não que tu precisas disso para ter o Gregory, ele te ama demais, precisava ver a forma que te olhou na hora em que estavas desmaiada.

— Em alguns momentos tu ficarás irritada, meu

bem. — Margareth acrescenta, levantando-se da cama e andando pelo quarto, até chegar à jarra de água e encher mais um copo para Isabelle, que em resposta revira os olhos para os mimos. — A gravidez mexe com nossos hormônios, é o bebê que altera tudo. Em alguns momentos vais se estranhar, principalmente o corpo, mas tudo irá valer a pena na hora de ter a criança.

Elas ficam durante algumas horas conversando, tudo sobre gravidez, hormônios, o que não podem fazer e os deveres que Gregory teria a partir de agora. Isabelle estava achando tudo engraçado, pois nunca vira as duas mulheres mais eufóricas, pareciam que eram elas que estavam grávidas. Ela entendia o lado das duas, sua mãe estava feliz por saber que sua filha era fértil e que agora, além de filha, teria um neto para bajular como se fosse seu. Já Margareth se apoiava na criança como uma esperança, a de que em meio à morte podia surgir vida.

Enquanto as mulheres conversavam, dois homens se encontravam na sala de estar, conversando sobre os recém-acontecimentos e

bebendo um pouco de conhaque. Henry sabia que a partir daquele momento teria que ser um pai para Gregory, alguém capaz de aconselhá-lo e dar as diretrizes do que deveria ser feito, pois era o que o seu melhor amigo desejava, tanto que escolheu o mesmo para ser o padrinho do jovem Wessex.

— Como tu estás se sentindo com tudo isso, rapaz? — Henry tenta utilizar o seu lado paternal, sem o preconceito de estar falando com o seu genro.

— Eu não faço a mínima ideia, Harry^[3]. — Gregory fala soltando um suspiro, deixando o seu copo de lado e assanhando os seus cabelos louros. — Eu enfrento um enorme dilema dentro de mim.

— Pode dividir comigo, filho. — Ele fala carinhosamente, de forma que o rapaz sentisse emoção ao perceber que teria alguém forte para apoiá-lo. — Sei que tem algo te afligindo.

— Com a morte de meu pai e a criança, eu fico dividido no que sentir. — Gregory começa a explicar, gesticulando com as mãos e contendo uma

lágrima. — Não sei se estou chorando de tristeza ou de alegria. Eu deveria ainda estar triste pelo meu pai, mas essa criança fez com que eu me animasse, sabe? Uma esperança me surgiu, não sei ao certo o que isso significa, mas eu estou me sentindo feliz. Só que ao mesmo tempo eu fico imaginando o que o meu pai diria se estivesse aqui, e isso me faz voltar a ficar mal, pois não estou com ele para comemorar.

— Tu acreditas no espiritismo, correto? — Henry pergunta, fazendo com que ele assinta. — Sei pouco sobre essa doutrina, mas o que conheço diz que o espírito não morre, que ele vai para um bom lugar, pode visitar os vivos e depois reencarna, podendo voltar a terra.

— Eu entendo isso, Harry. — O rapaz fala, fungando levemente o nariz. — Mas para mim ainda é difícil, sei que é egoísmo meu, mas eu queria que ele tivesse aqui, recebendo conosco a notícia, brigando comigo e me felicitando.

— Seu pai, apesar de tudo, gostava muito de ti. — Sr. Turner fala com um sorriso nos lábios. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele vivia falando que eras um filho espetacular, pois amavas absurdamente sua genitora e corria atrás dos seus sonhos. Ele te admirava, Gregory.

Gregory sorri com aquele comentário, soltando um suspiro logo em seguida. O rapaz precisava pensar, não sabia ao certo o que fazer, seu pai havia morrido e no dia de seu enterro descobriu que iria ser pai. Não teve tempo de estender o luto, pois a graça de uma criança estava presente, e aquilo fazia com que a sua dor fosse levemente aplacada, pois sabia que o amor prevalecia sobre tudo e todos.

Ter um pai morto era péssimo, mas com certeza seria pior se não soubesse que seria pai. A ideia de poder cuidar de um menino, ou menina, o fazia ficar feliz, saber que veria o crescimento de alguém, que iria poder aconselhá-lo nos momentos mais difíceis e direcionar a sua vida, fazia com que o coração do mesmo acelerasse. Sempre sonhou em ser pai, e agora Deus o dava uma criança para compensar a vida que a morte havia ceifado.

Naquele momento Gregory percebeu que iria parar de chorar, esqueceria a dor de ter perdido um

PERIGOSAS ACHERON

ente querido e focaria em sua esposa, para que a criança pudesse nascer sem nenhuma doença e trazendo alegria para a família tão devastada.

— Acho que o papai deve subir agora. — Henry comenta, vendo as duas senhoras descerem as escadas falando alto e sorrindo. Naquele momento todos da casa perderam a compostura, não falavam baixo como mandava as regras sociais e muito menos escondiam os seus sentimentos. A alegria era maior que a tristeza, e só ela para fazer as máscaras caírem.

Gregory acena levemente para sua mãe e sogra, subindo rápido pelas escadas e fazendo o trajeto até o quarto de sua esposa. Ele abre a porta sem bater, deparando-se com Isabelle fazendo carinho na barriga que ainda não demonstrava nenhum volume. O rapaz sorri olhando a cena, percebendo que sua amada estava em êxtase, e o que ele poderia fazer naquele momento era dividir a felicidade com a mesma.

A Condessa de Wessex estava com uma trança de lado que ia até depois de sua cintura, quem a

havia feito foi sua sogra, que enquanto conversava brincava com o cabelo da jovem. A roupa branca frouxa marcava o corpo de Isabelle, e o olhar dela estava iluminado, principalmente enquanto cantava uma música infantil para a sua barriga.

— Ela ainda não pode te escutar, minha vida.
— Gregory fala, arrancando Isabelle do transe. — Segundo o que o médico falou para o seu pai, ela só tem um mês, muito pouco para se desenvolver.

— O meu instinto materno fala mais alto, Greg.
— Ela responde com um sorriso no rosto, observando o rapaz se aproximar e sentar-se na cama ao seu lado. — Eu estou tão feliz em ser mãe, que me sinto egoísta em não estar vivendo o luto.

— Onde quer que ele esteja, sei que está feliz por nós, meu bem. — Gregory responde, puxando a cabeça de sua esposa para o seu peito, aconchegando-a perto de si. — Tente dormir, o médico disse que tu irias dormir por dois agora.

— Tu achas que é menino ou menina? — Isabelle questiona, soltando um bocejo em seguida.

Foi só falar em sono que o da jovem chegou, até então ela estava esperta, mas foi só se aconchegar no peitoral de seu esposo que relaxou, percebendo que iria conseguir dormir o que não foi possível na noite anterior.

— Eu quero que seja menina. — Gregory responde, após pensar um pouco. — Uma miniatura sua, igual a ti, com os mesmos olhos e sorriso seu.

— Já eu quero menino, um loiro, com seus olhos. — Isabelle diz fechando os olhos levemente. — Ele se chamará Gregory III, quero que tenha o mesmo nome do pai.

— O nome de menina eu gosto de Ariel. — Conde de Wessex diz com um sorriso nos lábios. — Seria uma linda garota, digna de contos.

— Também acho lindo o nome Ariel. — Belle responde, com um sorriso no rosto. — Transmite felicidade.

— E ela será a nossa felicidade, minha vida. — Gregory diz com um largo sorriso. — Ela está nos tirando do luto e trazendo a luz.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Promete que ficará ao meu lado para sempre, Gregory? — Condessa de Wessex questiona, fazendo o rapaz soltar um sorriso intenso.

— Eu nunca irei te abandonar, Belle, estarei do seu lado eternamente. — Ele responde com o seu sorriso alegre estampado no rosto.

— Tu és o amor de minha vida, Gregory. — Isabelle diz a frase que ela sempre gostava de dizer ao seu esposo.

— E tu és a minha vida, Isabelle. — Ele responde, fechando os olhos ao lado de sua esposa e se permitindo cair em um sono profundo.

PERIGOSAS ACHERON

VI

“Amar-te-ei por toda eternidade.”

4 anos depois

Isabelle e Gregory viveram os dias mais felizes de suas vidas desde o nascimento da pequena Ariel, uma garotinha linda, idêntica ao pai. A princípio eles achavam que seria um herdeiro homem, entretanto para o Conde de Wessex foi muito melhor ter visto aquela linda menina, de olhos tão azuis quanto os seus.

Belle a amava, e adorava observar a sua filha, que já corria pelos jardins da propriedade soltando alguns gritinhos. Para a mãe, Ariel ser tão parecida com o pai era de extremo orgulho, os cabelos loiros caíam em cachos nas pontas, modelando o mesmo formato de rosto quadrado, a única semelhança que tinha com a mãe era o nariz arrebitado, que indicava que teria uma personalidade marcante.

Com a morte de Hugh, Gregory teve que assumir todas as propriedades e trabalhar no lugar de seu pai, todavia, contou com a ajuda de seu sogro, que se saiu como um pai para ele.

Em meio a tantas atividades de trabalho, Gregory e Isabelle quase não tinham tempo a sós, mas o casal conseguia interagir, sempre em uma atividade ao lado da filha ou em algumas noites realmente sozinhos.

Para criar um hábito e não se perderem, o casal decidiu que todas as sextas-feiras sairiam e fariam programas de casais. Naquela noite em específico, Isabelle estava se arrumando para ir com seu esposo a ópera.

— Aperte mais o espartilho, Gregory. — Isabelle comanda, fazendo o seu esposo, que a ajudava a se vestir, revirar os olhos e seguir sua ordem, puxando com toda a sua força as cordas resistentes do espartilho bege, que fazia par com um lindo vestido da mesma cor, adornado com pequenos cristais no busto. — Até eu ficar sem ar.

— Isso te faz mal, Belle. — Gregory adverte, sem parar de cumprir a ordem de sua esposa. — Um dia irás desmaiar, que nem aquela sua amiga.

— A Dayse sofre dos nervos, e é gorda demais

para um espartilho. — Isabelle responde, observando o esposo dar o laço nas cordas que amarravam aquela peça tão odiada por ele.

— Eu te acho linda, meu amor. — Ele fala beijando os ombros desnudos de sua esposa. — Tenho medo por sua saúde.

— Pode ficar tranquilo, que no momento que eu me sentir sem ar, direi para diminuir o aperto. — Ela responde com um sorriso no rosto, dando um beijo na ponta do nariz de seu amado. — Agora pode chamar as empregadas, o meu Conde terá de descer para que eu termine a arrumação.

— Como desejar, minha Condessa. — Gregory responde com seu sorriso branco, afastando-se da esposa e indo em direção à porta do quarto.

O atual Conde de Wessex era apaixonadíssimo por sua esposa, a quantidade de seus sentimentos era incalculável, e o mesmo deixava claro que preferia morrer ao ter que viver sem sua amada.

Ao se afastar do quarto completamente, o loiro desce as imensas escadas de sua propriedade e vai

PERIGOSAS ACHERON

em direção a sala de música, onde se encontrava a sua mãe.

Após a morte do marido, Margareth decidiu por aceitar o convite dos jovens e morar com eles, a princípio a casa era cheia, pois o casal Turner estava instalado na propriedade com o intuito de dar o apoio necessário para a chegada do bebê. Todavia, assim que Ariel nasceu, seus avós maternos voltaram para a vida cotidiana, divididos entre Inglaterra e incansáveis viagens.

A sala de música era ampla, cabiam mais de vinte pessoas dentro e os poucos móveis contribuía para a mesma parecer maior. A harpa localizava-se cerca de dois metros na mesma linha de distância do piano da cauda, que era o que atraía a atenção de todos, pois o negro dele parecia o mais puro piche. Do outro lado da casa, encontrava-se um imenso sofá branco, próximo a um divã, que Isabelle adorava relaxar nele e ouvir seu esposo tocar.

Gregory, ao adentrar no recinto, observa sua mãe e sua filha brincando com uma boneca de

pano. A mais velha sorria abestalhadamente para a criança, que exibia seu sorriso largo. O rapaz sentia-se feliz ao ver a interação das duas, faltava apenas Isabelle para completar o trio das únicas mulheres que o mesmo amava.

Seu casamento era prospero, o mesmo sabia desse fato desde pequeno, e quando pôs os olhos em Belle pela primeira vez, na época ambos eram apenas crianças, tornaram-se melhores amigos e era uma constante luta afastá-los após um dia de brincadeiras. Quando cresceram e tomaram consciência do amor, entregaram-se a ele, e hoje se pode dizer que eram o casal mais feliz de toda Inglaterra.

— Olha se não são os meus amores. — Gregory fala em voz alta, atraindo a atenção da senhora e da criança. — O papai veio se despedir.

Assim que Ariel olha para o pai, seus lindos olhos azuis enchem-se de lágrimas, fazendo com que começasse a chorar. Era muito incrível como a mesma mudava de humor rápido, esse fato Gregory atribuía a sua esposa, que muitas vezes estava feliz

e outras triste, e sua filha de apenas três anos e três meses demonstrava a mesma característica da mãe.

— Ela não está suportando te ouvir falar em sair. — Margareth explica, levantando-se de onde estava, pegando na pequena mão da menina de longos cabelos loiros e levando-a até o pai. — Acho que fica com saudade.

Gregory sorri ao ouvir aquilo, de fato a criança demonstrava ser muito apegada a ele. Para um pai aquele fato era de demasiado orgulho, pois mostrava que o mesmo era bom e sabia como tratar uma criança, entretanto, o Conde de Wessex acreditava em uma ligação espiritual, algo mais profundo que um simples laço travado em uma única vida.

— Minha pequena lady, papai volta cedo. — Gregory diz com um largo sorriso no rosto, mostrando que estava tudo bem. — Eu e a mamãe já saímos outras vezes, e estamos sempre de volta, no mesmo horário.

— Quello que fique. — A pequena Wessex fala,

em sua fala de criança, tentando dizer “Quero que fique”.

— Mas o papai não pode, meu amor. — O rapaz replica, abraçando a criança assim que a observa chorar mais forte. — Doía ver sua filha tão desolada, e se o mesmo não tivesse se comprometido com Isabelle iria ficar ao lado da loira, brincando ou ouvindo seus dedinhos baterem loucamente pelo piano.

Sem dúvidas alguma, Gregory ficou balançado em ouvir o pedido de Ariel, e estava quase desfazendo o laço da gravata borboleta que completava o smoking ali mesmo. O rapaz começou a sentir o peito apertar com o pedido da filha, algo que nunca havia sentido antes, e desejava profundamente que fosse apenas seu coração bobo de pai.

Antes que pudesse falar mais algumas palavras de consolo a sua pequena lady, sua esposa adentra na sala de música, puxando a atenção para si e fazendo o rapaz engolir em seco com o tamanho da beleza que a mesma portava. Seus cabelos negros

estavam presos devidamente em um coque alto, deixando escapar apenas alguns fios, e seu vestido creme colava em sua cintura perfeitamente, e graças ao espartilho, espremia o seu busto para cima, dando mais volume que o normal.

Gregory abre um sorriso para a esposa, levantando-se de onde estava agachado. Ele precisava observar melhor o rosto dela, a mesma parecia um anjo com sua pele porcelana e olhos esmeraldas, entretanto aquele olhar foi diferente dos outros, parecia que estava querendo gravar em sua memória o rosto da sua doce esposa.

— Estou pronta, Greg. — Isabelle, que também não estava sentindo-se bem com aquela saída, anuncia com vontade de chorar e ao observar os olhos azuis de Gregory sobre si, uma tristeza imensa invadiu o seu peito, sentindo uma espécie de nó na garganta.

— Mamã, não! — A pequena Ariel fala, tentando pedir para a mãe ficar. Isabelle solta um sorriso para a filha, abaixando-se com cuidado para não amassar seu vestido, e chamando a jovem

garotinha para si.

Ariel sorri, andando até a mãe e abraçando a jovem, fazendo com que a mais velha tenha vontade de chorar. Era bonita a relação delas, quando se olhavam parecia saber o que a outra estava pensando, e mesmo a criança sendo tão nova, entendia a mãe como ninguém.

— Sabe, Greg? — Belle inicia com um sorriso no rosto. — A nossa ida a ópera não é tão importante.

Era tudo o que Gregory gostaria de ouvir, contudo, o rapaz não fez nenhum sinal de querer desistir, pensava na noite maravilhosa que poderia ter com sua esposa, a música de umas das peças de Mozart ecoando em seus ouvidos e a alegria que teria ao voltar para casa, principalmente após tomar algumas taças de espumante.

— Minha Condessa, nós não podemos quebrar nosso ciclo de sexta-feira. — Gregory fala indo até a esposa e a filha. — Se fizermos isso não dará certo, a Ariel tem que aprender que os pais têm

horas para ficarem sozinhos.

— Tens razão, Gregory. — Isabelle assente, soltando um sorriso. — Minha lady, nós iremos sair, caso estejas acordada nos veremos na volta.

A criança de cabelos loiros, solta as lágrimas, voltando a andar até a avó e se abraçando na perna da senhora, não olhando novamente para os pais. Aquele fato causou um forte aperto no coração de Isabelle, entretanto a mesma foi forte e deu as costas, indo com seu esposo em direção à ópera tão esperada por ambos.

§§§

A ópera havia sido mágica, as músicas bem orquestradas e os atores bem preparados. O casal estava em êxtase, e ficaram imaginando o porquê de em algum momento pensar em perder aquela apresentação.

Isabelle tinha um sorriso largo no rosto, cantarolando baixinho a música principal da ópera, e contagiando o seu esposo em meio àquela felicidade. Gregory ficou feliz em perceber como

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Belle ainda se contagiava com uma boa ópera, parecia uma criança assistindo a um espetáculo pela primeira vez, e aquele fato acalentava o seu coração.

O casal estava esperando a sua carruagem aparecer, o cocheiro provavelmente havia perdido a hora em alguma taverna. As pessoas que assistiram a ópera já estavam deixando o local, fazendo com que a larga avenida ficasse deserta, causando um leve medo em Isabelle.

A Condessa de Wessex estava com o coração na mão, pela primeira vez tinha medo da noite, que sempre foi sua melhor amiga. Lembrava-se de ter sono pesado, e quando, por algum milagre Morfeu^[4] não era generoso consigo, a jovem tocava piano, escrevia, lia algumas obras e até mesmo cozinhava, prática não muito perpetuada em sua família.

— Querido, tu não achas melhor nós pegarmos um Cabriolé? — Isabelle pergunta, apertando com força o braço do marido e respirando pesado em seu pescoço.

PERIGOSAS ACHERON

— Nossa carruagem logo chegará, Belle. — Gregory responde com um sorriso no rosto, tentando disfarçar o arrepio em sua nuca. — Minha Condessa mais que ninguém sabe como é arriscado pegarmos o Cabriolé.

Para Gregory manter a pose estava sendo difícil, seu ímpeto era de correr até o outro lado da rua e pegar o último Cabriolé, que estava parado próximo ao teatro, como se fosse a tábua de salvação deles.

O loiro fica de frente para a sua esposa, exatamente de costas para um beco transversal, que dava para uma rua repleta de tavernas e bordéis. Gregory mantinha a calma por Isabelle, que sempre se desesperava nos mínimos detalhes, a cena que se seguiu foi bonita, o rapaz põe sua mão direta na bochecha da amada, afagando-a com cuidado, enquanto uma lágrima solitária escorreu pelo lado esquerdo dos olhos extremamente azuis.

Aquele momento pareceu uma despedida, e pareceu prever a próxima visão de Isabelle. Vindo do beco íngreme, um homem de estatura mediana

estava todo coberto de negro, com um capuz de mesma cor, deixando apenas seus olhos de fora, exibindo uma íris cinza espetacular, que ela reconheceria instantaneamente. Antes que ela pudesse emitir algum som, o homem aponta a arma para Gregory, mirando em suas costas.

— Gregory! — Isabelle exclama, arregalando seus olhos esmeraldas, entretanto aquele grito foi aplacado pelo som da arma disparando.

Os momentos que se seguiram foi de total desespero, o corpo de Gregory cai sobre Isabelle, fazendo a moça se sentar no chão com o corpo ensanguentado do marido em seu colo. O choro alto agora ecoava pela rua deserta, a Condessa de Wessex perdeu a compostura e só conseguia gritar, pedia ajuda e sussurrava o nome do marido.

— Gregory, por favor, fala comigo. — Ela pede entre o choro, mirando os olhos azuis quase violeta do esposo, que estavam abertos e com um pouco de vida. — Fica comigo, Greg, não me deixa, eu preciso de ti, a Ariel também precisa, e tem a sua mãe. Nós, as mulheres de sua vida, precisamos de

ti.

— Eu estou contigo, Isabelle, e amar-te-ei por toda eternidade. — Ele consegue responder com a voz falha, apesar da dor queimante em seu peito.

— És o amor da minha vida, Greg. — A Condessa de Wessex diz, encostando sua testa na do marido.

— E tu és a minha vida, Isabelle. — Gregory finalmente dá suas ultimas palavras, perdendo completamente a vida que ainda continha em seus olhos extremamente azuis.

Após a despedida do casal, o diretor do teatro, um homem baixinho e gordinho, sai de onde estava, gritando com os empregados para segui-lo. Infelizmente o atirador já havia ido embora, deixando apenas o casal na rua. Isabelle não conseguia falar com o diretor, só chorava, abraçada ao corpo inerte do jovem Gregory Wessex, uma morte horrível para um rapaz bom, que prestava caridade e doava-se a família.

Ao fundo podia-se ouvir a voz do diretor do
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

teatro, chamando uma carruagem, ao mesmo tempo em que alguns homens tentavam tirar o corpo de Gregory das pernas de Isabelle. A jovem tentava a todo custo ficar ao lado do esposo, entretanto houve um momento em que eles tiveram de se separar, pegando carruagens diferentes.

Gregory, por ter sido baleado, foi encaminhado para um hospital para nobres, onde poderia fazer a cirurgia de retirada de bala e talvez salvar a sua vida. Belle tentou a todo custo seguir com ele, mas a esposa do diretor, Janeth, acompanhou-a até em casa, pois convenceu de que sua roupa ensanguentada não era apropriada para uma Condessa.

Por sua vez, Isabelle não sabia o que dizer, só seguia as ordens de outras pessoas, agia conforme os comandos. Sentia como se sua alma estivesse saindo de seu corpo, não admitia que o seu amado estivesse morto, suas lágrimas escorriam com força, sua dor era dilacerante, a mesma sentia como se o seu coração estivesse sendo arrancado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

VII

*“Gregory quando morreu levou
consigo Isabelle.”*

Todos estavam sentados na sala de estar da propriedade Wessex, Margareth estava inconsolável, abraçava sua nora com força e rezava para que a babá conseguisse conter Ariel no quarto. Ryan tinha os olhos fechados, segurando a pasta com força em suas mãos, ele agora deveria ser o advogado e não o melhor amigo.

A notícia da morte de Gregory havia chegado naquela manhã, algumas horas após Isabelle tomar um banho e lavar o sangue do esposo. Margareth, apesar de extremamente abalada pela perda do filho teve que ser forte, ordenar que tratassem de todo o velório e dar ordens ao Peter de enviar as notícias. Aos poucos os telegramas de condolências estavam chegando para a morada da Condessa de Wessex, entretanto só quem os lia era a mãe que perdeu o filho, pois Isabelle não tinha forças nem para falar.

Desde sua chegada ela só chorava, não conseguia emitir um som, o que causou preocupação a todos. Ela sofria em silêncio, não se

PERIGOSAS ACHERON

abria com ninguém e todas as vezes que o nome de Gregory era mencionado, a jovem agarrava-se a uma camisa dele e deixava as lágrimas caírem, em um pranto incessante.

Tentar descrever o que Margareth e Isabelle sentiam era de extrema insensibilidade, pois a dor era imensa e jamais chegaríamos aos pés do que ambas estavam passando. Duas mortes no intervalo de quatro anos, para a mais velha aquilo era terrível, pois a primeira tinha sido do seu adorado marido, e a segunda do seu único filho, que tinha uma vida fantástica pela frente.

Isabelle Wessex estava com roupas negras, mostrando-se realmente uma viúva, ela havia decidido para si própria que nunca mais tiraria o negro de seu corpo, aquela seria a sua nova cor. A jovem que sempre preferiu roupas claras entregou-se por completo ao luto, pois achava justo fazer aquela homenagem ao seu esposo.

Margareth Wessex, por sua vez, utilizava um azul marinho, quase negro. Ela sabia que homenagearia o filho em seus pensamentos, e

assim como fez com o seu esposo, a senhora foi forte. Utilizou o que anos de experiência a deram, e o que a educação das damas mandava, havia perdido seus pais, seu marido e agora o filho, a última morte estava sendo a pior de todas, pois nada chega aos pés que ter de se despedir de um primogênito, principalmente quando se é único.

— Acho melhor tu contares a fatalidade para Ariel, Condessa. — Ryan fala, tentando abrir um sorriso amarelo. — Creio que Thomas irá demorar a chegar.

Isabelle levanta-se a contra gosto, percebendo que teria de encarar a sua filha e dizer que seu pai havia morrido. Não tinha nenhuma noção de como faria aquilo, imaginava a sua filha chorando em seus braços, e de como contaria a verdade para ela, provavelmente aquele teria de ser um dos poucos momentos em que haveria a necessidade de uma mãe mentir para a filha.

A Condessa de Wessex subiu as escadas devagar, queria procrastinar ao máximo aquele momento, não imaginava como olharia para os

PERIGOSAS NACIONAIS

cabelos loiros de sua filha ou até mesmo fitaria os olhos quase violetas. Ela era a cópia de Gregory, e naquele momento o fato era bom e ruim, pois ao mesmo tempo em que reviveria o rosto do seu amado em sua memória, a dor cortante da perda seria para sempre fresca.

As portas do quarto da pequena Ariel são abertas, levando Isabelle a adentrar no lugar e fazer um sinal com a cabeça para a babá sair. Quando estava finalmente só com a filha, a Condessa de Wessex se abaixa, sentando-se no chão e observando a pequena brincar com uma das bonecas que Gregory havia a dado.

Aquela cena fez com que ela se lembrasse das inúmeras vezes em que estava sentada lendo um livro, e seu esposo conseguia um tempo para brincar com sua filha. Ambos ficavam gargalhando aos seus pés, enquanto ela desviava a atenção da obra para poder observá-los, mas infelizmente aqueles momentos nunca mais iriam se repetir, pois Gregory não entraria mais pela porta, não falaria mais, não gargalharia, não jogaria cartas, tudo isso porque ele havia morrido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Papai. — Ariel fala olhando para a porta, esperando o homem loiro e alto adentrar no local.
— Cadê?

Isabelle tenta sorrir para a filha, controlando as lágrimas e a vontade de gritar para o mundo que ele morreu. Que haviam tirado dela um dos seus amores, que estava só, que não sabia como viveria e que não tinha mais vontade alguma de encarar o mundo, pois seu universo havia se ruído.

— Filha, o papai viajou. — Isabelle começa a contar aquela meia verdade, fazendo de tudo para não chorar. — Ele foi para muito longe, e não sabemos quando irá voltar. Talvez ele nunca mais volte.

A menina fica olhando para a parede por um tempo, como se pensasse, e pela primeira vez Isabelle não conseguiu sentir a sintonia com os pensamentos da filha. A jovem mãe teve que ficar observando a garotinha tremer o queixo, enquanto franzia a sobrancelha, da mesma forma que o seu pai costumava fazer.

PERIGOSAS ACHERON

— Abandonô? — Perguntou Ariel, em uma péssima reprodução de “abandonou”, uma palavra muito difícil para uma menina de três anos.

— Não, meu anjo. — Belle diz tentando sorrir, e pensando consigo mesmo que era preferível, pois antes perder alguém para a vida que para a morte, pois na vida ela poderia odiá-lo, e até mesmo imaginar o que estaria fazendo. — Um homem, ele forçou o papai a ir.

— Não vota! — Ela tenta dizer ‘não volta’, fazendo com que sua mãe assinta e puxe-a para um abraço forte, tentando esconder o seu rosto na pequena nuca da criança loira.

As duas estavam chorando, a menina sentia algo dentro de si dizendo que aquilo iria acontecer, pois não queria que os pais saíssem. Isabelle tentava ser forte, pois sabia que se sua filha a visse chorando, iria perguntar, e a mesma não conseguiria fingir mais uma vez que estava tudo bem. Então, optou por ficar calada, abraçado a pequena menina, que tremia em seus braços, entendendo exatamente que nunca mais voltaria a

ver o pai.

A antiga Lady Turner não sabia dizer há quanto tempo estava chorando abraçada ao corpo da filha, entretanto soube que foi muito, pois uma empregada adentra no quarto, tentando soltar um sorriso para ela. Aquele foi o sinal que precisava para estar ciente da hora que deveria descer as escadas e encarar a realidade dos adultos, poderia simplesmente ficar com a filha, sem se preocupar com dinheiro e herdades.

Isabelle entrega Ariel nos braços de Agatha, a empregada de origem polonesa, soltando um sorriso amarelo. A senhora que cuidava da lady Wessex sabia a dor que a patroa passava, pois também havia perdido o marido, então entendeu perfeitamente que aquele sorriso era um pedido para que a mesma cuidasse de sua filha, pois a sua senhora não teria forças para mais nada.

Belle desce as escadas com cuidado, fazendo de tudo para manter sua cabeça erguida. Sempre soube que a leitura de testamento era importante, todavia não queria olhar para aquele, pois sabia que era o

atestado de óbito de seu marido. Achou muita falta de compreensão de Thomas, exigir uma leitura antes mesmo do velório, mas o que esperar daquele bastardo que só pensava em dinheiro? Por certo ele estava imaginando que o irmão deixaria algo para ele.

Após descer as escadas, a viúva senta-se ao lado de Margareth, olhando para o chão e evitando fitar a mesa em que ela costumava jogar pôquer com seu esposo. A falta de palavras proferidas, fez com que a sogra a abraçasse, rezando para que sua dor fosse mais aplacada e desejando que a nora conseguisse, quem sabe, encontrar um novo amor. Belle estava na flor da idade, apesar de ser mãe, muitos jovens queriam arrumar um casamento, principalmente com uma Condessa viúva, que poderia dar novos filhos.

— Hoje será complicado para mim. — Ryan fala, tentando se mostrar forte. — Ele era quase como um irmão, e eu não vejo necessidade de ler esse testamento, pois quase todos já sabemos o que está escrito aqui.

Thomas solta um sorriso no rosto, arqueando uma sobrancelha para Margareth, parecia que o mesmo estava desafiando a mãe que perdeu o filho, todavia, aquele ato se passou despercebido, pois todos estavam em profunda lamentação.

— Leia o testamento, Ryan. — Thomas pronuncia entre dentes, recebendo um revirar de olhos em resposta. Para o advogado, não fazia sentido aquele homem estar ali, pois não havia recebido nada do irmão, mas como mandava as normas, ele deveria estar presente por ser da família.

— Eu, Gregory Wessex, Conde de Wessex, de gozo de todas as minhas capacidades mentais digo que, com a construção de minha família atual, caso venha a perecer sem mais herdeiros. — Ryan começa, fazendo com que as lágrimas de Isabelle cerquem o ambiente. — Deixo todas as propriedades pela Europa para a minha esposa e filha, Isabelle e Ariel Wessex, bem como os títulos referentes a elas. A minha cadeira no parlamento ficará vaga, até ser feito o primeiro casamento, sendo esse de minha adorável esposa ou de minha

amável filha.

Ao ouvir a ultima frase, Isabelle não se aguenta em prantos, tinha ciência de que nunca se casaria, e sabia que o seu generoso esposo colocaria algo assim no testamento, pois queria apenas a felicidade dela. Contudo, a sua felicidade só poderia estar representada se fosse ao lado de Gregory, pois ele foi e será o único amor de sua vida.

— Como ele alterou o testamento? — Thomas berra na sala, andando de um lado para outro. — Meu irmão era desligado, não tomaria o cuidado de amparar a todos.

—Ele alterou o testamento assim que Ariel nasceu. — Ryan fala com calma, já sabendo que uma explosão de ressentimentos aconteceria naquela sala.

Isabelle Wessex levanta-se, fitando Thomas cautelosamente, como nunca havia feito em sua vida. Seu marido havia morrido, e o bastardo não tinha o direito de exigir nada, aquilo era

inadmissível. O rosto quadrado do rapaz de cabelos castanhos estava contraído, suas roupas impecáveis mostrava a melhora de vida, entretanto as botas em seus pés mostrava que o mesmo trabalhava no campo, e se não havia bengala, a falta de título era evidente.

Ele estava como um ótimo criador de cavalos, entretanto o que chamou a atenção de Isabelle foram os olhos cinzas, tão claros e tempestuosos como o Hugh, e também como o do homem que havia apertado o gatilho e matado Gregory. Um grito escapa dos lábios de Belle, fazendo com que a Condessa perdesse a compostura e fosse para cima do homem.

— Tu mataste o Gregory, seu desgraçado. — Ela grita, estapeando o homem, e deixando as lágrimas caírem. — Foi tu.

— Não Isabelle, eu estava na fazenda. — Thomas responde friamente, enquanto a mulher continua a gritar, exigindo que o mesmo desaparecesse.

Ryan a puxa pela cintura, de forma que a mesma ainda se debatesse em seus braços, porém os movimentos vão ficando fracos e apenas o que se é escutado são os choros de Isabelle. A Condessa de Wessex, a medida que vai se acalmando, sente o peito doer e o ar não conseguir entrar, era como se facas estivessem perfurando o seu corpo e o espartilho se tornou cada vez menor. E foi com aquelas sensações que a jovem foi levada para a inconsciência, para um lugar que só ela saberia.

§§§

O dia estava novamente chuvoso em Londres, exatamente como no momento em que a família despediu-se de Hugh. Alguns pássaros de inverno cantavam no topo das árvores peladas, dando um ar mórbido a cena.

Diferente do enterro do patriarca Wessex, aquele estava menos colorido, e a família aparentava sofrer mais, tanto por ter sido uma pessoa mais próxima, como também por seu traço de personalidade ser amável e calmo.

O cortejo fúnebre estava sendo feito por Ryan e mais alguns empregados do cemitério, formando uma cerimônia simples e para poucas pessoas. Quem estava presente eram apenas, um amigo, que levava o caixão, Pryah, uma senhora francesa que criou Gregory, sua mãe, Isabelle, que sofria, sem dar uma palavra e Peter Hero, o fiel empregado que estava presente nos momentos mais difíceis da Condessa de Wessex. Os sogros do antigo Conde de Wessex não puderam comparecer, pois estavam em uma viagem longa, para comprarem tecido na Índia.

Belle ainda não havia se conformado com a morte do marido, algo dentro de si dizia que o mesmo estava em algum lugar, esperando para que ela aparecesse e juntos pudessem dar continuidade aquela história de amor. Todavia, seu racional insistia em dizer que a garota não poderia se enganar, ela viu a bala sendo disparada nas costas de seu amado, observou seus olhos perderem a vida e ouviu suas últimas palavras, dizendo que a amava.

Dizem que é pior perder uma pessoa em sua

frente que receber a notícia da morte. Ambas são um choque, mas quando você vê o seu amor perecer em seus braços, o trauma fica para sempre. Isabelle estava prestes a conviver com esse marco, a jovem a partir daquele dia nunca mais seria a mesma, pois Gregory perdeu a vida, e ela acabou dentro de si com a alegria de viver.

— Chamamos agora a viúva, para que ela preste seu discurso fúnebre. — O padre, exatamente o mesmo que enterrou outrora o pai, chama a atual viúva Wessex para prestar as suas homenagens.

Durante o breve percurso, Isabelle segue olhando para os lados, imaginando seu esposo aparecendo ao seu lado, sorrindo para ela e acenando, dando forças para que a mesma faça aquele ato tão difícil. Sempre havia sido assim, quando faltava coragem na jovem, Gregory estava ao seu lado, motivando-a a fazer algo que a mesma não queria.

Entretanto, infelizmente ela não teria mais seu amado ao seu lado, seu mundo havia se perdido,

pois sem ele ficava sem saber o que fazer. Tudo aquilo culpa de Thomas, um invejoso que não soube admitir que perdeu uma herança, por mais que a polícia dissesse que era impossível, e o mesmo podendo provar sua estada na fazenda no mesmo horário, Isabelle tinha certeza e não se enganava com os olhos vistos, tanto que utilizou seu poder de Condessa para proibir a entrada do bastardo no cemitério.

— Estou hoje, quebrando um pouco do meu voto silencioso, com a intenção de me despedir oficialmente do meu amado Gregory. — Isabelle inicia, soltando um longo suspiro. — Nunca fui boa em falar em público, e só ele sabe como está sendo difícil para mim estar aqui, mas é por amor e com amor que irei contar o que o Conde de Wessex foi para mim. Todos aqui sabem, pois só os íntimos da família estão presentes, o quanto eu e meu Greg nos dávamos bem. Desde pequenos andávamos juntos, e ele foi o meu guerreiro, meu pirata, meu príncipe, meu lord, e principalmente meu marido e companheiro. Eu não perdi apenas um esposo, eu perdi o motivo de ter alegria, de olhar para o Sol e querer iniciar mais uma jornada. Gregory quando

PERIGOSAS NACIONAIS

morreu levou consigo Isabelle, deixando apenas a Condessa de Wessex, alguém que fará de tudo para manter as aparências, e tentará conviver com a total infelicidade que assola o meu peito.

Para alguém que não fosse da família, iria achar um exagero aquelas palavras, mas quem estava ali tinha plena consciência de que a jovem falava a verdade, ela amava Gregory Wessex e sua vida nunca mais seria a mesma. As lágrimas salgadas inundavam aqueles olhos esmeraldas, provando que o brilho do amor nunca mais estaria presente naquelas íris.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

II PARTE

PERIGOSAS ACHERON

I

“Todas as características que ela admirava em seu esposo sua herdeira continha”

14 anos depois

Desde a morte de Gregory a propriedade Wessex nunca mais foi a mesma, a Condessa de Wessex, que antes dava vida a casa se reclusou em um quarto, saindo apenas para tratar de negócios com Ryan. A vida no palacete ficou ainda mais triste com o falecimento de Margareth, que após cinco anos da morte do filho não aguentou a tristeza e morreu, deixando em seu testamento a propriedade para Ariel. Os pais de Isabelle, por sua vez, devido à idade e querem uma vida tranquila, exilaram-se em ilhas ao norte, não vindo mais a Inglaterra nem para tratar de negócios.

Isabelle dificilmente falava, em alguns bailes dado por ela a mesma só trocava palavras com a Duquesa de Cardiff, pois ambas se conheciam desde novas e tinham filhos da mesma idade. A Condessa tinha empregados específicos para tratar, Peter Hero era o único que ela mantinha uma conversa continua, bem como Agatha, pois tratava de assuntos sobre a educação da Lady Wessex.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ariel mal se lembrava de como era ter um pai, e muito menos uma mãe. A jovem costumava chamar sua babá de mamãe, e quando sua avó morreu a mesma sofreu uma perda grande, pois era a pessoa com laço sanguíneo que mantinha consigo um contato fraternal.

A bela garota, no auge dos seus dezoito anos e meio sorria por tudo, falava alto e não se importava para as normas sociais. Já estava no final do século XIX, e por esse motivo a mesma considerava as tradições ultrapassadas. Seus cabelos loiros desciam em grandes cachos, combinando perfeitamente com os olhos azul violeta. Ariel Wessex era considerada a moça mais bonita de toda Londres, ficando na frente até mesmo das princesas, muitos homens costumavam cortejá-la, entretanto a sua mãe não aceitava a investida de quase ninguém.

Naquela noite em específico, o palacete passava por uma nova decoração, e o salão de baile há anos fechado era reaberto. A grandiosa festa estava sendo feita por um motivo específico, que quando a jovem soubesse iria odiar eternamente sua mãe,

PERIGOSAS ACHERON

entretanto a mesma estava apenas concentrada em qual vestido utilizar, e se poderia pôr alguma cor chamativa.

— Ariel, querida. — Agatha a chama, fazendo a garota engolir algumas risadas e fitá-la, com seus olhos extremamente azuis. — Creio que sua mãe prefira que vista algum tom de azul, ou de creme. Não creio que seja adequado pôr rosa, verde ou violeta.

— Mas violeta combina com os meus olhos, mamãe, a senhora mesmo o diz. — Ariel fala contente, indo abraçar a senhora que a criou desde pequena.

— Cuidado como me chamas, garota. — A senhora replica, olhando para os lados. — Sua mãe está na propriedade, e fora dos quartos, se te ouvir me chamando assim pode me despedir.

— Ela não tiraria a única alegria da filha dela não é mesmo? — Ariel pergunta com um sorriso no rosto. — Se bem que ela se comporta muito mais como uma madrasta que como mãe.

— Ariel, pare já de falar da sua mãe desta forma. — Agatha a repreende, soltando um suspiro. — Só Deus sabe o que a Condessa passou em sua vida.

Distante do quarto, Isabelle se encontrava sentada em uma sala, completamente trancafiada e sem ninguém por perto. Desde a morte de Gregory apenas ela poderia adentrar no cômodo, tanto que a mesma fazia questão de limpá-lo quase todos os dias, e assim vinha fazendo, durante tantos anos.

O salão era repleto de armas brancas, um das paixões do Conde de Wessex, todas elas polidas, podendo apresentar até mesmo o reflexo da pessoa que a analisava. Uma mesa de mogno ficava entre as imensas estantes, que portavam espadas, adagas, facas, sabres etc. aquela mesa foi outrora o escritório de Gregory, onde ele analisava papéis de propriedades e alguns documentos. O rapaz dizia que um homem tem que unir sua paixão ao seu trabalho, e por esse fato a decoração de seu espaço era repleta pelo o que gostava.

Isabelle analisava as espadas com um sorriso,

pois se lembrava do amor de Gregory pelos artefatos. Ele costumava dizer que:

“Se um dia eu tiver de duelar com alguém, escolherei uma espada. Pois quem controla a arma branca é o homem, já a arma de fogo é que controla o homem.”

— Se ele tivesse tido a honra de chamá-lo para um duelo, tu estarias comigo. — Isabelle sussurra, sentindo as lágrimas caírem de seus olhos esmeraldas e escorrer pelo seu decote.

A viúva ainda sofria todos os dias com a perda do único homem que ela amava e aquilo a matava por dentro, arrastando toda a sua felicidade para longe. Assim como disse no discurso fúnebre, Isabelle Wessex havia morrido, restando apenas a Condessa de Wessex, uma mulher fria, sem amor e capaz de fazer tudo para alcançar os seus objetivos.

Belle costumava dizer que faz tudo para manter o padrão social e dar uma boa vida a sua filha, o único ato que ela se julga incapaz de fazer é ocupar a sua cama com outro homem. Pois ela amava

apenas Gregory, e seu finado era, como por obrigação, seu primeiro e único.

Vagava pela sua memória os momentos em que não se importou com convenções sociais, sabia o que havia feito ao lado de Gregory, de tantas vezes que os mesmos ignoraram padrões julgados hipócritas pelos mesmos. Todavia, naquele momento Isabelle só se importava para as normas de etiqueta e com o que os outros pensariam de sua família, por esse motivo o baile estava sendo dado.

Ariel fora criada para saber de tudo um pouco, leu as obras selecionadas pela mãe, teve aulas de etiqueta, costura e andou pelo universo masculino, aprendendo a jogar pôquer e lutar esgrima, bem como conhecer de bebidas e charutos. A jovem Wessex fora criada para ser a mais perfeita esposa, e aquele baile era o momento em que sua mãe escolheria o rapaz ideal para se casar com sua filha.

ξξξ

Uma valsa agitada ecoava pelo ambiente, fazendo com que doessem os nervos de Isabelle. A

mulher, que antes amava dançar, agora sentia uma imensa melancolia ao ouvir acordes do piano, ela se lembrava de seu esposo, de como eles costumavam se divertir com algumas baladas e de como a mesma dançava majestosamente ao lado dele. Mas naquele momento as notas eram desconexas, perdeu a melodia e a altura que eram emitidas só causava dor na cabeça da Condessa.

Isabelle leva a mão, coberta por uma luva negra, até a cabeça, fechando os olhos e franzindo a testa, de modo que fossem marcadas levemente as poucas rugas que ela adquiriu com o tempo. Os anos haviam sido generosos para com a Condessa de Wessex, poucas rugas haviam se formado em seu rosto, entretanto, para compensar, as boças d'água estavam cada vez mais profundas, indicando que a mesma não dormia, e chorava na maior parte do tempo.

À noite, que sempre foi melhor amiga de Belle, tornou-se sua pior inimiga. Quando dava o horário das dez, a viúva lembrava-se de tudo, fato esse que fazia o seu corpo inteiro tremer e lágrimas invadir seus olhos. Para se acalmar a mesma tomava uma

garrafa de vinho, agarrada a uma antiga camisa de Gregory, que com o tempo estava perdendo o cheiro cítrico que o homem portava.

— Acho melhor a senhora procurar um médico, Condessa. — A voz de Ryan ecoa atrás de Isabelle, fazendo com que a mesma o olhe, percebendo que o mesmo estava se referindo a sua tremedeira na mão. — Creio que seja anormal uma mulher, considerada por muitos, jovem, tremer desta forma.

— Eu estou bem, Ryan, e não precisa mandar o Dr. Matt vim me visitar novamente. — A Condessa responde, sem coragem de olhar para o seu interlocutor. O solteirão continuava com o mesmo semblante, com apenas algumas rugas devido ao trabalho, entretanto o ver era imaginar como Gregory estaria se continuasse vivo.

— Como a senhora desejar. — Ryan fala, ainda ao lado de Isabelle, tentando capturar a cena que a condessa tanto analisava cautelosamente.

No centro do salão, Ariel dançava alegremente com um rapaz alguns anos mais velho que ela. A

jovem sorria, seu cabelo estava meio preso e meio solto, fazendo com que a cor dourada viva resplandecesse pelo salão. Lady Wessex tinha leveza, sabia dançar como ninguém e seu sorriso iluminava qualquer um, aqueles fatos contribuíam para Belle perceber como a filha era idêntica ao pai, todas as características que ela admirava em seu esposo sua herdeira continha.

— Ela é idêntica ao Greg. — Ryan fala com lágrimas nos olhos, pois lembrar-se de seu único amigo ainda o causava dor. — Tem o mesmo sorriso, o mesmo cabelo e os mesmos olhos. Só o temperamento que se parece com o seu, ela também é teimosa e faz todo o que quer.

— Ryan! — Isabelle o chama, fazendo com que o mesmo pare de falar. — Por favor, pare de falar e me leve até a Duquesa de Cardiff.

O moreno não fala mais nada, apenas estende o braço para a amiga e vai guiando-a por entre as pessoas até uma senhora aparentemente jovem, com os cabelos de um castanho claro. Isabelle se segurava nos braços de Ryan, pois acreditava que a

qualquer momento poderia cair, sentia as suas pernas bambas e o coração acelerado, e novamente o ar faltava em seu peito, indicando que o espartilho estava apertado.

A mulher, de mais de quarenta anos, sorri abertamente ao ver Isabelle, ambas eram amigas de muito tempo, e viam aquele baile como uma forma de unir os seus filhos. A Duquesa tinha um ar nobre, o nariz arrebitado fazia a mesma parecer esnobe, o que de fato o era, entretanto aquele nunca foi um problema para a Condessa de Wessex, que era tão esnobe quanto.

Lilian, a esposa do Duque de Cardiff, o qual Isabelle nunca descobriu o nome, deu sorte em sua vida. Conseguiu um bom casamento com seu primo e viva feliz, com um único filho, do qual Isabelle desejava para seu genro. A mulher, mais velha que a Condessa, tinha olhos azuis, combinando com a pele pálida e cabelos castanhos. Lilian era idêntica ao seu filho, Lord Cardiff.

— Que belo baile, Condessa. — A Duquesa de Cardiff comenta com um sorriso, abanando-se com

PERIGOSAS NACIONAIS

um leque esplendoroso. — Sua filha está cada dia mais bonita, e tem uma classe fantástica.

— Fiz o suficiente para dar uma boa educação, a senhora sabe que não foi fácil. — Isabelle comenta com um sorriso, pois sabia que a sua interlocutora estava ciente de todas as suas dificuldades.

— Ela nasceu em uma família nobre, está no sangue. — Lilian continua a série de elogios, para finalmente fazer um sinal para Ryan, pedindo para que o mesmo se retirasse. — Lady Wessex parece se divertir dançando com esse Marquês, o Millian, creio que a família ascendeu recentemente na pirâmide londrina.

— Enlatados. — Condessa de Wessex comenta suspirando, pois não achou adequada a interação de sua filha com um rapaz de classe inferior. — A Ariel gosta das classes menos favorecidas.

— Burgueses, sabe como são. — A senhora de olhos azuis murmura, fazendo um leve semblante de nojo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Creio que seja o problema da sociedade. — Isabelle responde, arqueando uma das sobancelhas. — Está tomando o nosso espaço na pirâmide, bons tempos em que a nobreza ainda tinha mais valor, e não se curvava ao dinheiro da venda de títulos.

— Ouvi dizer que a Marquesa é uma alpinista social, veio das classes mais baixas. — A Duquesa continua, soltando um suspiro e pensando em outras formas de insultar o jovem rapaz de cabelos negros. — Ele deve ser um bastardo.

— Não fale essa palavra, Duquesa, por favor, já tive problemas muito sérios com bastardos em minha família. — Isabelle diz levando a mão a cabeça, como se estivesse sentindo alguma dor.

— Meu filho está em algum lugar, gostaria de apresentá-lo à Ariel. — A Duquesa comenta, soltando um largo sorriso ao observar o semblante de sua interlocutora se alegrar.

— Irei chamá-la, por favor, identifique o seu filho, não é de bom tom deixar a dama esperando.

PERIGOSAS ACHERON

— Isabelle comenta rigorosa, virando as costas e andando altiva por meio das pessoas.

Seu vestido negro esvoaçava por onde andava, todos se identificavam com os sentimentos dela. Em seu rosto estava escrito o quanto sofreu, e suas vestimentas carregadas traziam um ar mórbido, estampando para todos que faltava um elemento essencial em sua vida.

Isabelle, desde que se tornou viúva, aboliu as cores de seu guarda-roupa, ela dizia que utilizava o preto, pois sua vida estava daquela forma, escura, em sombras, sem nenhuma luz. Como também costumava dizer que cores eram para pessoas felizes e sem serem marcadas por tragédia, diferente dela, que tinha o atestado de sua infelicidade dentro de uma gaveta de escritório.

— Ariel, por favor, pare de dançar. — Isabelle exige, tentando alcançar a filha em meio aos casais rodopiantes. Para a Condessa, agir daquela forma estava sendo difícil, pois tinha que se desgastar para acabar com os caprichos de sua filha. Estar perto da música afetava os seus nervos, causava um

enjoo terrível e revivia memórias que a mesma não gostava de lembrar.

No momento em que teve a troca de pares, sua filha não conseguiu ser mais vista em meio aos dançarinos. Os cabelos loiros não poderiam ser identificados, o que fez Isabelle ter vontade de gritar, controlando-se para não ter uma crise histérica em meio a tantos nobres.

Ela precisava encontrar sua única filha, estava tratando de um casamento, Ariel conseguiria ter mais títulos que ela. A cadeira no parlamento, vaga até então, teria um sucessor a altura, alguém que já estava acostumado com questões burocráticas.

— Algum problema, Condessa? — Uma voz grave ecoa em seus ouvidos, fazendo com que a mesma se vire e encare Albert, o futuro Duque de Cardiff, parado em sua frente.

O rapaz era idêntico a mãe, seus cabelos eram castanhos e os olhos azuis, entretanto sua pele era levemente corada, devido aos esportes que o mesmo praticava. O seu porte altivo lembrava o de

um rei, o que fez a Condessa perceber logo que o mesmo tinha um sangue nobre puro.

— Ariel, ela desapareceu. — Isabelle fala entredentes, fazendo o rapaz soltar uma breve gargalhada, mostrando os seus dentes brancos.

— Eu a vi adentrando pelo corredor, se for do interesse da Condessa, eu poderei seguir com a senhora. — Albert fala extremamente educado, mas não por ser gentil, e sim por saber da intenção de sua mãe em casá-lo com a herdeira Wessex.

Os duques de Cardiff tinham títulos, entretanto estavam perdendo seu dinheiro, bem como seu prestígio na corte. Para eles, a união de Albert e Ariel era de extremo lucro, pois teriam mais uma cadeira no parlamento britânico e recuperariam o padrão de vida que estavam acostumados.

A Condessa aceita a atitude do rapaz, aceitando o seu braço e indo em direção ao corredor vazio da mansão, o mesmo que dava nos quartos vazios, o que levava para a sala de armas, ao escritório de Gregory. Ao observar aquilo a senhora solta um

suspiro alto, tentando conter suas lágrimas, parecia que a vida estava pregando uma brincadeira, mas o rapaz ao seu lado não parecia estar se divertido, pelo contrário, ele parecia estar falando a verdade.

Quando estavam quase no final do corredor, puderam-se ouvir risadas, uma masculina e outra feminina, sendo que a segunda Isabelle reconhecia perfeitamente como sendo de Ariel. Assim que o casal adentrou em seu campo de visão, a jovem deixou a garrafa de espumante cair no chão, olhando diretamente para a mãe.

Albert recolhe um sorriso, pois percebeu exatamente o que estava acontecendo. Ariel e o rapaz, Millian, estavam aos beijos, tentando abrir a porta dupla de uma sala, que aparentava ter um tamanho absurdo. Ao ver a mãe os olhos azuis se arregalaram, ao mesmo tempo em que o rapaz corou, tendo vergonha da Condessa.

— Saia já daqui. — Isabelle fala tentando reprimir as lágrimas, entretanto o ar começa a ficar rarefeito, pois a Condessa percebeu em que local a filha estava tentando entrar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ariel, que nunca teve curiosidade em saber histórias de seu pai, estava tentando entrar no único cômodo proibido, no escritório de Gregory, mas não com o intuito de velar a imagem de seu pai, e sim querendo profaná-lo, deitando-se com algum homem embaixo das figuras de diversas armas.

Isabelle não consegue se controlar ao imaginar o que o esposo falaria, provavelmente ele teria um infarto, e a mulher, tão sofrida não sentiu mais o corpo, pois os pulmões se dilataram, levando o oxigênio diretamente ao coração, de forma que a mesma se entregasse a inconsciência.

PERIGOSAS ACHERON

II

*“Um deles será responsável pela
alegria, e o outro pela melancolia.”*

O médico franzia o cenho, observando a Condessa de Wessex queixar-se do que vinha sentido. Para o senhor, Jacob Matt, que acompanhou toda a trajetória da bela dama, as crises constantes eram mais um caso de nervos, onde um trauma atingia parte do cérebro da pessoa, afetando seu sistema nervoso.

Isabelle, mesmo após quatorze anos ainda sonhava com aquela noite, lembrava-se do corpo caindo em seu colo, de como foi desesperador observar seu amado perder o brilho no olhar. E para ela, o pior era saber que o assassino de Gregory estava solto, em meio à sociedade, rindo e gastando todo o dinheiro da família com jogos.

A Condessa tinha certeza de que Thomas matara o próprio irmão, viveu todos esses anos com a imagem dos olhos cinzas em sua mente e a única que acreditou nela foi sua sogra, que infelizmente não estava mais ao seu lado. Então o que restava para si era guardar em seu íntimo toda a sua sede de

PERIGOSAS ACHERON

vingança.

— A senhora precisa de repouso. — Dr. Matt dá as instruções, olhando fixamente para Agatha, que estava responsável pela Condessa. — Não quero a Condessa andando demais, folgue o espartilho, esse aperto não está te fazendo bem. Irei passar alguns medicamentos para que a senhora melhore, mas creio que seu caso seja de difícil tratamento, há anos vens sofrendo em silêncio.

— O que eu tenho, Dr. Matt? — Isabelle pergunta, sentando-se de forma mais confortável na cama e encarando o senhor de aproximadamente sessenta anos. — Por favor, não me esconda nada. Eu irei morrer? Finalmente o meu sofrimento se acabará? Oh! Senhor, por favor, dei-me essa graça apenas quando ver minha única filha casada. — A Condessa diz pondo a mão na testa e fechando os olhos, esperando que alguém anuncie sua morte, mas esse fato não acontece.

— A senhora está em pleno gozo de sua saúde física, Condessa. — Jacob responde, entregando dois frascos de remédios para Agatha. —

Entretanto a sua mente está fragilizada, por isso os remédios. Não irás morrer, muito pelo contrário, vejo vitalidade em ti.

— Vitalidade essa que não adianta de nada. — Isabelle retruca, observando os remédios com algum tipo de fúria. — Por favor, Dr. Matt, deixe-me a sós, o senhor está me irritando com esse assunto de morte. E agora eu sou uma mulher que sofre dos nervos, não posso passar por desgaste mental nem físico.

Isabelle ao dizer aquelas últimas frases, arranca uma pequena gargalhada de Agatha, que recebeu com certo humor a atitude da patroa. Todavia, por mais que aquilo parecesse um drama de uma lady, Isabelle estava sendo sincera ao expressar sua vontade de morrer, pois a mesma não conseguia se reconhecer em seu próprio corpo.

— Como queira, Condessa. — Jacob fala, fazendo um sinal de despedida para a empregada e virando as costas, indo em direção as portas duplas do quarto.

PERIGOSAS NACIONAIS

O doutor baixinho faz o caminho para a sala acompanhado de Peter, que não dizia uma palavra sequer. Sempre muito discreto, o mordomo era o favorito de Isabelle, pois há muitos anos o mesmo era o seu confidente, onde ela pode depositar toda a tristeza que sentia por não ter Gregory ao seu lado.

Peter Hero ainda era um homem robusto, esposo fiel, entretanto com tendências homossexuais. Pai de três filhas, todas mulheres, e trabalhava para a família de Isabelle há anos, viu a menina se casar e acompanhou a trajetória do seu matrimônio com Gregory, viu a tragédia adentrar na casa, bem como a felicidade sair e as gargalhadas voltarem por meio de Ariel.

O mordomo não conseguia entender o porquê da patroa ter negligenciado a filha, lembrava-se da ligação que elas tinham, e de como era bonita a relação entre o casal e a criança. Mas talvez, a lembrança de Gregory seja tão forte que Isabelle não consiga observar os lindos cabelos loiros da filha sem se lembrar de seu amado, e Hero sabia que a dor da perda nunca conseguiria ser superada.

PERIGOSAS ACHERON

— Como está a minha mãe? — Ariel pergunta levantando-se do sofá, ela estava visivelmente nervosa, tanto que suas mãos tremiam levemente. Por mais que tivessem uma relação complicada, ambas se amavam, eram mãe e filha.

Lady Wessex encontrava-se extremamente fora de padrão, seus cabelos soltaram-se, seu vestido fofo já estava amarrotado e para completar, as pequenas botinhas de salto estavam jogadas perto do sofá, de forma que a garota se encontrasse descalça. O médico, ao ver a cena fechou o semblante, pois uma dama não deveria se apresentar daquela forma, contudo Peter estava acostumado com Ariel, e apenas solta um sorriso.

O baile, que antes corria a todo o vapor foi interrompido, os convidados foram mandados educadamente para fora e Ariel ficou na sala, observando o movimento. Albert e a mãe ofereceram-se para esperar o resultado da consulta com a jovem, entretanto a mesma recusou-se com veemência.

— Ela está sofrendo dos nervos, por favor, não

irrite a sua mãe. — Dr. Matt fala revirando os olhos, pois o comportamento inapropriado de Ariel estava circulando nas mais altas castas da sociedade londrina.

— Eu nunca a irrita, doutor. — Ariel fala com a mão no peito, fazendo-se de ofendida. — Ela quem tem uma forte energia para se irritar sozinha.

Jacob Matt revira os olhos novamente, saindo do palacete sem se despedir, para o homem tradicional, o comportamento da jovem era hediondo, e se a mesma fosse a sua filha já estaria em um convento.

Ariel solta um pequeno sorriso para a atitude do homem, não se importando com o olhar repreensivo. A garota era o oposto da mãe, ou idêntica à mesma naquela idade, não se importava para o que os outros pensavam e via padrões sociais como errados, se a jovem loira quisesse fazer algo, ninguém, e muito menos normas, iriam a impedir.

Ao observar Agatha descer as escadas, lady Wessex solta um suspiro, percebendo que teria de

falar com a sua mãe. Não significava que a jovem gostaria que a mãe se encontrasse em um estado grave, muito pelo contrário, ela se preocupou em ver o desmaio, entretanto, falar com Isabelle significava que a mesma receberia uma reclamação.

Sem conseguir raciocinar muito, Ariel levanta-se de onde estava, indo em direção as escadas e subindo devagar. Ela tentava a todo o custo procrastinar os seus passos, pois sabia que uma vez chegando aos aposentos da Condessa, uma conversa séria não poderia ser evitada.

— Percebo que veio observar o estado de saúde de sua mãe, Ariel. — Isabelle diz amargamente, fitando os olhos azuis da filha, que estavam brilhando devido a pequenas lágrimas que se formavam. — Veio rir do meu estado? Ou prefere sentir-se culpada? Se não fosse pela sua ousadia estaríamos agora no baile.

A Condessa de Wessex estava com a mão na cabeça, sentada na imensa cama de casal, ao redor de diversos travesseiros. Seus longos cabelos negros estavam presos em uma trança lateral, onde

escapava alguns fios, muitos deles brancos.

— Minha mãe, não foi a minha intenção causar-lhe mal. — Ariel diz, aproximando-se da cama e sentando-se em uma cadeira próxima a cabeceira. — Eu só estava com um amigo, e queríamos um local mais silencioso para conversar.

Ariel acreditou que aquela mentira era boa o suficiente, em sua mente Isabelle acreditaria em tudo, sorriria para a filha e elas fariam as pazes. Entretanto a mãe conhecia sua cria, e tinha certeza absoluta que aquela era uma mentira, e como tal não passaria despercebida.

— Eu não nasci ontem, Ariel. — Condessa de Wessex fala com raiva, estreitando os olhos extremamente verdes para a filha. — Tu estavas prestes a profanar a nossa casa, e para piorar o seu par não tinha nem a decência de um nobre.

— Mãe, a senhora deveria viver a sua vida. — Ariel retruca, levantando-se da cadeira e cruzando os braços. — Sou crescida e já sei bastante do mundo, então, por favor, seja boa para mim e

deixe-me ser feliz.

— Felicidade não existe, Ariel. — Isabelle retruca, fitando mortalmente a filha. — Agora vá se ajeitar para dormir, amanhã irá à cidade com a Agatha para comprar um vestido novo na modista. À noite daremos um jantar.

— Para tratar de meu casamento? — Ariel pergunta com um sorriso irônico no rosto, afrontando a mãe. — Pensas que sou burra, entretanto sei exatamente que tentas arrumar um casamento para mim.

— Se sabes não preciso mais esconder. — A condessa responde, voltando a pôr a mão na cabeça, como se estivesse com dor. — Agora faça um favor para a sua jovem e sofrida mãe, por favor, vá comprar um novo vestido na modista. Seu futuro esposo estará aqui amanhã às seis da noite.

— Eu não irei me casar, Condessa! — Ariel fala alto, demonstrando toda a sua frustração e vira as costas, ignorando os chamados altos da mãe.

Para a jovem um casamento arranjado estava
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fora de questão, o final do século XIX já havia acabado com aquelas práticas, entretanto sua mãe insistia em dizer com quem ela deveria se unir. Ariel sentia-se como um objeto sendo vendido para o melhor comprador, ou ao que pagasse mais caro.

Lady Wessex, mesmo com uma educação tradicional, era moderna, acreditava no progressismo, lia as novas ideias políticas e desejava a igualdade entre homens e mulheres. Para a jovem, casar-se com alguém porque sua mãe desejava era de extrema ignorância, e a mesma ainda tinha esperanças de que a Condessa percebesse o quão aquilo soava ridículo.

§§§

A imensa capa azul celeste com detalhes em dourado combinava com os olhos e cabelos de Ariel. A jovem andava por entre o povo, acompanhada de Agatha e mais um empregado, quem a visse na feira livre perceberia que a mesma não se enquadrava naquele ambiente, principalmente se observasse as suas roupas caras.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Todavia, quando a loira entrava em contato com as pessoas era como se encontrasse o seu local. Uma vez havia fugido de casa para poder aproveitar uma festa de rua, sua mãe nunca descobriu esse fato, mas aquela noite foi a mais feliz de sua vida.

A cesta que ela carregava estava abarrotada de frutas, enquanto Agatha segurava uma com verduras. Para convencer a jovem de ir à modista, sua mãe aceitou que a empregada a levasse, após o encontro com a responsável pelo lindo vestido, para fazer compras na feira. Ariel iria ajudar a preparar o jantar, pois amava a culinária, uma das poucas artes que ela se orgulhava em dizer que herdara de sua mãe.

A Condessa de Wessex, quando mais nova, era conhecida por seus quitutes e muitos costumavam falar, na época, que ela conquistou seu esposo pela barriga. Entretanto, após a morte de Gregory, Isabelle não chegava mais perto da cozinha, pois alegava que uma lady não deveria desgastar suas mãos.

PERIGOSAS ACHERON

— Olha, Agatha! — Ariel chama a atenção da sua dama de companhia, fazendo com que a senhora se aproximasse e tentasse observar para onde ela estava olhando. — São ciganos.

— Ariel, é melhor não se aproximar. — Agatha repreende ao perceber que a jovem estava indo em direção ao grupo de pessoas que tocavam violino na rua. — Há boatos que os mesmos são bandidos.

— São boatos, Agatha. — Ariel retruca, soltando-se da mão gorda de sua acompanhante e indo em direção àquelas pessoas.

Poucos passos foram dados em direção ao grupo de pessoas que estavam em uma pequena praça. Algumas mulheres e homens dançavam ao som do violino e do pandeiro, as senhoras de mais idade liam a mão de algumas moças e outras tinham tablados postos no chão, onde liam a sorte por meio de cartas.

Ariel sente-se extremamente feliz ao observar as cores vindas de suas roupas, a melodia que estava sendo tocada fez com que ela ficasse leve,

seu corpo tinha vontade de mexer-se conforme a música. A alegria era de um contágio exacerbado, o que fez com que ela percebesse que estava tendo contato com a felicidade, coisa que era proibida em sua casa.

Sem pensar duas vezes ela vai até uma senhora baixinha e magra, que utilizava roupas verde e vermelha. A mulher, de aproximadamente cinquenta anos, estava utilizando um lenço na cabeça, cobrindo os seus cabelos, enquanto que em suas mãos ela misturava habilmente um baralho completamente diferente do que Ariel já viu.

— Olá jovem, como estás? — A senhora pergunta com um sotaque irlandês. — Deseja ver a sorte?

— A sorte? — Ariel pergunta, alargando o sorriso. — Eu nunca ouvi falar sobre ler sorte.

— Então venha descobrir. — Ela responde com um sorriso maior que o da própria Lady Wessex.

— Quando custa? — A jovem questiona, observado que havia dinheiro em cima de um

PERIGOSAS ACHERON

chapéu que ficava no chão.

— Quando tu desejares. — A cigana fala com um breve sorriso, observando Ariel tirar de sua pequena bolsa de pano uma alta nota de Libra. — Como se chamas?

— Ariel. — A filha de Isabelle diz, sentindo-se como se fosse uma criança.

— Meu nome é Kiara, irei pedir para ti que cortes o monte em três e retirar uma carta de cada um. — Ela explica com cuidado a Ariel que assente, retirando uma carta de cada monte.

A senhora vai dando mais algumas instruções para ela, enquanto a mesma vai fazendo tudo o que ela manda. Após retirar quatorze cartas, a cartomante teria mais uma por conta própria, pondo no topo de todas. Ariel observa que as cartas forma retiradas em forma de pirâmide, o que a fez se lembrar da pirâmide social de que sua mãe tanto fala.

— Vejo que tu és uma nobre, que tens problemas de relacionamento com a matriarca. —
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A cigana começa, bebendo água de uma taça vermelha que ficava em cima do tablado. — És a carta do topo, mas observo que mesmo vivendo em um ambiente triste, a senhorita tem um coração alegre.

— Isso mesmo, eu tenho problemas com a minha mãe. — Ariel começa a falar, entretanto a cigana levanta uma mão, fazendo um sinal para ela parar.

— Não digas nada, pode interferir no resultado do jogo. — Kiara comunica, fazendo com que a jovem ficasse calada. — Aqui te mostra dois caminhos, o da felicidade e o da tristeza, também tem dois homens nele, ambos estão muito próximos. Um deles será responsável pela alegria, e o outro pela melancolia. Não se deixe levar pela vontade dos outros, e nem pelo encantamento das novas descobertas, utilize a razão e a intuição. O luxo não é tudo, querida.

— As cartas falam mais alguma coisa? — Ariel pergunta franzindo o cenho e respirando fundo, sentia curiosidade em saber seu futuro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Infelizmente isso é tudo o que eu posso revelar, querida. — Kiara responde com um sorriso materno, o que faz Ariel sentir o seu coração aquecido.

— Muito obrigada, senhora. — Ariel responde ainda animada, entretanto com curiosidade para saber sobre tudo o que ela falou.

Completamente distraída, Ariel começa a andar para trás sem saber direito o que pensar, completamente atordoada, a jovem esbarra em uma pessoa alta. A jovem solta a cesta no chão, apoiando-se nos braços daquele que ela havia, sem querer, batido. Braços fortes seguram a cintura da jovem, que dá um pequeno grito ao ver algumas frutas espalhadas.

Lady Wessex rapidamente se solta dos braços do desconhecido e começa a se abaixar, pegando algumas frutas e pondo novamente na cesta de vime. A jovem estava tão distraída enquanto recolhia os alimentos que não observou quando um rapaz se abaixou para ajudá-la.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Muitas frutas se estragaram. — O jovem, de aproximadamente vinte anos, fala com um sorriso no rosto.

— Desculpe-me, senhor, não queria ter batido em ti. — Ariel responde sem olhar para o rosto do rapaz.

— Fique tranquila, tu esbarastes no meu pai, não em mim, e o mesmo não está furioso. — O jovem diz sorrindo, analisando os cabelos loiros da garota que não o olhava.

Malthus, um jovem cigano de vinte e três anos, era um rapaz, que por sorte não havia caído na tradição do casamento arranjado, alto, magro, de pele bronzeada e cabelos negros, enquanto seus olhos eram de um âmbar incrível. Ele ajudava o pai na fabricação de adagas e as vendia em feira livre, foi exatamente isso que o mesmo estava fazendo, antes da jovem misteriosa esbarrar no mais velho e o rapaz ter que ajudá-la.

— Mas tu estavas em seus afazeres, e eu desastrada derrubo tudo. — Ariel fala, finalmente

PERIGOSAS ACHERON

olhando para ele.

Quando a garota cruza os olhos com o rapaz, sente como se conhecesse o mesmo de muito tempo. Ariel abre um largo sorriso de felicidade, enquanto ele pisca algumas vezes os olhos como se não acreditasse no que estivesse vendo. Ambos sentiram uma sintonia inexplicável, que fez com que ficassem parados, fitando um ao outro.

— Meu nome é Malthus. — O rapaz fala, estendendo a mão para Ariel e ajudando-a a se levantar.

— Prazer, Malthus. — A loira responde, pegando a cesta que estava na mão dele. — Eu me chamo Ariel.

— Poderia te ver algum dia? — Malthus questiona, sem entender o motivo de ter feito aquilo. — Meu grupo e eu estaremos em Londres até a Sexta-Feira.

— Mas já estamos na Terça-Feira. — Ariel responde com um sorriso no rosto, controlando-se para não rir inexplicavelmente.

— Então teremos apenas três dias para nos encontrarmos. — Ele responde de forma serena.

— Encontre-me amanhã pela manhã, as dez, em frente à praça do parlamento. — Ariel fala com um sorriso no rosto, distanciando-se dele e indo em direção a Agatha, que estava com um semblante sério.

III

*“O mesmo havia morrido e nunca
mais voltaria.”*

Isabelle estava sentada conversando com a Duquesa de Cardiff e Albert, enquanto esperavam Ariel descer. A Condessa achou estranho o comportamento da filha desde o momento que a mesma voltou da feira com Agatha, infelizmente nem a senhora nem o empregado que as acompanhou proferiu uma palavra do motivo da herdeira estar daquele modo.

Ariel não havia reclamado com a mãe por causa do jantar, estava eufórica e cantarolava, sorriu ao ver a matriarca e ainda deu-lhe um beijo na testa. O comportamento estava extremamente diferente do habitual, entretanto aquele atraso estava sendo inconveniente, já que eles eram britânicos, e com isso, pontuais em demasia.

— Desculpe-me o atraso de Ariel. — Isabelle fala com um suspiro grande. — Ela não costuma ser assim, eu a eduquei para não fugir de seus compromissos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pode ficar tranquila, Condessa. — Lilian responde cordialmente. — Sabemos que é difícil para muitas jovens cumprirem com a obrigação.

— Nem me fale, Duquesa. — A Condessa de Wessex responde em um amplo suspiro. — Ariel dá-me muito trabalho, creio que seja a falta de um homem na família.

— De certo que sim. — A Duquesa de Cardiff fala com um sorriso amplo. — Por isso, que é importante sua filha casar-se com um rapaz forte e de personalidade.

— Se me for permitido interromper a conversa. — Lord Cardiff fala com um sorriso no rosto. — Eu costumo apreciar os temperamentos fortes, creio que será de grande satisfação conviver com Lady Wessex, ela me parece uma moça distinta.

— Minha filha de fato é uma jovem distinta. — Isabelle responde com um breve sorriso. — Ela teve a melhor educação possível, e sabe até mesmo como acompanhar o esposo em alguns esportes, como a esgrima e a caça.

PERIGOSAS ACHERON

— Aprecio muito saber que sua filha aprendeu os principais esportes e poderá me fazer companhia. — Albert responde, suspirando fortemente ao olhar para o relógio. — Todavia, creio que terei de ensiná-la o uso do relógio.

Assim que ele proferiu a última frase, a sombra de uma pessoa nas escadas foi percebida, fazendo com que todos virassem para fitar a imagem da bela Ariel. Se Gregory tivesse previsto naquela época que sua filha seria tão linda, iria pôr o nome da mesma de Belle.

A jovem utilizava um vestido azul bebê de mangas de renda, ele era o padrão para o século, sua saia não era bufante, tendo um corte reto, o busto era sem decote e tinha detalhes na gola de renda. O cabelo da mesma estava solto em grandes cachos, e seus olhos estavam mais azuis que antes.

— Ninguém precisará me apresentar relógio algum. — Ariel retruca com um sorrisinho no rosto. — Eu sei ver a horas e também sei que esse jantar só começaria com a minha presença, então a hora sou eu quem dito.

— Desculpe-me, Lady Wessex. — Albert solicita, levantando-se e indo até os pés da escada, pegando na mão dela e beijando-a. — A senhorita está linda.

— Gentileza a sua, Lord Cardiff. — Isabelle responde com um sorriso forçado. — Podemos iniciar o jantar?

— Sim, faltava apenas a ti, e já que chegastes, podemos dar início ao nosso jantar. — Isabelle responde, levantando-se com seu vestido negro e andando em direção à cabeceira da mesa.

Quem a olhasse diria que a mesma estava presa no tempo, pois suas roupas ainda eram vitorianas, com as saias bufantes e busto extremamente apertando, onde o seu colo ficava amostra. A senhora sempre utilizava os cabelos presos, em um sinal que fora casada.

Assim que todos tomaram os seus postos à mesa de jantar, Isabelle sente um peso no peito, pois há muito tempo não sentava naquele local. Desde a morte de Gregory, ela e Ariel comiam na

cozinha em um horário antes dos empregados, pois a matriarca não gostava de fitar a cadeira, que outrora era de seu esposo, vazia.

Naquele instante, a Condessa de Wessex prendera uma lágrima, pois ficou imaginando como seria se o seu esposo estivesse entre eles. Provavelmente Gregory levantar-se-ia, bateria na taça, sorriria e falaria de como a sua filha era educada e merecia um rapaz à altura. Ou então eles estariam jogando cartas, Ariel não precisaria de um casamento arranjado, já que tentariam ter um filho homem para poder assumir o parlamento. O Conde de Wessex iria sorrir para ela, pegar em sua mão e beijá-la, ambos poderiam dançar uma valsa ou tocar alguma peça de Mozart ao piano.

Só que para a infelicidade da duquesa, Gregory não estava entre eles, o mesmo havia morrido e nunca mais voltaria. Isabelle sentia a dor de perder o marido todos os dias, e ainda sofria mais em saber que a filha não se importava com a imagem do pai.

— Quando começarão a discutir sobre o meu

futuro casamento? — Ariel questiona de forma irônica, fazendo com que a Duquesa de Cardiff arqueie uma sobrancelha e Albert solte um breve sorriso.

— Ariel, por favor, calada. — Isabelle pede, tentando se recompor e não chorar na frente dos convidados.

“Uma Lady nunca demonstra suas emoções”, foi o que sua mãe havia lhe dito quando Isabelle, ainda criança, ficou triste com a morte de seu coelho.

— Mas eu tenho o direito de saber se será na Escócia ou na Irlanda. — A jovem continua a falar descontroladamente, fazendo com que a mãe leve a mão direita para a cabeça.

— Estás bem, Condessa? — Lilian pergunta educada, olhando para a amiga que tinha semblante de dor.

— Estou sim, Duquesa, entretanto tenho que anunciar que agora eu sou uma mulher que sofre dos nervos. — A Condessa fala, tomando um gole

PERIGOSAS ACHERON

de vinho. — Mas vamos jantar, caso Ariel volte a falar algo inapropriado é só a ignorarmos.

— Como a senhora vem me ignorando desde a morte de seu esposo? — Ariel questiona, de forma que a mãe engolisse em seco. Conseguiu sentir a amargura da filha, e não suportava quando a mesma não se referia a Gregory como o seu pai.

— Lady Wessex, querida, creio que a mesa não seja o local apropriado para se expor questões familiares. — Lilian expõe o pensamento com um breve sorriso no rosto, tentando mostrar para a garota que a mesma estava sendo mal educada.

Após aquela fala, Ariel se cala, observando que a mãe não estava bem. Todos à mesa comem em silêncio, sem ter coragem de trocar uma palavra e ser motivo de aborrecimento. Ariel fitava Albert furiosamente, quanto o mesmo esboçava um sorriso cretino. Isabelle concentrava-se em seu prato, tentando ao máximo não olhar para a outra cabeceira, a que estava vazia. Já a Duquesa de Cardiff mastigava a comida com cautela, saboreando cada pedaço do peixe que estava

comendo.

O jantar foi ocorrendo de forma completamente fria, as únicas vozes escutadas eram a da Duquesa e da Condessa, que após algum tempo quebraram o silêncio para falar de como a comida estava sublime. O jantar encerra-se como o esperado, fazendo com que Isabelle e Lilian fiquem na sala de estar, enquanto Ariel tem como obrigação conduzir Albert para a biblioteca.

— A senhorita não parece apreciar a minha companhia. — Albert comenta irônico, fazendo com que Ariel revire os olhos de forma furiosa. — O que eu não entendo, já que grande parte das jovens de nossa idade iria adorar me ter como pretendente.

— Eu já te falei que és muito narcisista? — Ariel questiona, fitando os olhos azuis do rapaz alto.

Albert Cardiff era realmente muito bonito, seus cabelos eram castanho claro e os olhos azuis iguais aos da mãe. Ariel facilmente se apaixonaria pelo

rosto afilado e simétrico, se não fosse todo o caráter desqualificado que ele portava.

— Eu só estou expondo a verdade, Arielzinha.
— Ele diz com um breve sorriso nos lábios. — Mas a senhorita irá aprender a gostar de mim, afinal, nós iremos nos casar.

— Eu sei que sua família está perdendo muito dinheiro, Lord Cardiff. — Ariel fala com um sorriso largo no rosto. — E tu precisas se casar com uma moça de família rica para voltar a ter prestígio na corte, todavia ponha algo em seu cérebro, eu nunca irei me casar contigo.

— Sua mãe pensa exatamente o contrário, mesmo sabendo da falência de minha família, a mesma acredita que eu sou o melhor partido para ti.
— Albert retruca, apoiando uma mão na parede e analisando o ambiente repleto de diversas estantes.

— Então por que não se casa com ela? — Ariel questiona de forma irônica, saindo de onde estava e encaminhando-se para o seu quarto.

Sem ao menos dar boa noite para as mulheres
PERIGOSAS ACHERON

na sala, Ariel vai em direção aos seus aposentos. A jovem sentia raiva de sua mãe, entretanto tentava se controlar para não brigar com sua genitora, já que Isabelle estava sofrendo dos nervos.

Naquela noite, a serenidade volta a habitar a mente da lady, pensando no cigano que havia conhecido. Ele era o rapaz mais belo que a mesma já havia visto, seu rosto era marcado, seus olhos âmbar tinham um brilho intenso, que combinava com os cabelos negros como os de um corvo. Ele era alto e forte, seu maxilar era levemente quadrado, combinando com a maçã do rosto um pouco levantada e o nariz afilado.

§§§

Ariel sai do carro em um pulo, a jovem havia ficado feliz em não ter cruzado com a mãe pela manhã, e para melhorar seu dia, o motorista responsável era um antigo amigo, que não pensou duas vezes antes de levá-la ao seu encontro secreto.

A jovem estava vestindo uma capa violeta, que combinava com o vestido na mesma cor. O capuz

cobria levemente o seu rosto, de forma que a mesma não pudesse ser reconhecida.

Ariel escolhera a praça do parlamento naquele horário por não ter ninguém, os parlamentares estavam todos dentro da estrutura de pedra, e a praça abrigava apenas diversos motoristas que esperavam os seus respectivos patrões. O ambiente estava seguro para si, entretanto nunca imaginaria que ir naquela praça a traria uma sensação de nostalgia.

Lady Wessex poderia não se lembrar, mas sempre iria para lá junto com sua mãe, ambas ficavam sorrindo enquanto esperavam Gregory sair pelas imensas portas de ferro. Aquilo pareceu loucura, mas era como se ela lembrasse exatamente do rosto de seu pai, e também da doçura de sua mãe.

— A senhorita está bem, Ariel? — Uma voz masculina ecoou, fazendo a jovem tomar um susto e olhar em direção ao seu interlocutor.

Um imenso sorriso se alarga no rosto da jovem

ao ver Malthus parado a sua frente. O rapaz estava com vestes negras e beges, sua camisa de tecido leve deixava amostra parte de seu peito e sua calça era cumprida, sendo cobertas até a panturrilha por uma bota. Próxima, finalmente, a ele sem o aperreio de recolher frutas, Ariel percebe que o mesmo tinha uma pequena argola prata na orelha esquerda, de forma que a mesma sorria ao observar algo incomum.

— Desculpe-me, mas eu estava distraída. — Ariel comenta com um largo sorriso no rosto, fitando os olhos âmbar. Finamente as duas cores de íris se encontraram, ganhando conexão, caramelo com violeta, interligados em um sentimento que estava brotando.

— Pareceu-me realmente muito entretida a olhar o parlamento. — Malthus comenta com um sorriso no rosto. — Tem alguém aí dentro que não possa te ver?

— Muitas pessoas ali não podem me ver. — Ariel diz suspirando. — Minha mãe surtaria se me visse falando com alguém que ela não aprova, mas

eu não me importo.

— Creio que devido ao que dizes, e as suas vestimentas, seja tolice minha tentar ter algum relacionamento com ti, até mesmo o de amizade. — O cigano comenta, ainda analisando a jovem de pele pálida.

— Então sabes que sou nobre. — Ela comenta em um suspiro. — Não queria que descobrisses, pois se afastaria de mim, os homens ou têm medo de ter convívio comigo, ou têm interesse nas minhas posses.

— Imaginei que fosse de alguma família rica, mas não que eras da nobreza. — Malthus comenta pensativo, observando que seria impossível ter algo com a jovem. — Deve ter muitos rapazes igualmente nobres que tem o interesse em ti.

— Vários, mas eu não gosto de nenhum, e minha mãe só aceitaria o meu casamento com quem ela quer. — Ariel comenta amargamente.

— Tu se importarias de ir comigo até o meu acampamento? — Malthus questiona, olhando a

PERIGOSAS ACHERON

praça ao redor e observando o grande relógio, que marcava dez e meia.

— Claro que podemos ir, o parlamento daqui a pouco dá o intervalo, e essa praça encherá de pessoas que me conhece. — Ariel concorda, aceitando o braço do rapaz que a mesma acabara de conhecer e indo em direção ao seu carro. — Um amigo veio me trazer, podemos seguir com ele, o mesmo é discreto.

— Como se sentir mais confortável, Ariel. — Malthus comenta com um sorriso, fazendo com que ela faça uma pequena reverência em agradecimento.

Ambos entram em um carro moderno e extravagante de cor negra, indo em direção à propriedade de uma Marquesa que havia emprestado partes de suas terras para os ciganos ficarem. Ele ia em alta velocidade pelas ruas largas de Londres, e reduziam levemente ao chegarem em locais mais estreitos.

Durante todo o caminho Ariel ia conversando

com o seu companheiro, ele havia revelado a sua idade, bem como o que costumava fazer no acampamento. A jovem por sua vez explicou como havia sido rígida sua educação, e de como sua mãe não havia lhe dado carinho. Eles conversavam como se conhecessem desde sempre, era como se os mesmos houvessem sido criados juntos, como se suas almas estivessem se reencontrando.

Quando finalmente adentram na propriedade, Ariel reconhece como sendo da Sra. Potty, uma marquesa viúva, muito alegre e que costumava patrocinar todo tipo de arte, sustentando até mesmo escritores em decadência.

— Tu estás instalado no terreno da Marquesa Elizabeth Potty. — Ariel responde com um sorriso. — Eu cresci ao lado dela, a mesma quem me ensinou a tocar flauta.

— Então não foi uma boa ideia trazer-te ao acampamento. — O rapaz comenta com um pesar. — Ela pode te reconhecer.

— Eu sou conhecida em qualquer local dessa

cidade, e infelizmente não teria nem uma taverna que pudesse me levar, pois seria identificada. — A jovem comenta, tentando esconder sua revolta. — Mas foi excelente ter me trazido até aqui, a Marquesa não é fofqueira e nunca diria a minha mãe.

— Então ficarei contente em te apresentar algumas pessoas importantes daqui. — Malthus responde, saindo do carro e estendendo a mão para Areial, ajudando-a a sair do veículo.

Eles vão em direção as tendas que ficavam ao fundo da propriedade rindo, a jovem sabia que o palacete era imenso e que conseguiria abrigar tranquilamente até cem pessoas em suas terras. Todavia, Malthus havia comentado que seu grupo era pequeno, tendo apenas sessenta pessoas vivendo entre eles, sendo que dez eram crianças.

Assim que conseguem avistar as tendas coloridas, Ariel sente-se criança novamente, sentindo vontade de correr até a fogueira montada no centro e dançar ao som a leve melodia que ecoava de uma das tendas. Os olhos violetas

PERIGOSAS NACIONAIS

conseguiram ficar mais claros com a alegria, de forma que o rapaz ao seu lado percebesse que a mesma estava mais serena que o habitual.

O casal caminha em linha reta até uma das tendas, ela era verde e vermelha com alguns detalhes em dourado nas bordas. O rapaz faz um sinal para Ariel entrar no local, o que a jovem faz sem nem ao menos pensar duas vezes. O ambiente era amplo, tinha cadeiras baixas espalhadas em volta de um centro, e alguns tecidos estavam estendidos, formando cômodos.

Uma mulher, magra e baixinha, sai por uma pequena abertura nos tecidos, sorrindo largamente ao observar o casal. Assim que Ariel a fita fica espantada, pois a reconhece imediatamente. A senhora tinha cabelos brancos escapando do lenço que cobria sua cabeça, a postura ativa mostrava traços de liderança e o sorriso era demasiadamente meigo.

— Kiara? — Ariel questiona ao ver a mesma senhora que havia posto cartas, quem lhe disse que teria de fazer uma escolha em seu futuro próximo.

PERIGOSAS ACHERON

— Olá, Srta. Ariel. — A senhora fala com um sorriso maternal nos lábios. — Infelizmente não posso dizer que estou surpresa em te ver.

— Eu sabia que tu eras cigana, mas que não estarias na mesma tenda que ele. — Ariel fala ainda sem associar os possíveis graus de parentesco.

— A Kiara é minha mãe. — Malthus fala com um sorriso orgulhoso, indo em direção a mais velha e pedindo a benção.

— Por que não se senta, querida? — Kiara oferece, apontando para uma cadeira coberta por um pano vermelho.

Assim que Ariel toma posse do assento, os ciganos sentam-se no chão, explicando que em sua cultura era normal abdicarem de cadeiras, pois eles gostavam do contato com a terra. Ao ouvir aquilo Lady Wessex sai de onde estava, juntando-se a eles no que formou um pequeno triângulo.

A tarde foi cercada por conversas, sem nem ao menos perceber Ariel almoçou com eles, o que a fez conhecer outros ciganos que trataram-na com

PERIGOSAS ACHERON

bastante simpatia. Seth, o líder deles, ofereceu hospitalidade, dizendo que se a mesma quisesse poderia seguir com ambos para a Espanha, onde iriam fazer a peregrinação a Santiago de Compostela.

No final da tarde, Ariel ensinou como fazer o famoso chá inglês, formando uma reunião entre ela e algumas ciganas alegres, que estavam na faixa dos quinze a vinte anos. Sem sombra de dúvidas aquele havia sido um dia mágico para a jovem, que a mesma teria de se despedir, pois suas obrigações diziam que ela teria de voltar para a realidade.

— Espero poder te ver amanhã, Ariel. — Malthus fala com um belo sorriso no rosto, fazendo com que a jovem ficasse com os olhos brilhando.

— Terá um baile para a minha mãe comparecer amanhã. — Ariel começa com um sorriso. — Ela sairá de casa às seis da tarde e só voltará após as onze, pegue meu endereço com a Marquesa.

— Estarei esperando ansioso para amanhã, *my lady*. — Malthus fala ainda com um sorriso,

beijando a mão de Ariel e despedindo-se da mesma.

Enquanto o jovem cigano observava o carro desaparecer pela escuridão, um homem alto e robusto aparece em suas costas, tocando em seu ombro e tomando a sua atenção. Malthus ao olhar para trás observa que era Seth, o líder do grupo, e que provavelmente o mesmo desejava falar acerca da visita que o acampamento “Stella di Mare”, nome dado a eles, havia recebido.

— Ela parece uma boa moça. — Seth começa, ficando ao lado do jovem rapaz. — E tu estás apaixonado.

— Eu não sei o que fazer, quero viver ao lado dela eternamente, mas sei que nossa diferença de cultura nos impede. — Malthus comenta em um suspiro forte.

— O nosso povo existe há mais de dois séculos, meu garoto. — O ancião começa a falar, recebendo total atenção do mais jovem. — Nós temos tradições fortes, mas acolhemos as mulheres de outros povos. Se a mesma te amar, ela abdicará de

PERIGOSAS NACIONAIS

suas tradições para seguir contigo, e o seu grupo irá recebê-la de braços abertos.

Aquele fato fez o jovem ficar extremamente feliz, não sabia o que pensar, apenas sentia o seu coração acelerado ao imaginar que se Ariel quisesse seguir com ele, o acampamento iria recebê-la com carinho e acolhimento.

PERIGOSAS ACHERON

IV

*“A mesma voz em que ela imaginava
escutar.”*

Isabelle encontrava-se sentada em uma poltrona acolchoada, enquanto observava os jovens dançando pelo salão. Havia vozes dos casais ecoando em seus ouvidos, o que fazia a mesma sentir-se enjoada. A amargura de perder o amor de sua vida, fez com que ela tivesse aversão a casais apaixonados, principalmente os que demonstravam afeto.

“Deixe-os serem felizes, meu bem. São jovens e merecem encontrar o amor, lembre-se de nós nessa idade.” Seria o que Gregory falaria a ela, o que fez a mesma soltar um pequeno sorriso ao imaginar a voz melodiosa de seu finado marido.

—Condessa de Wessex. —Uma burguesa acena feliz para a matriarca Wessex, fazendo com que a mesma se contenha para não revirar os olhos.

Gregory e ela costumavam dizer que os burgueses eram as pragas do país, pois tentavam ocupar um lugar que não pertencia a eles.

Provavelmente se o seu esposo fosse vivo naquele século iria ter vontade de se matar, pois os títulos nobiliárquicos estavam ficando enfraquecidos e a burguesia conseguia cada vez mais espaço no parlamento.

— Olá, Melany. — Isabelle responde com um sorriso no rosto, levantando-se e dando um beijinho em cada lado da bochecha de sua interlocutora.

— Por favor, sente-se, soube que sofres dos nervos. — A mulher de trinta anos, loira, fala com um sorriso exacerbadamente branco.

— Sofro dos nervos, não de invalidez. — Isabelle retruca com um sorriso nos lábios. — Conte-me, como vai o seu filho August? Soube que procura uma pretendente.

— Gostaria que fossa a sua filha, todavia soube que predes negociar o matrimônio dela com o Lord Cardiff. — Melany comenta ainda com um sorriso. — Entretanto, tenho que adverti-la que sua herdeira está tendo comportamentos muito inapropriados.

Isabelle tinha consciência que Ariel havia saído

PERIGOSAS ACHERON

ontem pela manhã e só voltara à noite, teve vontade de brigar com a sua filha assim que a viu descer do automóvel, mas se controlou. Provavelmente a mesma estaria na casa de alguma amiga, ou andando pela cidade, mesmo esses comportamento podendo deixá-la falada, a mais velha estava cada vez mais cansada e desejava evitar brigas.

— Ela anda dando um pouco de trabalho, mas nada que um marido, casa, filhos e uma sogra não resolvam. — Isabelle diz tentando ter um pouco de humor na voz, porém estava irritada com o rumo que aquela conversa estava tomando.

Ela sabia educar a sua filha, tinha feito todo o trabalho possível para dar a melhor instrução, mas aquele fato era difícil sem uma presença masculina. Sua sogra havia tentado convencê-la a se casar novamente, pois havia muitos pretendentes que desejavam Isabelle Wessex, mas a mesma recusou a todos, pois afirmava que o único homem que passaria por sua vida seria Gregory. Ele era o destino dela, e se foi tirado de si, significava que a mesma deveria ficar viúva para sempre.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Minha empregada soube pela governanta da casa da Marquesa Potty. — Melany inicia, fazendo com que Isabelle revire os olhos, sem aguentar as fofocas. — Que sua filha passou o dia de ontem entre ciganos.

Isabelle revira os olhos novamente, sabendo que não poderia fazer nada. Já havia tentado direcionar a vida de Ariel, e estava arrumando um casamento para a jovem como uma forma de salvar o futuro da herdeira. A Condessa de Wessex não tinha mais força para viver, e sabia que não poderia deixar sua filha desamparada. Todavia, ela havia herdado o seu temperamento e não facilitava em nada as idealizações da mãe.

A Condessa havia ficado com raiva em saber que a filha estava no meio de ciganos, aquilo poderia chegar aos ouvidos da Duquesa de Cardiff e levar todos os planos de casamento a perder. Mas Isabelle não poderia sair do baile naquele momento para brigar com a mais jovem, caso se retirasse seria de extrema grosseria, ela não estava disposta a ficar falada na sociedade londrina.

PERIGOSAS ACHERON



Ariel estava sorrindo ao lado de Malthus, ambos estavam sentados em frente ao piano, pois Lady Wessex decidiu que tocaria uma peça que aprendera com mãe. Após a composição de Mozart ser tocada, o rapaz a aplaudiu, de forma que a mesma ficasse levemente envergonhada, pois não estava acostumada com aplausos sinceros.

— Tu nunca tiveste vontade de saber sobre o seu pai? — Malthus pergunta, levando a noite tranquila para um assunto mais sério.

— Eu nunca tive a liberdade de perguntar sobre ele, ao mesmo tempo em que eu acho que não é necessário. — Ariel comenta, tocando uma nota grave do piano três vezes. — Ele já morreu, todos sofrem por um acontecido antigo, eu fui fadada a aguentar a melancolia de minha mãe.

— Talvez ela tenha fica daquela forma por amar demais ao mesmo. — Malthus comenta, tentando observar a historia de Ariel por outro ângulo.

— Ou por me amar de menos. — A jovem retruca, revirando os olhos e estralando os dedos. — Acho que seria interessante eu tocar outra sinfonia. — Ariel fala tentando fugir do assunto.

No momento em que ela iria começar a tocar uma peça de Beethoven, as portas duplas da sala se abrem, revelando uma Agatha extremamente furiosa. Ariel estranha o comportamento de sua ama, entretanto apenas a observa ir andando até eles e parar em frente ao piano com os braços cruzados.

— Eu já estou cansada. — Agatha anuncia, fazendo com que Ariel franza o cenho sem entender. — Eu ouvi a conversa de vós, graças a Deus ambos falam alto.

— Do que estás falando, mãe? — Ariel questiona, fazendo com que a senhora leve as mãos aos cabelos de maneira nervosa.

— Não me chames assim, menina, tua mãe fica triste, a mesma já se confessou comigo. — Agatha diz levemente chorosa. — Ouvi o que o garoto

comentou a respeito de seu pai, e de certo que sim. Tu não procuras saber de absolutamente nada sobre ele, talvez o relacionamento seu e de sua mãe melhorasse.

— Ela quem nunca procurou aproximação comigo. — Ariel fala com rancor na voz, observando a mais velha puxar uma chave de um pingente.

— Eu observei todo o sofrimento de sua mãe, via como a mesma era ligada a ti, entretanto se afastou com o sofrimento de perder a sua alma gêmea. — Agatha fala rigorosa. — Pegue essa chave, sua mãe tem a cópia e anda agarrada a mesma, é da sala que a Condessa passa a maior parte do tempo.

Ariel pega o cordão com as mãos trêmulas. Desde pequena tinha a curiosidade em saber o que havia atrás da imensa porta que a mãe desaparecia sem explicação. Lembrava-se que a sua progenitora passava horas dentro do local, e saía sempre com os olhos inchados. Imaginava que teria algo relacionado ao seu pai, e por isso tinha aversão

aquele ambiente.

Na noite do seu baile de apresentação, Ariel tentou entrar ao lado de um rapaz naquela sala. Seu intuito era encontrar um ambiente mais reservado para namorar, todavia um sentimento de querer afrontar a sua mãe estava presente. Ao tentar abrir a porta, ela queria, como uma forma de ir contra as regras, macular o ambiente sagrado para a Condessa de Wessex.

— Quando a senhorita abrir a porta saberá o que tem dentro. — Agatha adverte, saindo da sala sem mais explicações, deixando um Malthus atordado e uma Ariel trêmula, fitando a chave.

— Creio que seja importante tu veres o que tem nessa sala. — O jovem fala com um pequeno sorriso, observando sua amada assentir.

O cigano se levanta do banco, estendendo a mão para Ariel. Ambos, após estarem de pé, vão em direção a grande porta de mogno, que ficava no fim do corredor da ala leste. Malthus imaginava que era algo pessoal, entretanto era sensitivo o

suficiente para perceber que sua amada precisaria de apoio.

Ariel solta um imenso suspiro ao girar a chave na fechadura, o local estava escuro, entretanto a mesma acendeu uma pequena lâmpada que ficava na parede direita. O cheiro de mofo adentrou as narinas dos mesmos, o que fez com que eles percebessem que o ambiente não via a luz do Sol há anos.

Um sentimento de nostalgia apodera-se da mente de Ariel, eram as mesmas sensações que ela teve ao ter contato com a praça do parlamento. Ela conseguia fechar os olhos e sentir o cheiro forte de um Whisky escocês, bem como uma voz melodiosa ecoar em seu cérebro. A mesma voz em que ela, muitas vezes quando não conseguia dormir, imaginava escutar. E foi naquele momento que ela percebeu que, quando criança, tinha alguma ligação forte com o pai.

— Eles formavam um casal bonito. — Malthus quebra o silêncio, ao apontar para um imenso quadro de um homem loiro alto e uma mulher

magra de cabelos negros.

Ariel sente uma lágrima querer escorrer de seu rosto ao ver a pintura. A jovem, que antes analisava com cautela a sala repleta de armas brancas, observa pela primeira vez depois de muito tempo o rosto do seu pai. O encanto foi o primeiro sentimento que passou em sua mente, de fato Gregory Wessex era lindo, dono de um sorriso contagiante e olhos azuis extremamente claros, o cabelo dourado combinava com a pele de porcelana e o nariz aquilino era simétrico.

A sensação de conhecer aquelas características era forte, e foi apenas quando ela observou um espelho ao seu lado que percebeu a semelhança. Ela era idêntica ao pai.

— Tu estás bem, Ariel? — Malthus questiona, recebendo um não em resposta. — Sente-se, tem um divã aqui.

O rapaz conduz a jovem até o divã, que normalmente a Condessa ficava, observando Ariel se sentar com cuidado. Os olhos da jovem estavam

cheios de lágrimas, o simples fato de observar o seu pai feliz ao lado de sua mãe fez com que a mesma entendesse que o amor de ambos era extremamente forte.

— Eu fui uma péssima filha. — Ariel comenta em um suspiro. — Entretanto eu dei a ela o que fui ensinada, e por mais que eu saiba que a mesma precisava de amor e carinho, não consigo me sentir culpada.

— Tu não tens culpa. — Malthus fala acariciando os fios loiros de Ariel. — E sua mãe também não tem, a vida fez com que vós não tivésseis uma boa relação. Infelizmente a dor de perder alguém que se ama é maior que qualquer alegria.

— Eu quero sair daqui, Malthus. — Ariel fala chorando. — Eu quero sair desse lugar, dessa casa, não quero me casar com o Albert, quero que minha mãe me entenda.

— Eu te amo, Ariel. — Malthus fala naturalmente, engolindo em seco ao perceber que

havia dito aquilo. — Sei que não é o momento adequado para se dizer isso, mas eu te amo, desde quando te vi pela primeira vez senti como se te conhecesse.

Ariel fica em silêncio, fitando os olhos âmbar de seu interlocutor. Nunca imaginou que iria receber uma declaração daquela, muito menos em um momento completamente inapropriado. Mas qual era o momento correto para demonstrar o amor? Ela pensar que aquele local era inapropriado a fazia ficar mais próxima a atual personalidade de sua mãe.

— Eu também te amo, Malthus. — Ela responde levemente trêmula, percebendo que aquela frase era verdadeira. — Dizem que o amor é construído, mas eu só de conheço há dois dias e já quero passar até o fim dos meus tempos ao seu lado.

Malthus abre um imenso sorriso ao ouvir aquilo, ele estava feliz em saber que o amor que sentia para com Ariel era recíproco. O amor deles, mesmo novo, era verdadeiro, e ele conseguia sentir

PERIGOSAS NACIONAIS

aquele fato.

— Eu quero te fazer um pedido. — Malthus fala, segurando nas mãos da jovem loira. — Aqui, na sala de seu pai, o Conde de Wessex, junto da memória dele, eu te peço para se casar comigo. Fuja e case-se comigo conforme as minhas tradições, tu serás bem aceita no grupo.

Ariel abre um imenso sorriso ao ouvir aquele pedido, seria a liberdade dela daquele mundo que não combinava consigo. Ela poderia viver em um ambiente mágico, que a mesma se enquadrava perfeitamente. Sabia costurar e poderia fazer as roupas das pessoas do grupo, bem como adorava dançar e cantar. Ela com certeza se adaptaria muito bem ao grupo cigano.

— Sim, eu aceito. — Ariel fala sorridente, abraçando Malthus e fazendo o mesmo cair no chão.

Quando eles se olham finalmente, o magnetismo do momento atrai os lábios de ambos para junto um do outro. Dando início ao primeiro

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

beijo do casal.

PERIGOSAS ACHERON

V

“Desejo ensiná-la exatamente o que eu aprendi com ti, que o amor vale mais que tudo.”

Isabelle havia chegado, no outro dia, muito tarde em casa, sua filha já estava dormindo e não deu tempo de terem uma conversa. A Condessa estava levemente ansiosa com o que falaria para a Lady de Wessex, sentiu-se traída quando soube que a sua herdeira tinha saído sem a sua permissão, ao mesmo tempo em que entendia que para uma jovem viver em um ambiente infeliz era extremamente cansativo.

A Condessa de Wessex sentia-se cansada, a cada dia era como se as suas forças estivessem se acabando. A mesma havia se recusado a tomar os remédios que o médico receitara, o que fez com que os empregados acreditassem que ela estava piorando, pois não queria tratamento.

— Onde está Ariel? — A Condessa de Wessex questiona a uma empregada que passava pelo corredor.

— Não sei, minha senhora. — A jovem fala

PERIGOSAS ACHERON

educadamente, seguindo o seu caminho logo em seguida.

Isabelle vai andando em direção à porta principal, onde se encontravam os mordomos. De fato, a Condessa estava extremamente irritada, tinha vontade de gritar com todos, mas se controlava, pois todas as vezes que se alterava a sua cabeça doía.

— Permita-me falar, Condessa. — Peter, o mordomo e confidente de Isabelle fala, recebendo a atenção da matriarca.

— Sou toda ouvidos, Sr. Hero. — Isabelle fala educadamente, indicando com a cabeça a sala de estar.

Ambos seguem em silêncio até a sala, repleta de poltronas, sofás e divãs, todos com um ar medieval. A decoração não havia sido alterada desde a morte de Gregory Wessex, Isabelle lembrava-se com clareza como eles haviam chegado a um consenso sobre a arrumação dos cômodos, e aquelas lembranças eram o que

mantinham a Condessa sobrevivendo.

— Vi a sua filha saindo mais cedo, senhora. — Peter fala em um sussurro, para que ninguém que passasse soubesse que Ariel estava quebrando, novamente, as regras.

— Sabes para onde ela foi? — Isabelle questiona a Peter, que por sua vez olha para os lados antes de negar cauteloso. — Bem, eu estava precisando lhe falar.

Peter engole em seco ao imaginar que a jovem Ariel poderia estar fazendo, todavia, se os boatos estivessem corretos, ela própria havia escolhido se misturar com um grupo marginalizado pela sociedade. Aquele fato preocupava o mordomo, que havia visto a jovem crescer. Sabia que seria a ruína da família se todo aquele rumor chegasse às mais altas cortes londrinas, Ariel não conseguiria casamento algum e Isabelle não aguentaria mais uma desgraça, principalmente porque essa mancharia o nome Wessex.

— Condessa, far-te-ei uma pergunta bastante

indiscreta, pois me preocupo com a família Wessex desde que trabalho nessa casa. — Peter começa a falar mais baixo que o normal, temendo que alguém pudesse escutar. — A senhora tomou conhecimento de que Lady Wessex está aos encontros com um cigano? E se, de fato isso acontece, por favor, diga-me se é verdade.

Isabelle engole em seco ao ouvir aquilo, infelizmente nem ela conseguia responder a pergunta do mordomo, entretanto, se os boatos chegaram à morada Wessex, significava que Ariel realmente estava em algum tipo de relação com o povo desconhecido. A Condessa sofria internamente por não conhecer a sua filha, deu-lhe a melhor educação possível, e tinha consciência de que a jovem poderia casar-se até mesmo com um príncipe, pois ela era cobiçada pela nobreza, ainda existente, de toda a Europa.

— Tu podes fazer a pergunta que quiser, Sr. Hero. És quase da família, já que acompanhastes toda a minha trajetória. — Isabelle fala com um breve sorriso. — Mas infelizmente eu não posso responder a sua pergunta, tudo o que eu sei são

boatos, os mesmos que o senhor sabe.

— Orarei para que tudo não passe de um mal-entendido. — O mordomo fala para a patroa, que assente em um suspiro falho. — Por que a senhora não desabafa um pouco em seu refúgio?

— Estou pensando em fazer exatamente isso, Sr. Hero. — Isabelle anuncia em um grande suspiro. — Por favor, não deixe que ninguém entre no escritório do Conde, e se desejarem me ver, eu não estarei.

— Como a senhora desejar, Condessa. — Peter fala, fazendo uma pequena reverência e saindo do recinto.

Isabelle captura uma forte lufada de ar, erguendo a postura e saindo, quase que desfilando, do amplo cômodo. Ela segue pelos corredores do palacete, indo até a gigantesca porta dupla de mogno, tão imponente que faria qualquer um pensar duas vezes antes de adentrar no cômodo. Assim que ela gira as maçanetas, a luz adentra no ambiente, entretanto ela é logo bloqueada pelo

fechamento da madeira.

A Condessa de Wessex acende as luzes, indo em direção à imensa mesa do escritório. Aquela cadeira fazia o corpo da matriarca se perder, pois havia sido feita exclusivamente para seu esposo. Isabelle observa a aliança em seu dedo, soltando um imenso sorriso ao se lembrar do dia em que ela lhe foi dada.

Abrindo a terceira gaveta do lado esquerdo, Isabelle pega um álbum de fotografias, algumas poucas que foram tiradas dele e do casal. Ao abrir a primeira, ela pode observar o Conde de Wessex, na época apenas Lord Wessex, trajando um fraque e portando uma cartola na mão esquerda, já que na direita encontrava-se sua linda bengala de cabeça de dragão.

— Sinto tanto a sua falta, Gregory. — Isabelle sussurra, tocando na foto, onde se localizava o rosto delicado do rapaz. — Gostaria de saber o que pensas sobre o que está acontecendo com nossa filha.

Um vento passa pela fresta da porta, fazendo com que Isabelle derrame uma lágrima. Ela costumava, nos momentos de maior dor, ir até o escritório e desabafar com a memória de Gregory. Entretanto, naquele instante ela sentia como se o mesmo pudesse ouvi-la, era como se ele estivesse ao lado dela, abaixado ao lado da cadeira, olhando-a com seus olhos extremamente azuis e seu sorriso alegre.

— Eu errei na educação de Ariel, e agora não consigo mais ter o controle de nossa filha, tenho medo de perdê-la para um mundo que não é nosso.
— Isabelle confessa, deixando as lágrimas cair.

Por um breve momento a mesma sente uma quentura na bochecha, como se Gregory estivesse limpando as suas lágrimas, como ele sempre fazia. Era uma sensação acolhedora, como se o seu amado estivesse voltando.

— Como eu te amo, Gregory, amar-te-ei por toda a eternidade. — Isabelle sussurra, beijando a foto. — Por favor, dei-me um sinal do que fazer.

Ao falar aquilo, Isabelle abre a primeira gaveta do lado direito, onde se encontravam os papéis importantes. Ela começa a vasculhar, como se estivesse procurando algo que nem a própria sabia. Naquele momento ela tentava encontrar alguma essência de seu amado, para que ela pudesse se apegar a imagem de ter forças de continuar.

Enquanto abria uma pasta, Isabelle depara-se um pequeno envelope de pergaminho, selado com o brasão da família Wessex; dois dragões de frente para o outro, com uma imensa coroa pairando sobre eles e ramos de louros em cada lado dos pequenos corpos. Ao observar a carta lacrada, Isabelle pega a adaga do marido, que se encontrava em cima da mesa, abrindo o envelope e retirando o pequeno papel.

“Isabelle, como sabes que sou precipitado comecei a escrever essa carta um mês antes de completarmos bodas. Entretanto, agora eu te desejo, feliz aniversário de quatro anos de casamento, meu bem. Estou tão feliz em te ter, e por teres me dado nossa filha, o nosso pequeno tesouro, creio também que ainda esse anos irás

PERIGOSAS NACIONAIS

engravidar de um garoto, para que os problemas de herdade se resolvam. Todavia, tudo no seu tempo e como Deus desejar.

“Eu gostaria de expressar nessa carta o quanto eu te amo, conheço-te desde que era um bebê, e posso dizer que realmente não sei o que é uma vida sem o ser ao seu lado. Tu me mostraste o que era o amor, ensinou-me toda a humanidade que eu tenho e juntos descobrimos o mundo.

“Com Ariel desejo ensiná-la exatamente o que eu aprendi contigo, que o amor vale mais que tudo. Irei mostrar a minha filha que para amar não é necessário classes sociais e nem etnias, tu se apaixonas pela personalidade de alguém, por sua alma, pelo seu caráter. E eu te amo, amo todos os seus defeitos e virtudes, amo a forma que gargalhas, e principalmente quando me olhas com suas esmeraldas brilhantes e diz que eu sou o amor de sua vida.

“Eu te amo, Isabelle, quero que o nosso amor se propague para a eternidade. Também desejo que saibas: Tu és a minha vida.”

PERIGOSAS ACHERON

Após ler a carta, Isabelle desaba em choros, provavelmente, se Gregory fosse vivo, estaria brigando com a mesma para que ela amenizasse as normas na educação de Ariel. Entretanto, ele havia morrido, e deixado na Condessa uma amargura extrema.

Entretanto, aquela carta havia sido o sinal que ela precisava, foi como se Gregory estivesse dizendo a ela o que fazer. E ela, pela última vez em sua vida, tomaria coragem para ser a antiga Isabelle e fazer o que era necessário.

§§§

Ariel arrumou apenas uma bolsa para levar, nela continha algumas peças íntimas, devido ao fato de que quando ela chegasse ao acampamento receberia um vestido apropriado. Naquela tarde, a jovem Wessex havia detalhado como seria a sua fuga de casa, pensou em deixar uma carta para a sua mãe, entretanto desistiu de mandar notícias, já que a conhecendo, saberia que ela faria de tudo para encontrá-la.

Almoçou com sua sogra, que ao lado de Seth fizeram um casamento improvisado entre ela e Malthus, prometendo que assim que chegassem na Escócia, onde fincariam o acampamento antes de pegar um barco para o continente, teriam uma cerimônia adequada.

Malthus e Ariel já era um casal para muitos do povo cigano, e a jovem estava apenas esperando a hora para sair do palacete, pois o grupo do qual ela agora fazia parte, iria buscá-la em frente aos portões da morada Wessex.

Assim que a jovem olhou para a janela e observou as carroças, seu coração acelerou, fazendo com que o seu corpo seguisse em disparada pelos corredores escuros da propriedade. Ela não cabia em si de tanta alegria, sentia todo o seu corpo formigando de ansiedade, nada poderia dar errado agora que havia encontrado o seu lugar.

— Pare agora onde está. — A voz da Condessa de Wessex ecoa, fazendo com que a jovem paralisasse onde estava. — Para onde tu estás indo, Ariel?

— Irei seguir com o meu povo. — Ariel responde trêmula, observando as pálidas mãos de sua mãe acender uma das luzes. — A senhora não pode me impedir.

— Estou esperando-a o dia inteiro para ter contigo uma conversa. — Isabelle continua, ignorando a resposta da filha. — Chame o rapaz para entrar, quero olhá-lo. — Ariel engole em seco indo em direção à porta, entretanto sua mãe faz um sinal com a mão. — O Sr. Ronalds irá chama-lo, só diga o nome e sente-se.

A jovem olha para baixo, balbuciando o nome de seu amado enquanto observa o senhor vestido com trajes de dormir sair pela imensa porta do palacete, indo em direção aos ciganos alegres que estavam parados em frente a morada.

Isabelle tinha o porte altivo, mantinha uma elegante postura que dava um ar de sobriedade ainda maior quando acompanhada pelo vestido negro. Após algum tempo, a matriarca observa um rapaz jovem adentrar pela porta, fazendo-a soltar um pequeno sorriso ladino ao observar a forma que

ele olhava para sua filha.

Malthus não entendia exatamente o que estava acontecendo, sentia que o plano de fuga dele e de Ariel iria dar errado, mas quando observou o semblante da matriarca, sua intuição disse-lhe o contrário. Conheceu um número suficiente de pessoas em sua trajetória, o que o fez saber analisar o comportamento, e o da Condessa de Wessex estava indicando que uma repressão seria evitada.

— Sente-se. — Isabelle fala, indicando uma poltrona ao lado de Ariel. — Serei direta. Soube recentemente que tu andas encontrando esse rapaz, que não é de nossa classe, Ariel. — A Condessa continua, olhando diretamente para a filha. — E hoje, não só o conheço, como descubro que queres fugir.

Ariel ergue a cabeça, estava farta de temer a mãe, queria liberdade e estava prestes a conseguir, não seria naquele momento que os seus planos e, recentes sonhos, iriam ao fracasso. Havia chegado a hora de enfrentar a mãe.

— Eu não só quero como irei. — Ariel retruca, fitando os olhos esmeraldas de sua mãe. — Encontrei finalmente o amor, e não quero perder essa oportunidade.

— E como sabes que o ama? — Isabelle questiona com um pequeno sorriso questionador, aquela seria a pergunta que, dependendo da resposta, definiria a sua atitude.

— Eu sinto vontade de estar ao lado dele a todos os momentos, mãe. — A loira responde com um imenso sorriso nos lábios. — Não se tem como explicar o amor e nem os motivos de amar, mas sei que quando estou ao lado dele toda a minha infelicidade se acaba, eu só tenho motivos para sorrir e querer estar perto dele. Sinto que o mesmo me completa, antes eu era um vazio, hoje eu sou todas as partículas unidas em um propósito.

A Condessa de Wessex sente uma imensa vontade de chorar ao ouvir aquilo, lembrava-se de como ela dizia que Gregory era o seu amado. Caso o seu esposo estivesse ao seu lado iria dizer que aquele rapaz era sortudo em ter um amor tão

PERIGOSAS NACIONAIS

genuíno daquele, pois sentimentos verdadeiros eram difíceis de encontrar.

— E o que você sente por ela, rapaz? — Isabelle pergunta a Malthus, pela primeira vez falando diretamente com o jovem de cabelos negros.

— Posso dizer que o mesmo. — Ele começa a falar tímido, entretanto solta um imenso sorriso ao fitar os olhos de Ariel. — Quando vi a sua filha pela primeira vez soube que não era de meu mundo, entretanto ela me chamou a atenção de uma forma sem igual. Já vi muitas pessoas em minhas andanças, mas nenhuma tinha o brilho que ela portava, e aquele sentimento se intensificou, principalmente, quando fitei pela primeira vez os seus olhos azuis. Eu senti como se a mesma fosse feita para mim, que estava esperando todos esses anos por ela, tive a impressão de sempre a conhecer. Ouvi muitas histórias de amor verdadeiro e nunca acreditei nele, mas quando vi Ariel soube naquele momento que eu teria a oportunidade de viver um dos amores mais bonitos da história, vencendo até mesmo a morte.

PERIGOSAS ACHERON

O final da frase abalou Isabelle, ouvir o rapaz dizer que um amor venceria a morte era, sem sombra de dúvidas, o ponto mais fraco que ela tinha. A paixão observada pelos olhos de Malthus fez com que a Condessa percebesse que ele amava a sua filha de verdade, tanto quanto Gregory a amava.

— Minha filha está disposta a abandonar tudo o que conhece, títulos, família, costumes, e isso para seguir com você. — Isabelle inicia a sua última pergunta com um sorriso calculista. — E o senhor? Estarias disposto a deixar o seu povo e suas tradições para casar-se com Ariel em tradições britânicas? Aprender toda a arte da nobreza, bem como política para assumir uma cadeira no parlamento, e como consequência viver ao lado dela para sempre?

— Uma pergunta difícil para qualquer homem, mas não para mim. — Malthus fala com um lindo sorriso, sentindo a esperança de ter sua amada ao seu lado, nem que para isso tivesse que abandonar o seu povo e viver uma vida da qual o mesmo não se adequava e abominava. — Mas se for o desejo

da senhora, e essa for a única condição para eu ficar com sua filha. Sim, eu aceito, irei agora mesmo falar com o meu grupo, ordenando que sigam sem mim.

Ariel solta um sorriso ao ouvir aquilo, ele estava disposto a abdicar de tudo por ela, formando assim um sentimento recíproco. Todavia, a garota não queria ficar em Londres, seria o atestado de sua prisão e mesmo ao lado do homem que amava, os costumes da nobreza ainda eram extremamente enfadonhos.

Isabelle ao ouvir aquilo, soube que sua filha seria amada e bem cuidada, de forma que a mesma não tivesse nenhum motivo para impedir a felicidade de sua herdeira. Acima de todas as normas, e influenciada pela carta de Gregory, a condessa decidiu que deixaria a filha seguir o seu destino, acompanhada do amor de sua vida.

— Sendo assim, fujam, saiam agora dessa casa e nunca mais apareçam. — Isabelle fala mesmo contra a sua vontade, pois era de seu desejo ter sua filha ao seu lado. — E, por favor, meu jovem, cuide

bem da melhor parte de mim.

Ariel levanta-se com um sorriso no rosto, sendo acompanhado de algumas lágrimas nos olhos, que naquele momento estavam azuis cristalinos. Lady Wessex, que perderia o título no momento que passasse pela porta, corre até os braços de sua mãe, abraçando-a com um carinho que a mesma nunca havia recebido após os seus quatro anos.

Naquele abraço Isabelle sentiu a sua garotinha de volta, como se Ariel estivesse novamente na primeira infância, naqueles dias em que não havia tristeza na morada Wessex e os risos eram contagiantes.

— Eu te amo, minha mãe. — Ariel fala ao ouvido de Isabelle, fazendo com que a Condessa de Wessex deixasse escapar uma lágrima.

— Eu também te amo, Ariel. — Isabelle fala com um sorriso. — Por favor, querida, me perdoe por não ter sido a mãe que você merecia.

— Eu já perdoei. — A jovem responde, afastando-se do abraço e seguindo ao lado de seu

PERIGOSAS ACHERON

amado até a porta, cruzando finalmente a barreira para a sua felicidade.

Isabelle fica, finalmente, sozinha, sentindo o aperto no peito. Queria ter feito diferente, gostaria de ter pedido para seguir com ela e abandonar tudo, entretanto era abandonar a imagem da família Wessex, consequentemente de Gregory. Seu destino foi um, e o de sua filha é outro, e sabendo daquilo a mesma deixou-a sair de casa.

Ariel finalmente seguiu o amor, caminho esse do qual o seu pai desejava para ela. E Isabelle, ao deixar a filha fugir, soube que aquela conversa nunca mais seria citada, podendo dizer aos outros que sua herdeira havia saído sem o seu consentimento, não sujando assim o nome Wessex. Ela, ao tomar sua decisão, agiu como mãe e matriarca, a primeira quando deixou a antiga lady fugir, e a segunda no momento em que honrou o nome da família de seu marido, evitando escândalo.

VI

*“Seus olhos azuis brilhantes
iluminaram a alma de Isabelle.”*

Dias depois

Isabelle olhava a janela com um misto de melancolia e determinação, sabia que estava prestes a fazer algo que decidiria o seu futuro, entretanto Gregory merecia ter sua imagem honrada, e era exatamente isso que ela iria fazer. Nunca se imaginou tendo uma atitude daquela, todavia era necessário, uma lady deveria estar disposta a fazer tudo pela família, e a Condessa de Wessex era mais que uma lady, ela havia recebido a educação de uma rainha.

A chuva havia dado uma trégua, fato que ela recebeu como se o seu amado estivesse aprovando seus próximos passos. De algum modo Isabelle havia adquirido coragem enquanto lia a carta que o mesmo havia escrito pouco antes de morrer, em comemoração aos quatro anos de casados. Infelizmente as bodas não haviam sido comemoradas, pois o único amor de sua vida veio a óbito.

— Condessa! — Uma empregada ruiva chama,
PERIGOSAS ACHERON

fazendo com que Isabelle olhasse em direção a porta da pequena sala de jogos. — Sr. Thomas está no escritório a sua espera.

— Pode anunciar que eu estou descendo. — Isabelle Wessex fala, olhando em direção a jovem mulher de estatura mediana.

A Condessa de Wessex olha-se no espelho, analisando o seu reflexo. As vestes negras foram substituídas por um vestido vitoriano na cor vermelho sangue, quem a visse daquela forma julgaria inapropriado, pois aquela cor chamativa era associada às prostitutas jovens. Todavia, Isabelle havia encomendado aquela peça especialmente para a ocasião, e sentia-se linda com o pano pesado.

Seu espartilho estava mais apertado que o normal, de modo que ela se lembrasse das advertências do esposo. Contudo, o aperto fazia com que ela tomasse coragem e raciocinasse melhor, o que de fato seria necessário, já que a mesma não deveria ser passional.

— Dei-me forças, Gregory. — Ela pede,

segurando o camafeu que carregava com uma foto dele.

Isabelle, após soltar um longo suspiro, sai da sala, rumando pelo corredor em direção ao escritório. Após alguns lances de escada e virar diversos corredores, a matriarca finalmente chega ao seu destino, onde pôde observar o irmão de seu esposo analisando com cautela todas as armas brancas do local.

Quando Thomas se vira na direção da Condessa, os olhos cinzas brilham, de forma que consequentemente Isabelle se lembre da noite em que seu esposo morreu. Era a mesma tonalidade, ela nunca iria esquecer-se das íris que foram motivo de pesadelo durante muitos anos.

— Boa tarde, irmã. — Thomas fala com um sorriso cínico, fazendo com que Isabelle revirasse os olhos.

— Boa tarde, Thomas. — A Condessa cumprimenta, andando em direção a cadeira negra de seu esposo.

Isabelle senta-se confortavelmente, ficando pequena em comparação ao objeto. Porém, a Condessa, quando estava no antigo posto de seu esposo, ficava demonstrando ser uma mulher forte, digna de todos os seus títulos.

— Já fazem anos que não nos vemos, Isabelle.
— Thomas fala, sentando-se em frente a matriarca, do outro lado da mesa de escritório.

— Para ti é Condessa de Wessex, Thomas. — Isabelle repreende, recebendo em troca um revirar de olhos. — De fato, fazem exatos dezoito anos hoje.

— Uma lástima meu irmão ter morrido daquela forma. — Thomas comenta sem emoção, olhando ao redor do escritório. — Vejo que a Condessa continua a utilizar o espaço de trabalho do Gerg.

— Para ti é Gregory Wessex, ou melhor, Conde de Wessex. — A Condessa o repreende novamente, fazendo com que Thomas soltasse uma gargalhada sarcástica.

— A Condessa nunca pensou em se casar
PERIGOSAS ACHERON

novamente? — Thomas questiona, observando o quadro do casal Wessex pendurada na parede. — A propósito, a senhora está muito bonita.

Isabelle revira os olhos, sentia nojo daquele homem, e principalmente nojo de estar tendo que conversar com o mesmo. Não obstante, tudo aquilo era necessário para ela poder cumprir o seu planejamento, teria que aguentar Thomas e seu cinismo por mais alguns instantes.

—O Gregory me pertenceu, e eu ainda pertenço a ele, ninguém vai tirar essa nossa relação. — Isabelle fala, levando a mão para uma das gavetas sem que Thomas percebesse.

— Todavia, sua filha fugiu, e a Condessa precisa de uma companhia, bem como um homem para cuidar dos interesses Wessex. — O homem de olhos cinzas fala, sem tirar os olhos da pintura de seu irmão e rival.

Isabelle pega o objeto prateado da gaveta e põe em um pequeno bolso que tinha no vestido vermelho. Uma parte do plano estava concluída,

PERIGOSAS NACIONAIS

agora ela só precisava manter a conversa, para poder finalmente concretizar o plano.

— E o homem adequado seria o senhor? — Ela questiona, com toda a ironia que aprendeu com o esposo.

— De certo que sim. — Thomas responde sorrindo, finalmente fitando os olhos esmeraldas. O cinza com o verde finalmente havia se encontrado, travando uma batalha de verdades e mentiras. — Eu sou o mais indicado para assumir o posto, tenho sangue Wessex, e mereço a cadeira no parlamento.

— Com toda certeza. — Isabelle fala com um pequeno sorriso ladino. — E foi pensando exatamente nisso que o senhor resolveu matar o meu esposo?

Thomas arregala os olhos com aquela afirmação, não entendia como depois de tanto tempo Isabelle poderia voltar ao assunto. Era como se o seu crime perfeito tivesse sido descoberto por um detetive amador, que no caso era apenas uma mulher apaixonada.

PERIGOSAS ACHERON

— Não entendo onde estás querendo chegar, Condessa. — Thomas fala, tentando soar o mais calmo possível. — Eu nunca mataria o meu irmão, como havia dito, estava em um pub, tenho testemunhas.

— Tu disseste no dia da leitura do testamento que estavas na fazenda, desgraçado. — Isabelle fala, alterando o tom de voz, entretanto, controla-se para não perder o controle da situação.

Thomas, ao perceber que caiu em contradição, se levanta da cadeira, começando a andar em círculos pela sala. A bota de couro, ao bater contra o piso, ecoava quase que uma sinfonia de horror, ao menos era exatamente assim que aquilo soava para os ouvidos de Isabelle.

— Pode confessar, Thomas. — Isabelle diz levantando-se da poltrona e indo em direção ao cunhado. — Não irei anunciar a polícia, sairás do escritório e continuará com sua vida medíocre, como se nada tivesse acontecido. — A Condessa diz, parando na frente do homem, que devido ao trabalho já continha barba branca. — Lave a sua

alma.

Thomas ao ouvir aquilo, sente fúria em seu coração, soube que nunca teria Isabelle, que matou o irmão em vão, não conseguiu a mulher do qual era obcecado e muito menos os títulos que ele julgava merecer. Foi pensando naquilo que o mesmo foi impulsionado a confessar o seu crime.

— Eu matei o Gregory. — Thomas fala com raiva. — Eu quem apertei o gatilho quando o casal feliz saiu da ópera. Dei dinheiro ao cocheiro para demorar mais um pouco bebendo, foi fácil encomendar uma máscara que cobrisse todo o meu rosto, entretanto os olhos tiveram que ficar de fora, e tu os reconheceste, Isabelle. Sim, Isabelle, recuso-me a chamá-la de Condessa, uma mulher que tem o título por causa de um homem que usurpou os meus direitos de filho mais velho. Em quem deveria ser o Conde de Wessex.

— Arrepende-se do crime? — Isabelle questiona, para ter certeza do que iria fazer.

— Jamais, eu mataria o Gregory novamente se

o mesmo atravessasse aquela porta. — Thomas fala, recebendo uma tapa dada em sua bochecha esquerda. Isabelle não se conteve, perdeu as composturas e bateu no cunhado, entretanto o mesmo apenas soltou um sorriso, continuando a confessar o crime. — Eu tive um imenso prazer ao olhar aquele sangue vermelho, nobre, entretanto igual ao meu, escorrer do peito de meu irmão. Senti-me feliz ao te ver chorar por alguém que nunca mais verias, naquele momento eu finalmente pensei que teria os títulos, e conseqüentemente a ti. Pois eu não imaginava que a Condessa realmente gostasse daquele homem, sempre imaginei que fossem os títulos.

— Tu nunca serás igual ao Gregory, Thomas.
— Isabelle fala quase gritando, controlando as lágrimas para não cair de seus olhos.

— Eu não preciso ser igual a ele, basta saber que estou vivo, enquanto o Gregory está morto. — Thomas fala sorrindo. — Mesmo o idiota tendo posto os títulos em seu nome, eu tive o prazer de saber que ele não viu o crescimento da filha, não pode continuar a vossa história, pois está morto, e

fui eu quem o matei.

Isabelle se descontrola, levantando a mão esquerda para deferir mais uma tapa no rosto do adversário, entretendo o mesmo pega a mão dela no ar, puxando-a para si e ficando a centímetros do rosto dela. O ódio era visto nos olhos esmeraldas, e as íris cinzas estavam turvas de raiva. Thomas tinha rancor de Isabelle, pois nunca o quis, nunca o olhou, e ainda alimentava a ideia de que com títulos ela pudesse olhar para ele.

— Sempre foi e sempre será o Gregory. — Isabelle fala com raiva, e antes que Thomas pudesse fazer alguma coisa, a mesma pega o objeto metálico que estava guardando no vestido vitoriano.

Antes que o irmão de Gregory pudesse raciocinar, a Condessa finca uma adaga de prata, com o cabo cravejado em rubis no coração do homem, de modo que os olhos cinzas se arregalem. Com uma força que a mesma desconhecia ter, e uma frieza que ela adquiriu com o tempo, Isabelle enterra mais a fundo a adaga recentemente

PERIGOSAS NACIONAIS

amolado, rodando o objeto no peito do homem, e fazendo o sangue escorrer, misturando-se ao vermelho de seu vestido.

A adaga era a de Gregory, e Isabelle sentia que, naquele momento, era como se o seu esposo estivesse matando o homem que tirou a sua vida. A Condessa de Wessex utilizou a adaga do marido, como um final irônico para uma história, pois o assassino morre pela arma da pessoa que o mesmo tirou a vida. Após a matriarca Wessex observar que os olhos de Thomas estavam sem vida, a mesma para de rodar a faca no corpo já inerte, depositando-o no chão.

— Da próxima vez escolha um duelo. — Isabelle fala no ouvido do cadáver, com um pequeno sorriso nos lábios. Finalmente seu esposo estava vingado.

Observando a cena, Isabelle entra em desespero. Estava toda suja de sangue, o escritório de seu amado estava maculado, e ela não poderia ser condenada por fazer justiça. Sem pensar no que estava fazendo, a mesma sai da sala às pressas,

PERIGOSAS ACHERON

trancando a porta e ordenando que ninguém entrasse no local.

Agatha, que ainda havia ficado na casa, seguiu a patroa até o quarto principal, observando-a rodar em círculos pelos aposentos, balbuciando palavras desconexas. A empregada, com bastante sofrimento, observou que sua patroa estava em um estado claro de delírio, restando a ela apenas tentar acalmar a Condessa.

— Eu o matei, Agatha. — Isabelle fala olhando para a senhora. — Eu matei o homem que tirou a pessoa mais importante de minha vida de mim.

— Ninguém precisa saber que foi a senhora que matou. — Agatha fala com um sorriso materno. — Existem diversas formas de encobrirmos o que aconteceu.

Isabelle nega levemente, olhando para os lados e deixando as lágrimas caírem. Seu coração estava acelerado, e os sintomas que o médico disse como sendo dos nervos estavam ficando cada vez mais acentuados. Com todas aquelas características em

seu corpo, a Condessa de Wessex soube que estava chegando a sua hora.

— Por favor, eu preciso de um banho, prepare o melhor vestido br

anco que eu tenho. — A Condessa fala soltando um suspiro, ao mesmo tempo em que sente as lágrimas salgadas escorrerem de seu rosto.

— Mas o único vestido branco que a senhora tem é o do seu casamento, Condessa. — Agatha fala com um breve sorriso no rosto, tocando na pele pálida da patroa e sentindo uma imensa quentura. — Minha senhora, tu estás ardendo em febre.

— Meu banho, Agatha. — Isabelle ordena, fazendo com que a senhora assinta, saindo do quarto principal.

Isabelle estava atingindo quase um estado de loucura, sua criada tinha a esperança que ela melhorasse após um banho de água morna, entretanto tudo pirou. A Condessa pediu o vestido do casamento, pondo o mesmo e sorrindo sem parar, ela agia como se fosse o dia em que entraria

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

no altar, todavia, Agatha e Peter conseguiram contê-la, dando um remédio e pondo-a para dormir.

Havia se passado algumas horas desde o grande surto que Isabelle teve, entretanto a febre não baixava e a Condessa ficava balbuciando palavras desconexas, como se estivesse conversando com alguém.

Isabelle sabia que iria morrer, não aguentaria a solidão da casa, lembrar-se-ia constantemente da morte de Gregory e de como teve que fazer justiça ao matar Thomas. Ela não estava preparada para viver em segredos, não teria a companhia da filha, e agora que sua herdeira estava com o amor de sua vida, sentiu-se pronta para finalmente se deixar descansar eternamente.

A Condessa de Wessex não sentia mais o seu corpo, estava perdendo algumas de suas faculdades mentais, ela soube naquele momento que estava morrendo, mas não teve medo do que viria, pois sentiu a presença daquela pessoa que ela mais amava.

PERIGOSAS ACHERON

Ao fundo do quarto ela pôde ver um homem vestido de branco se aproximar, sem precisar pensar muito ela o reconheceu como sendo Gregory. Ele estava mais lindo que nunca, parecia feliz e estava esperando por ela, seus olhos azuis brilhantes iluminaram a alma de Isabelle, fazendo com que ela finalmente se entregasse a inconsciência eterna.

[1] Greg: Apelido para Gregory.

[2] Belle: Apelido para Isabelle.

[3] Harry: Apelido de Henry.

[4] Morfeu, segundo a Mitologia Grega é o deus do sono.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON